



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JONNILDO VILOMAR MATEUS VIANA

**BASÍLIO ESCRITOR:
A LITERATURA *HEXAEMERAL* E O *IN HESAEMERON* BASILIANO
COMO CONSTITUINTES DE UMA TRADIÇÃO LITERÁRIA**

Porto Nacional, TO
2025

Jonnildo Vilomar Mateus Viana

Basílio escritor:
**A literatura *Hexaemeral* e o *In Hexaemeron* basiliano como
constituintes de uma tradição literária**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Juliana Santana de Almeida

Porto Nacional, TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V614b Viana, Jonnildo Vilomar Mateus.
Basílio escritor: A literatura Hexaemeral e o In Hexaemeron basiliano como
constituintes de uma tradição literária. / Jonnildo Vilomar Mateus Viana. –
Porto Nacional, TO, 2025.
129 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2025.
Orientadora : Juliana Santana de Almeida
1. Literatura. 2. Basílio. 3. Escritor. 4. Literatura Hexaemeral. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Jonnildo Vilomar Mateus Viana

Basílio escritor:

***A literatura Hexaemeral e o In Hexaemeron* basiliano como constituintes
de uma tradição literária**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profª. Orientadora Dra. Juliana Santana de Almeida, UFT

Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral, UFT

Prof. Dr. Rodrigo Poreli Moura Bueno, UFT

Prof. Dra. Maria Aparecida de Oliveira Silva, USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Tocantins (UFT) pela oportunidade de estudar e crescer academicamente. As oportunidades recebidas foram e continuarão a ser de alta estima para mim e toda minha família.

Agradeço também ao Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa (CAPES), cujo apoio foi fundamental tanto para minha manutenção financeira quanto para o aprimoramento da minha formação acadêmica.

Agradeço à minha mãe, Maria das Graças Mateus de Sousa; uma prova incontestável do amor de Deus sobre mim. Sem seu apoio, força, e confiança nada disso seria possível.

Agradeço ao meu pai, Jonnildo Vilomar Viana de Sousa: seus conselhos e apoio nas horas de dificuldade foram indispensáveis.

Agradeço à minha orientadora, Juliana Santana de Almeida: a paciência de me ensinar a pesquisar foi inigualável.

Agradeço também à minha professora de grego, Maria Aparecida de Oliveira Silva: muito obrigado pelo estímulo aos estudos e por todos os ensinamentos nesse tão belo e nobre idioma.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a estudar o *In Hexaemeron* de Basílio de Cesareia buscando compreender as circunstâncias em que surgiu e como se originou dentro da grande família de textos que versavam sobre os seis dias da criação segundo o livro do Gênesis. Nesse sentido, foi desenvolvida uma pesquisa que pudesse investigar se de fato as tradições de textos que versavam sobre a cosmogonia do Gênesis fizeram surgir uma tradição literária *Hexaemeral* e o *In Hexaemeron* de Basílio. Analisar essas questões foi o que possibilitou uma avaliação da relação entre o *In Hexaemeron* basiliano e a grande família de textos provenientes da literatura *Hexaemeral*. Logo, a questão principal dessa investigação é: pode-se avaliar a possibilidade dos escritos *Hexaemeris* de Basílio serem pertencentes a uma tradição literária, e, por conseguinte, entender Basílio como renomado teólogo, filósofo, mas também como escritor de literatura? Para a resposta, primeiro procurou-se investigar a natureza do *In Hexaemeron* basiliano e suas principais características; em segundo lugar, buscou-se analisar se porventura essa obra era fruto de uma longa tradição de comentar e narrar os seis dias da criação descritos no livro do Gênesis. A fim de responder essas questões, fez-se necessário explicar alguns aspectos relacionados à vida, formação e estilo literário de Basílio, e, por conseguinte, foi feita uma análise sobre a grande família de textos que narrava a criação. Somente após isso dispusemos das ferramentas necessárias que nos possibilitaram investigar as características literárias da obra *Hexaemeral* basiliana e a performance artística de Basílio enquanto escritor cristão.

Palavras-chave: Literatura. Basílio. Escritor. Literatura *Hexaemeral*.

ABSTRACT

This work aims to study the *In Hexaemeron* by Basil of Caesarea, seeking to understand the circumstances under which it emerged and how it originated within the broader family of texts that dealt with the six days of creation according to the Book of Genesis. In this sense, a research project was developed to investigate whether, in fact, the traditions of texts concerning the Genesis cosmogony gave rise to an *Hexaemeral* literary tradition and to Basil's *In Hexaemeron*. Analyzing these issues made it possible to assess the relationship between Basil's *In Hexaemeron* and the broader family of texts stemming from *Hexaemeral* literature. Therefore, the central question of this investigation is: Can Basil's *Hexaemeral* writings be considered part of a literary tradition, and consequently, can Basil be understood not only as a renowned theologian and philosopher, but also as a literary writer? To answer this, the first step was to investigate the nature of Basil's *In Hexaemeron* and its main characteristics; secondly, it was necessary to analyze whether this work was perhaps the result of a long-standing tradition of commenting on and narrating the six days of creation described in the Book of Genesis. In order to address these questions, it was necessary to explain some aspects related to Basil's life, education, and literary style. As a result, an analysis was conducted of the broad family of texts that narrated the creation. Only after this groundwork was laid did we have the tools necessary to investigate the literary features of Basil's *Hexaemeral* work and his artistic performance as a literary writer.

Keywords: Literature. Basil. Writer. *Hexaemeral* literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Problema da pesquisa.....	10
1.2	Hipóteses da pesquisa.....	11
1.3	Objetivos da pesquisa.....	12
1.4	Exposição das atividades já realizadas.....	13
2	BASÍLIO DE CESAREIA: VIDA E FORMAÇÃO DO ESCRITOR.....	17
2.1	<i>A paideía</i> de Basílio de Cesareia.....	18
2.2	Basílio de Cesareia: atividade literária e a erudição como forma de legitimação teológica e eclesial.....	22
2.3	Basílio de Cesareia e seu perfil literário.....	29
3	DA LITERATURA <i>HEXAEMERAL</i>: A GÊNESE DE UMA TRADIÇÃO.....	38
3.1	Das circunstâncias históricas em que a literatura <i>Hexaemeral</i> surgiu e seu desenvolvimento.....	53
3.2	A literatura <i>Hexaemeral</i> e o fenômeno da recepção do Gênesis.....	56
3.3	A literatura <i>Hexaemeral</i> e sua leitura anagógica do Gênesis: um modo mítico de compreender o <i>kósmos</i>	69
3.4	O <i>In Hexaemeron</i> é também um texto literário.....	74
4	O <i>IN HEXAEMERON</i> E A ARTE DE NARRAR O GÊNESIS.....	77
4.1	Das homilias do <i>In Hexaemeron</i> basiliano: uma breve apresentação.....	80
4.2	Da origem e embelezamento da narrativa sobre a criação: uma análise a partir da primeira homilia do <i>In Hexaemeron</i> basiliano.....	85
4.3	Do caos à ordem: a disformidade inicial da Terra e o ornamento da divina providência na segunda homilia do <i>In Hexaemeron</i> basiliano.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS.....	126

1 INTRODUÇÃO

Nossa investigação propõe-se a estudar o *In Hexaemeron* de Basílio de Cesareia buscando compreender as circunstâncias em que surgiu e como se originou dentro da grande família de textos que versavam sobre os seis dias da criação no Gênesis. Portanto, nossa investigação encontra-se diretamente ligada à tentativa de descobrir se de fato as tradições de textos que versavam sobre a cosmogonia do Gênesis fizeram surgir uma tradição literária, ou seja, a *Hexaemeral*.

Nesse sentido, nosso trabalho propõe-se a responder a uma questão principal: podemos entender os escritos *Hexaemerais* de Basílio como pertencentes a uma tradição literária, e, por conseguinte, entender Basílio como renomado teólogo, filósofo, mas também como escritor de literatura? Para a resposta, primeiro observamos as raízes da literatura de Basílio em sua formação erudita e cristã; em segundo lugar, buscamos descobrir se porventura essa obra era fruto de uma longa tradição de textos com teor literário que se prestavam a comentar e narrar os seis dias da criação descritos no livro do Gênesis; por fim, procuramos investigar a natureza do *In Hexaemeron* basiliano e suas principais características literárias.

Esses passos da investigação são de grande importância para nosso trabalho, pois foi a partir deles que tivemos melhores condições de compreender como o ato de ilustrar as palavras do Gênesis bíblico surgiu, e isso, por sua vez, nos auxiliou a entender se tal atividade era fruto de uma tradição literária que estava surgindo na Antiguidade.

Isto posto, convêm-nos explicar o que é a obra de Basílio cuja análise faremos. O *In Hexaemeron* é um conjunto de nove homilias que versavam sobre a narrativa cosmogônica do Gênesis. Trata-se de uma obra que tinha como proposta contar as origens do mundo a partir de uma narrativa cosmogônica ancestral. É por conta disso que optamos por estudar a obra *Hexaemeral* basiliana e a tradição de escritos da qual ela se originou, pois foi a partir desse estudo tivemos a chance de melhor compreender como se deu o processo de recepção do relato cosmogônico do Gênesis.

Por conseguinte, analisamos o *In Hexaemeron*, algo que nos possibilitou entender como funcionavam as formas de legitimação do discurso cristão de Basílio. Desenvolver um estudo dessa natureza nos oportunizou conhecer as principais estratégias que Basílio adotou para conferir maior prestígio à sua obra *Hexaemeral*, e compreender sua obra nos ajudou-nos a entender quais eram as principais discussões que este tipo de literatura ensejava.

Nesse sentido, para que tal empreendimento fosse feito foi necessário explicarmos

alguns aspectos relacionados à vida, formação e estilo literário de Basílio, e, por conseguinte questões sobre a grande família de textos que narrava a criação. Somente após isso dispusimos das ferramentas necessárias que nos auxiliaram a investigar as origens e principais características da obra *Hexaemeral* do arcebispo de Cesareia. Sendo assim, esperamos que a partir deste estudo possamos contribuir para uma melhor percepção tanto da obra basiliana quanto do fenômeno literário *Hexaemeral* que surgiu na Antiguidade.

1.1 Problema da pesquisa

Analisar a obra *Hexaemeral* de Basílio obriga-nos a conhecer onde ela se originou, e isso, conseqüentemente, faz com que tenhamos de conhecer as principais características que lhe deram forma. Portanto, é disto que parte o principal problema de nossa pesquisa, entender se os escritos *Hexaemeris* de Basílio constituem-se como fruto de uma nova forma literária, e, por conseguinte, entender se Basílio foi, além de teólogo e filósofo, como é reconhecido, também escritor de literatura.

Resolver esta questão demanda-nos desenvoltura que nos possibilite responder como a obra em questão surgiu, isto é, saber suas origens e elementos que a fizeram tornar-se um texto tão importante para a literatura *Hexaemeral* da sua época e também da posterioridade.

Nesse sentido, na tentativa de sermos capazes de dar uma resposta suficientemente embasada, conseqüentemente, apontamos as principais características do texto basiliano, o que nos legou a chance de dissertar sobre o processo literário que culminou em sua existência. Logo, desenvolver tal investigação é importante para a crítica literária, é de certa forma, o que nos ajuda chegarmos a um entendimento minimamente plausível do que significa essa obra basiliana para a literatura patrística, conhecer essas questões implicar em dar conta de explicar como se deram as relações entre o surgimento da literatura *Hexaemeral* e o *In Hexaemeron* de Basílio.

Resolver este problema foi o que nos habilitou a dissertar sobre o fenômeno literário *Hexaemeral* e com isso, saber se a obra basiliana é ou não herdeira desse fluxo da longa tradição de escritos da Antiguidade que se propunham a falar sobre a criação do mundo a partir de um trato especial com o Gênesis. Investigar tal aspecto é o que nos legou-nos a chance de descobrir se esta tradição de escritos *Hexaemeris* e o *In Hexaemeron* de Basílio foram capazes de fazer um novo tipo de literatura cujo ofício era contar os episódios do Gênesis.

Logo há de se mapear os principais aspectos que apontem para a defesa da hipótese da obra *Hexaemeral* basiliana ter sido construída mediante um laborioso processo que denota uma intencionalidade literária por parte de Basílio.

1.2 Hipóteses da pesquisa

Estudar o *In Hexaemeron* basiliano requer que entendamos as origens da tradição literária *Hexaemeral*, e isso implica entender como e em quais circunstâncias surgiu o ato de contar como ocorreram os seis dias da criação. Nossas hipóteses são de que, provavelmente, o ofício de estudar e narrar os eventos do Gênesis tenha surgido durante a Antiguidade Tardia, mais especificamente durante o terceiro século, sobretudo em ambientes de tradição judaica, e que, posteriormente, também se difundiu no âmbito de diferentes tradições cristãs.

Entretanto, no que diz respeito à obra de Basílio, compactuamos com o entendimento de que sua fé era fruto de um árduo exercício da maturação de questões epistemológicas que o inquietavam. Portanto, no intuito de responder aos grupos religiosos e filosóficos da época com os quais dialogava, Basílio, comprometido com a cosmovisão de sua ortodoxia cristã, promoveu uma série de sermões e homilias, que versavam sobre a origem do mundo. Tais sermões visavam a contar um detalhado relato sobre a cosmogonia do Gênesis, e, posteriormente, tornaram-se uma de suas principais obras literárias, ou seja, seu *In Hexaemeron*.

A partir de uma linguagem dinâmica, poética e apologética, Basílio de Cesareia deu forma ao seu *In Hexaemeron*; sua performance era fruto da engenhosidade que também possuía enquanto escritor e orador. Nossa hipótese é que a maneira como conta os eventos do Gênesis tinha o propósito de inaugurar novos modais narrativos e instruir o público de seu tempo segundo sua cosmovisão cristã. Mesmo seguindo o enredo do Gênesis, a inventividade de Basílio não se mitiga, sua criatividade e a literariedade de sua obra emanam das novas estratégias retóricas que adota, e é o que de certa forma possibilita-lhe explorar novos assuntos e recontar a criação do mundo segundo sua cosmovisão cristã e recontar ao seu modo o início do universo.

Para que tal ação fosse possível, ele precisaria ler, interpretar e narrar a cosmogonia bíblica de forma muito cativante. Tal artifício poderia conferir-lhe maior notoriedade e autoridade, pois, uma vez que demonstrasse certo refinamento e erudição, mostraria suas habilidades como especialista do Gênesis. Foi assim que provavelmente seu *In Hexaemeron* nasceu, ou seja, por meio da tarefa de construir uma obra que narrasse os seis dias da criação com grande riqueza de detalhes e que imprimisse em seu conteúdo uma assinatura pessoal de Basílio.

Tais pressupostos levam-nos a conjecturar a possibilidade da sua obra literária ter servido como um potentíssimo instrumento de propagação de suas ideias enquanto escritor

cristão inserido no período da patrística. Pensar nessas hipóteses leva-nos a refletir acerca do real propósito da literatura, pois, no caso de obras *Hexaemerais* como a do *In Hexaemeron* de Basílio, sua função parecia estar intimamente ligada à difusão das ideias de seu escritor.

A capacidade dessa tradição literária de versar sobre o Gênesis foi o que fez surgir obras como a de Basílio, cuja natureza dinâmica e criativa inaugurou novos métodos de abordagem cristã da cosmogonia bíblica. Pensamos que tenha sido dessa forma que essa tradição de escritosse legitimou, ou seja, por ser capaz de comunicar novos entendimentos sobre a criação do mundo.

Entendemos que o ofício de Basílio enquanto narrador e escritor foi o que fez com que ele tivesse de dialogar com diferentes questões teológicas, éticas e epistemológicas de seu tempo, já que era bem provável que a exibição de um perfil erudito não somente o habilitaria para defender suas ideias, mas também o legitimaria frente aos demais intelectuais da sua época, sobretudo os que estivessem inseridos dentro da tradição de narrar e explicar a criação, algo próprio da literatura *Hexaemeral* antiga.

Diante da exposição desses pressupostos, não fica difícil conjecturar que, provavelmente, foi através de Basílio e seu *In Hexaemeron* que a tradição de comentar o Gênesis popularizou-se cada vez mais na Antiguidade Tardia. A ousadia de Basílio em compor seu *In Hexaemeron* foi o que provavelmente o fez se tornar um dos mais célebres inauguradores e difusores desta tradição literária.

Nossa hipótese central, portanto, é que a obra *Hexaemeral* do arcebispo Basílio de Cesareia teve uma origem que estava ligada à tradição de versar sobre os seis dias da criação, tal tradição possuía um ofício que estava intimamente relacionado ao ato de recontar e ilustrar o Gênesis de maneira, épica, poética e engenhosa a fim de que todos pudessem compreender como Basílio acreditava ter ocorrido o surgimento do mundo.

1.3 Objetivos da pesquisa

Temos como objetivo estudar Basílio enquanto escritor de textos também literários e entender como seu envolvimento com a tradição literária *Hexaemeral* fê-lo compor uma de suas mais célebres obras, seu *In Hexaemeron*. A partir disso elencamos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer questões acerca da vida e formação do escritor Basílio de Cesareia;
- A partir da observação das origens da literatura *Hexaemeral*, analisar o perfil literário do escritor;

- Fazer análise das duas primeiras homilias do *In Hexaemeron* de Basílio, observando seus aspectos literários.

1.4 Exposição das atividades realizadas

Durante nossas atividades de pesquisa realizamos os seguintes trabalhos: em um primeiro momento, fizemos uma análise da vida de Basílio; em seguida, versamos sobre a sua *paideía*, por meio disso conseguimos inteirar-nos acerca da sua formação intelectual e tal investigação oportunizou-nos identificar as bases que deram origem ao seu perfil de escritor.

Sendo assim, explicitamos os principais eixos de sua formação e as escolas onde estudou; tudo isso deu-nos a chance de olhar para a trajetória de Basílio de uma maneira mais aprofundada que, conseqüentemente, legou-nos a chance de mapear as principais ideias e categorias de pensamento presentes em sua escrita.

Posteriormente, tentamos demonstrar em que medida sua atividade literária e erudição poderiam ter servido como um forte mecanismo de legitimação teológica e eclesiástica. Perscrutar tal aspecto da vida de Basílio possibilitou-nos compreender os motivos que o levaram a tornar-se um prolífico escritor. Logo, buscamos analisar em que medida suas interações com diferentes temas teológicos lhe oportunizaram a chance de tornar-se um importante escritor da cristandade de sua época.

Depois disso, versamos sobre o perfil literário de Basílio. Focamos em estudar como se deu sua trajetória enquanto escritor e teólogo. Através dessas reflexões conseguimos adquirir um conhecimento mais refinado acerca da sua formação e do seu estilo de escrita. Tais análises ajudaram-nos a identificar os possíveis diálogos que manteve com diferentes artes e epistemologias da Antiguidade e que posteriormente impactaram-no quando compôs sua obra *Hexaemeral*.

No segundo momento analisamos as origens da tradição literária *Hexaemeral*. Tal investigação foi de suma importância para entendermos a tradição de escritos a partir da qual o *In Hexaemeron* de Basílio se originou. Por conseguinte, tentamos esclarecer ao leitor em que circunstâncias históricas a tradição *Hexaemeral* se originara. Com esse momento, buscamos explicar como surgiu o ato de interpretar, narrar e comentar o Gênesis, procurando salientar o contexto político-cultural em que ele surgiu a fim de que pudéssemos compreender a gênese dessa tradição de textos de onde emanou o *In Hexaemeron* basiliano.

Posteriormente, falamos sobre a tradição literária *Hexaemeral* e sua arte de ilustrar o Gênesis. Todavia, para que pudéssemos discorrer sobre a natureza literária dessa tradição, em primeiro lugar, necessitamos explicar qual era nosso entendimento do que seria literatura. Nesse

sentido, tentamos apresentar como fundamentamos nossas noções sobre o fenômeno literário e suas principais características; por conseguinte, somente após a exposição das diversas formas de perceber-se o universo da literatura é que poderíamos apresentar os artifícios que a literatura *Hexaemeral* utilizou para versar sobre os seis dias da criação.

Logo, uma vez que tivéssemos salientado as singularidades que constituem as obras de literatura é que poderíamos olhar para o texto de Basílio com maior precisão analítica e com isso verificar se em sua obra há indícios que atestem a utilização de uma linguagem poética e bem arrojada que serviu de base para o capadócio confeccionar sua obra *Hexaemeral* por meio da qual narraria os dias da criação do mundo.

Falamos ainda sobre o processo de recepção do Gênesis, ou seja, buscamos explicar em que medida a literatura *Hexaemeral*, especialmente a de Basílio, resgatou um mito ancestral para recontar a criação a partir de um engenhoso artifício de ressignificação da cosmogonia bíblica. Quando lidamos com a literatura *Hexaemeral*, vemos que ela surge como fruto de um processo de recepção de uma narrativa cosmogônica presente no mito bíblico do Gênesis; é desse processo de onde emana o *In Hexaemeron* basiliano e todas as obras *Hexaemerais* cristãs que se estenderá da Antiguidade até a Modernidade, quer seja em prosa ou verso.

O que tentamos destacar é que, em suma, a literatura *Hexaemeral* é um reflexo do imaginário religioso da época. Seu surgimento deu-se em decorrência da recepção do Gênesis bíblico e isso desencadeou a necessidade por parte de escritores como Basílio de saber lidar, interpretar e perscrutar com diligência o Gênesis bíblico; mencionar isso é importante, já que para muitos autores como Basílio, o texto bíblico era uma literatura “maior”, pois possuía um conteúdo sublime e espantoso.

Portanto, buscamos enfatizar como o ato de versar sobre a criação demandaria um bom domínio dos ferramentais necessários para interpretar os enigmas do texto bíblico. Nesse sentido, buscamos desenvolver uma investigação que fosse capaz de evidenciar ao leitor que a tradição literária de onde o *In Hexaemeron* basiliano se originara era fruto do processo de recepção de um outro tipo de literatura, isto é, a do Gênesis. O que tentaremos demonstrar é que sem a recepção do mito bíblico dos seis dias da criação, provavelmente a literatura não teria surgido.

Sendo assim, buscamos demonstrar ao leitor que o ato de receber tal relato cosmogônico demandava atividade de leitura e compreensão dessa literatura sacra de uma forma criteriosa e competente o suficiente para não macular o enredo durante seus atos de visitar e recontar os seis dias da criação. A habilidade de desvendar os mistérios do Gênesis estava atrelada a uma atividade hermenêutica, pois para lidar com aquele relato bíblico,

escritores *Hexaemeris* precisavam compreendê-lo e construir suas histórias sem que com isso maculassem o enredo, o roteiro da enxuta narrativa do Gênesis.

Com Basílio, tal fenômeno não fora diferente, e isso, provavelmente, foi um dos elementos que fez com que a literatura *Hexaemeral* se tornasse uma tradição multifacetada, pois, de certa forma, sua gênese estava intimamente relacionada à legitimação destes escritores enquanto verdadeiros intérpretes e narradores dos seis dias da criação.

Seguimos no segundo momento da pesquisa falando sobre as tentativas de leituras anagógicas do Gênesis, ou seja, explicando que elas eram reflexo de um modo mítico de compreensão do *kósmos*. Dessa forma, enfatizamos que a literatura *Hexaemeral*, fonte de onde o *In Hexaemeron* de Basílio se originou, possuía uma forma mítica de compreender o surgimento do *kósmos*. Sua ênfase era fazer com que o seu público leitor viesse a alcançar uma compressão sublime da cosmogonia bíblica. Tal aspecto é uma das principais características do *In Hexaemeron* de Basílio, contar os seis dias da criação como sendo uma bela orquestração divina de forma cativante e com aspectos peculiares, e isso era próprio da literatura *Hexaemeral*.

Logo, tentamos demonstrar em que medida escritores *Hexaemeris* como Basílio de Cesareia narravam a história da criação a partir de uma leitura do Gênesis, cujo foco seria trazer noções sublimes acerca das origens das coisas visíveis. Nesse sentido, buscamos mostrar ao leitor que tais entendimentos não eram pronunciados aleatoriamente; pelo contrário, tinham a função de instruir suas audiências a aprenderem a captar o aspecto excelso contido na mensagem do Gênesis. Sendo assim, buscamos elucidar que a literatura *Hexaemeral* trazia consigo o ímpeto de anunciar aos seus ouvintes que o início do universo era derivado de um princípio ordenador que tudo criava.

Por conseguinte, explicamos que tais artifícios argumentativos eram empregados pelos escritores *Hexaemeris* a fim de ensinar à sua audiência que tudo no *kósmos* tinha a sua função, pois a própria divindade que o havia gerado teria planejado o propósito de cada ente. Portanto, esclarecemos que, para a literatura *Hexaemeral*, nada no mundo era em vão, cada criatura teria seu lugar, e isso, por sua vez, seria um dos principais aspectos a serem observados pelo público desses escritores, ou seja, buscavam fazer suas audiências entenderem que existia uma pedagogia divina que ensinava que cada um tinha o seu devido lugar no mundo.

Por fim, buscamos assinalar que tal entendimento era fruto desse modo mítico de ser e estar no *kósmos*, um dos principais lemas defendidos pela literatura *Hexaemeral*, pois ela visava a demonstrar que os fenômenos presentes na criação apontavam para uma origem transcendente, e, portanto, para contemplar-se o mundo numênico de onde todas as coisas

derivam era necessário que cada um soubesse ler e interpretar o Gênesis a partir de uma leitura cautelosa, sublime e espiritual. Isso os auxiliaria a compreender e aceitar seu real propósito no mundo.

No final dessa segunda etapa do nosso trabalho tentamos esboçar nossos entendimentos dos motivos que fazem com que o texto *Hexaemeral* basiliano também seja considerado literatura. Por conseguinte, argumentamos de modo a aclarar ao leitor sobre a importância de olhar atentamente para a forma como o capadócio narrou cada evento do Gênesis, ou seja, para que dessa forma seja possível olhar para os títulos de cada um dos episódios de sua narração e ver que os novos sentidos que emanavam de sua maneira de relatar como a criação acontecera eram frutos de seu trabalho como contador de histórias e escritor de literatura.

Logo, o que estaremos por dizer é que a obra basiliana é também literária por ser fruto de sua criatividade em relatar com a maior riqueza de detalhes possíveis como a criação havia ocorrido. A literariedade de sua obra reside nisso, em criar uma ambientação necessária para discorrer sobre a criação do mundo a partir de sua brilhante capacidade de conjecturar os pormenores de como o mundo havia sido criado; é nisso que reside seu aspecto poético, pois, muito embora acredite no Gênesis, cria um pano de fundo solícito para destrinchar os enigmas que o texto bíblico não conta. Tal engenhosidade de Basílio é o que lhe possibilita narrar de maneira criativa e com grande riqueza de detalhes cada acontecimento da criação.

Por fim, resta-nos dizer que, no último momento de nossa pesquisa, versamos sobre o *In Hexaemeron* de Basílio e sua arte de narrar o Gênesis bíblico. Sendo assim, fizemos uma breve apresentação das nove homilias da obra *Hexaemeral* basiliana, e, em seguida, direcionamos nossas análises para o conteúdo das duas primeiras homilias do *In Hexaemeron* de Basílio, pois é a partir dessas duas homilias iniciais que conseguiremos mapear a performance do capadócio como narrador. Nosso intento visa a apresentar Basílio como um escritor proeminente, alguém que foi capaz de recontar uma antiga história do Gênesis por meio de uma retórica sofisticada que lhe rendeu a chance de narrar detalhadamente cada episódio da criação por meio de uma beleza poética que é sinônimo da singularidade de Basílio enquanto escritor de textos que, dentre outras peculiaridades, igualmente se configuram como literatura.

2 BASÍLIO DE CESAREIA: VIDA E FORMAÇÃO DO ESCRITOR

Neste primeiro momento versaremos um pouco sobre a vida de Basílio de Cesareia, renomado bispo, teólogo e filósofo capadócio cuja vida e as atividades religiosas aconteceram num espaço majoritariamente conhecido como Ásia Menor. A região onde nascera já se encontrava há muito tempo profundamente cristianizada; a fé cristã, principal elemento que marca tanto a vida de Basílio como de seus familiares, já havia se propagado por muitas regiões do mundo de sua época, era a religião predominante em toda a vasta extensão territorial do Império Romano, seja em sua parte ocidental ou oriental.

A datação de seu nascimento orbita entre o ano de 329 e 330 d.C., sua cidade natal era Cesareia, hoje Turquia. Basílio era de fala grega e, por conseguinte, a maioria de seus intercâmbios culturais foi em ambientes profundamente helenizados. Tais informações são imprescindíveis para que se compreenda com maior clareza tanto a vida como a obra deste tão aclamado bispo capadócio. Além disso, é justo também elucidarmos que a antiga Capadócia, berço de seu nascimento, pertencia à parte oriental do Império Romano, cuja influência grega era de predominância, o que consequentemente explica o perfil helenizado deste bispo cristão cujo epíteto é “o Grande”. Foi em um ambiente com tais tradições cristãs e do mundo grego antigo que cresceu como orador, intelectual e doutor da Igreja. Nesse sentido, foi a soma de um ambiente profundamente helenizado e ao mesmo tempo de vasta tradição cristã, que favoreceu e deu origem à pessoa de Basílio de Cesareia, um teólogo e pensador de grande erudição e oriundo de uma nobre família da aristocracia da antiga Capadócia.

Alguns autores dão-nos a informação de que Basílio era oriundo de uma família abastada, e de uma vastíssima tradição cristã, sendo que a maior parte de seus familiares eram de Cesareia. O seu pai, Basílio, o Velho, era oriundo de uma família proeminente que vivera na região do Ponto; sua avó paterna, por nome Macrina, havia sido educada sob a orientação de Gregório Taumaturgo, discípulo de Orígenes¹. Ou seja, quando analisamos a vida de Basílio, deparamo-nos com um sujeito cuja origem familiar é influente e próspera².

¹ Orígenes, um teólogo cristão de Alexandria, é um dos antigos padres da Igreja cuja influência marcou significativamente o cristianismo tardio. Provavelmente um dos maiores eruditos da Patrística, um dos principais nomes da interpretação alegórica das Escrituras, cujas exegeses do Gênesis provavelmente impactaram a forma como Basílio lia e compreendia esse primeiro livro da Bíblia. Para melhores informações sobre Orígenes consultar Beecroft (2017).

² As informações sobre a vida de Basílio de Cesareia ressaltadas por nós neste texto são respaldadas pelos estudos de Frangiotti (1998, p. 7), cuja consulta possibilitará ao leitor um conhecimento ainda mais detalhado sobre a vida deste capadócio.

Muitos autores informam-nos que desde muito jovem Basílio encontrou-se cercado por figuras ilustres dentro do Império Romano de sua época³. Era filho de Emélia, seus irmãos mais conhecidos eram Macrina Menor, Naucrácio, Gregório de Níssa e Pedro de Sebaste; estes dois últimos também ascenderam ao bispado e tornaram-se muito reconhecidos, assim como Basílio o fora: Gregório na cidade de Níssa, e Pedro na cidade de Sebaste.

2.1 A *paideía* de Basílio de Cesareia

A partir de agora falaremos sobre a educação de Basílio. Sendo assim, a noção de *paideía* com a qual estamos dialogando parte tanto das contribuições de Vann Hoof (2013), que compreende tal conceito como uma espécie de formação cultural helenizada dos indivíduos pertencentes às elites do mundo grego e posteriormente do Império Romano, como de Jaeger (1991), que entendem a teologia cristã como uma ferramenta que tentou disseminar os ensinamentos do cristianismo a partir de uma bagagem cultural grega. Isso provavelmente foi o que possibilitou à literatura dos primeiros padres da Igreja tornar-se quase como uma herdeira da grande tradição oriunda da cultura clássica helênica.

Sendo assim, pode-se dizer que esse processo de formação conhecido como *paideía*, mais especificamente nos momentos atinentes ao IV século, período com o qual estamos a trabalhar, servia como um forte elemento de distinção da identidade sociocultural. Logo, a forma como tal fenômeno ocorria dava-se através do acúmulo de um capital cultural imponente e significativo, oriundo das mais diversas áreas do saber humano daquela época.

De maneira mais objetiva, podemos dizer que se trata de uma formação criteriosa, de grande erudição, por meio da qual muitos indivíduos oriundos dessas camadas mais abastadas do Império eram educados. Logo, era por meio de uma formação diversificada que mantinham seus intensos diálogos com as artes da Oratória, Filosofia, Medicina e demais conhecimentos que grandes centros do saber deste período ofertavam.

Uma vez explicado o principal conceito com o qual trabalharemos nesta etapa de nosso trabalho, poderemos analisar a *paideía* de Basílio de Cesareia com maior clareza. De antemão, é importante dizer que alguns autores sustentam a tese de que a educação de Basílio foi iniciada desde os primeiros momentos de sua infância. Nessa primeira fase de sua vida ele recebeu uma grande atenção por parte de seus pais, que por sua vez legaram-lhe todo o ferramental necessário para que ele tivesse uma boa e bem-sucedida carreira intelectual. Nesse sentido, pensamos que foi graças a essa educação familiar que Basílio conseguiu transitar por grandes centros do saber de sua época.

³ Tais informações podem ser averiguadas no trabalho de Vasconcelos (2017), já que, nessa dissertação, há uma boa apresentação da vida de Basílio de Cesareia desde a sua procedência familiar até sua formação de erudito.

Foi a formação criteriosa oriunda do ambiente familiar que lhe possibilitou sobressair-se como erudito e aclamado teólogo capadócio. Na primeira infância, foram os seus familiares que o estimularam a aprender a ter gosto pelas artes e filosofia, apreço este que o levou a aprimorar-se cada vez mais no infindável oceano do conhecimento humano. Em termos mais precisos⁴, ousa-se dizer que a educação religiosa de Basílio de Cesareia pode muito bem ser compreendida como um processo perene, que se iniciou desde o berço e prolongou-se por toda a sua vida.

Seu contato com o universo das letras, da retórica e da filosofia é uma das principais chaves de compressão de seu pensamento. Entendemos que tal fenômeno pode ter sido potencializado por dois motivos principais: pelo ofício de clérigo e pelo próprio meio familiar, que era um ambiente composto por pessoas eruditas e que dominavam diversas artes.

Em linhas gerais, a educação de Basílio pode ser compreendida a partir de vários prismas, sendo fruto de um longo processo cujo início ocorreu em ambiente familiar, principalmente pelo intermédio de sua avó, Macrina Maior, e de seu pai, Basílio, o Velho, que por sinal fora famoso e aclamado professor de Retórica na região do Ponto. Alguns autores⁵ são enfáticos em informar-nos que essa etapa da vida do capadócio deu origem ao Basílio piedoso, uma vez que no seio de sua educação doméstica o conhecimento dos grandes clássicos da tragédia e da comédia grega eram postos de lado pelos seus parentes a fim de dar maior atenção para os ensinamentos dos Salmos e demais livros bíblicos.

Basílio de Cesareia nasceu em um ambiente profundamente cristão, e seus escritos refletem intensamente o zelo que nutria pelo universo religioso do qual se originou. É impossível dissociar sua formação espiritual da elaboração de sua obra, seu *In Hexaemeron* é um exemplo notável de sua capacidade singular de dialogar com os textos bíblicos e de atribuir-lhes novos sentidos. Sua performance enquanto escritor revela-nos uma habilidade notável de instrumentalizar passagens das Escrituras para narrar histórias e ilustrar aspectos que considerava centrais à mensagem bíblica. Essa engenhosidade presente em seus textos demonstra-nos claramente como a formação de um autor pode influenciar diretamente seu estilo e suas escolhas literárias. No caso de Basílio, a instrução cristã recebida desde a infância teve papel determinante na construção de seus textos.

Por outro lado, o conhecimento proveniente de uma sabedoria secular presente nas escolas por onde transitou foi responsável por imprimir na personalidade de Basílio seu interesse por diversos temas da epistemologia de sua época. Ousamos dizer que foi dessas

⁴ As informações trazidas aqui podem ser consultadas na obra de Fialon (1981), cujo título é *Étude Littéraire sur Saint Basile*.

⁵ *Idem*.

escolas do mundo tardoantigo de onde emanou o apreço de Basílio pela filosofia e retórica de sua época; foi do contato com as escolas de Filosofia e Retórica do Mediterrâneo Tardio que surgiu o Basílio pensador, orador, mestre da retórica e escritor⁶. Por fim, temos um outro perfil de Basílio, isto é, do seu dogmatismo e de sua teologia, cuja formação era oriunda tanto do seu ambiente familiar quanto da educação eclesiástica. Foi a partir do contato com os grandes temas da teologia de seu tempo, no qual seu cristianismo estava inserido, que surgiu o Basílio teólogo e doutrinador. São Basílio, o Grande (Ἅγιος Βασίλειος ὁ Μέγας), um dos maiores doutores da Igreja Católica, cujo impacto alcançou muitíssimas gerações de intelectuais dos mais diferentes cristianismos tardoantigos.

Tendo salientado tais observações, é justo retomarmos uma informação importante no nosso trabalho, a de que o pai de Basílio fora um notável professor de Retórica, algo que provavelmente marcou sua formação, pois, posteriormente, este arcebispo e teólogo da Capadócia também exerceu o mesmo ofício. Sendo assim, podemos pensar que a relação com o universo das letras e das artes fez parte de um percurso natural trilhado por ele desde a tenra juventude. Sendo assim, pode-se dizer que essa familiarização com o mundo das letras foi um projeto pensado pela sua própria família. Dizemos isso, pois os familiares que o educaram durante os primeiros momentos de sua infância também transitaram por este meio; algo perfeitamente compreensível, visto que ele era oriundo de família famosa, abastada⁷ e igualmente bem-educada.

Tornamos a salientar a informação sobre o pai de Basílio, pois a bibliografia especializada informa-nos que foi com ele que aprendeu suas primeiras lições de Retórica. Sendo assim, o capadócio passou os primeiros anos de sua adolescência estudando em sua terra natal. Somente após esse período ele ingressou em escolas mais conceituadas que existiam na bacia do Mediterrâneo Oriental. É a partir desse trânsito por vários locais de formação que ele começa a construir seus laços de amizade com diferentes estudiosos da época. Um dos amigos que Basílio conheceu durante sua itinerante vida de estudos foi Gregório Nazianzo⁸, um dos mais próximos e que muito o ajudaria nos momentos de adversidade.

⁶ *Idem.*

⁷ Para obter maiores informações sobre a procedência familiar de Basílio de Cesareia indicamos a leitura de Migne (1857, p. VI-VII.) com sua série da patrologia grega. Nela o referido autor detalha minuciosamente questões relacionadas à origem e vida de Basílio.

⁸ Gregório Nazianzo foi um bispo que nasceu por volta do ano de 329 perto de Nazianzo, antiga Capadócia e atual Turquia. Estudou durante muitos anos em Atenas e ali conheceu Basílio de Cesareia, amigo com quem nutriu grandíssima amizade.

Alguns autores como Ayres e Gallwitz (2010) informam-nos ainda que Basílio recebera educação filosófica nas escolas de Constantinopla (348/49) e Atenas (349/350). Estes locais por onde transitou após a sua primeira infância foram de extrema importância para consolidação de sua formação de intelectual da época, já que estudou com Libânio⁹, em Constantinopla, e com os professores de Retórica Proerésio¹⁰ e Himério¹¹, quando residiu em Atenas.

Pode-se dizer que a própria formação de Basílio é um exemplo claro de como a vida intelectual para alguns grupos abastados do Império iniciava-se muito cedo, ainda junto à família. Tais informações sobre sua *paideía* são destacadas por inúmeros autores, especialistas que estudaram as mais diversas obras que deixou. A bibliografia especializada chega a informar-nos que chegou até mesmo a estudar com quem seria o futuro imperador do mundo greco-romano, o até então jovem estudante Juliano, que seria conhecido posteriormente pela cristandade ortodoxa como Juliano, o Apóstata¹².

É no interior da sua formação de estudante de Filosofia, Retórica e Teologia que veremos as bases que fundaram seu posicionamento crítico em relação aos temas filosóficos e teológicos de seu tempo. Esses aspectos relativos à sua formação incidiram diretamente em sua trajetória de escritor. É na sua extensa atividade literária que veremos essas discussões serem refinadas, ganharem sofisticação, uma maior fineza, um padrão estético singular com o manejo das palavras responsável por destacá-lo como grande autor que popularizou ainda mais a tradição literária *Hexaemeral*.

Diante disso, passamos a compreender de maneira mais clara o motivo que fez com que Basílio recebesse o epíteto de “o Grande”. Dizemos isso porque, de certa forma, fora a mescla desses diferentes níveis de formação que deram origem ao perfil opulento de Basílio, característica que permanece em seu estilo literário no qual são perceptíveis todas as áreas do conhecimento humano com que ele dialogou. Seja a Teologia, Filosofia ou Retórica, nada disso teria sido possível se o conhecimento religioso e secular não tivesse sido fundido na simbiose

⁹ De acordo com Vann Hoof (2014), Libânio nasceu em Antioquia em 314 e foi um retórico famoso, pois apesar de ser oriundo de uma família pobre resolveu estudar Retórica durante a juventude. Além de passar por uma boa formação e ter mergulhado nos estudos retóricos, estudou com Diofânio entre 336 e 340, e provavelmente havia conhecido o futuro Imperador Juliano quando passou um período em Nicomédia. No entanto, foi somente em 349 quando se mudou para Constantinopla que recebeu maior reconhecimento através dos governadores da região, do senado e do então Imperador Constantino II. Foi ali onde consagrou-se como grande professor de Retórica Grega e destacou-se como grande intelectual.

¹⁰ De acordo com Di Branco *et al.* (2011), Proerésio foi um sofista professor de Basílio de Cesareia e Gregório de Níssa, que viveu entre 267 e 367.

¹¹ Himério: sofista oriundo da Bitínia que viveu provavelmente entre 314 e 386.

¹² De acordo com Kovács (2016), mesmo tendo um reinado curto entre 361 e 363 Juliano, o Apóstata foi um dos mais conhecidos imperadores da dinastia de Constantino e teve sua popularidade devido às suas obras e à produção historiográfica de Amiano Marcelino e Libânio.

que foi a base de sua formação erudita. Todo este processo foi fruto, provavelmente, do perfil abastado de sua família, que lhe possibilitou transitar por grandes centros do saber de sua época e dialogar com as mais variadas epistemologias de seu tempo de maneira progressiva e bem maturada.

2.2 Basílio de Cesareia: atividade literária e erudição como forma de legitimação teológica e eclesiástica

Já expressamos que desde sua infância Basílio recebeu uma educação rígida por parte de sua família que, por sinal, fora uma das principais responsáveis por imprimir em sua personalidade um certo apego em relação ao mundo das letras e demais artes de seu tempo.

Sendo assim, a partir de agora faremos uma ligação entre a formação intelectual de Basílio e seu processo de legitimação enquanto teólogo, escritor e bispo, a fim de que com isso consigamos compreender como esse processo incidiu na sua formação de apologeta cristão, que é uma das principais facetas pelas quais poderemos compreender mais significativamente seus escritos.

Logo, nesta etapa de nosso trabalho procuraremos averiguar de que maneira a formação intelectual de Basílio, seja por parte da família ou pelas escolas pelas quais transitou, impactou sua forma de lidar com o mundo da filosofia, da teologia e das demais artes da época.

Dessa forma, não será difícil olharmos para a vasta produção literária do escritor como projeção de suas experiências de vida. A partir de seus escritos ele compartilha seus múltiplos aprendizados, reflexo do seu processo formativo, de amadurecimento de suas ideias, reflexões teológicas e filosóficas. Partindo de sua obra literária ele ofertava aos seus ouvintes um olhar criterioso acerca do universo que nos rodeia; é como se seus escritos fossem um referencial pedagógico que procurava instruir seu público em questões dos mais variados temas, da melhor forma possível.

Diante de tal entendimento, é fundamental que, ao olharmos para a intensa produção literária de Basílio de Cesareia, não nos esqueçamos de ver neste arcebispo um compromisso para com o universo simbólico dos cristianismos com os quais dialogava. Dizemos isso, pois, de acordo com Todorov (2010), um dos principais propósitos da literatura é expressar sublimes questões do pensamento humano. Tal fenômeno não fora diferente com Basílio, já que foi através de suas homilias, sermões e demais produções textuais que ele expressou suas visões de mundo e legitimou-se como clérigo e escritor.

Sendo assim, é justo dizermos que não ousaremos compreender a literatura como produto desprovido de historicidade. Pelo contrário, compreendemo-la como fruto de uma

requintada forma de elocução do pensamento de um determinado escritor, e que, de maneira alguma, encontra-se desassociada da formação intelectual dos literatos em seus mais diversos tempos. Com Basílio de Cesareia tal processo não foi diferente. Sua trajetória de noviço estudante, que transitava pelas escolas de Filosofia e Retórica do Mediterrâneo tardoantigo, impactou diretamente sua produção literária.

Somos adeptos também do entendimento de que a formação de um escritor tem muito a dizer sobre sua escrita. Portanto, quando se analisa uma determinada obra literária é importante conhecer um pouco da cosmovisão dos seus respectivos escritores, pois assim teremos um panorama mais completo das literaturas que analisaremos. Junto a isso, pensamos que a atividade literária se constitui como um potentíssimo instrumento de legar às gerações vindouras seus saberes e suas descobertas, ou seja, as questões epistemológicas, estéticas e éticas que marcaram sua época.

Nesse sentido, quando analisamos a trajetória intelectual dos escritores e a correlacionamos com questões particulares do estilo literário de cada um em suas próprias obras, passamos a fazer uma crítica literária mais robusta e dinâmica. Portanto, entendemos que é por meio de tradições literárias, entre outras, que temos acesso aos temas que impactam o gênero humano em determinadas épocas. Sendo assim, é muito provável que alguns escritores, quando ousaram legar para a posterioridade os temas que os impactavam, deixassem, de algum modo, marcas de suas formações à medida que davam forma aos seus escritos.

Podemos até dizer que, no caso de Basílio de Cesareia, o seu perfil literário pode ser lido a partir de certos filtros históricos. Pensamos isso, pois, se há uma literatura *Hexaemeral* basiliense que versa sobre questões caras à Filosofia e Teologia de seu tempo, que foi construída a partir de uma sofisticação argumentativa que era própria de Basílio, tal fenômeno em hipótese alguma aconteceu de forma aleatória; pelo contrário, teve suas origens, e elas, por conseguinte, podem muito bem ser mapeadas e discutidas pela crítica especializada.

Estamos cientes de que é através da arte proveniente da literatura que podemos conhecer tanto seus escritores como questões relacionadas ao mundo em que viviam. Através dela temos a possibilidade de ler o campo das relações humanas de uma maneira mais consciente, para além de um olhar míope, que se esquece das riquíssimas contribuições que o mundo das artes oferta ao plano do conhecimento humano ao longo dos tempos.

É em meio a esse universo que a literatura *Hexaemeral* de Basílio de Cesareia se encontra. Sendo assim, para que possamos compreendê-la é preciso primeiro esclarecer que o fenômeno literário é antes de mais nada fruto do engenho humano, está dentro do universo das artes. Para investigá-lo com destreza e acuidade, faz-se necessária a utilização dos recursos, das

ferramentas próprias da crítica literária, pois é a partir dela que a dissecação de uma determinada obra literária torna-se possível.

Por exemplo, o uso especial das palavras, a forma específica de narrar-se um conteúdo, uma história, faz parte de um conjunto de escolhas de cada autor. Tudo isso é orquestrado de uma maneira singular à medida que a explicitação de um tema e de uma questão específica da vida humana faz-se necessária por determinado escritor. Logo, atentar para essas questões é fundamental para compreender-se as sutilezas e a riqueza de significado por trás das palavras de autores tão prolíficos como Basílio.

Analisar literariamente a obra *Hexaemeral* com a qual estamos por trabalhar implica deparar-se com temas do imaginário religioso e também epistemológico de sua época. Entender o *In Hexaemeron* basiliano por tal ótica oferta-nos um pano de fundo mais propício para estudarmos o complexo plano das relações humanas, bem como suas cosmovisões no interior de algumas comunidades cristãs como a de Basílio. Vejamos a seguinte reflexão que explicitará o motivo de olharmos para a arte literária a partir desta perspectiva:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2010, p. 76).

A passagem supracitada serve para demonstrar que a literatura pode muito ajudar o leitor a regravar uma relação mais proveitosa com o meio à sua volta, pois ela traz uma revelação do mundo, algo que muitas vezes pode nos escapar. Com a literatura *Hexaemeral* também podemos analisar muitas questões relacionadas às visões de mundo que circulavam dentro de alguns grupos cristãos que viveram durante o IV século.

Ter acesso a esse conhecimento, do universo simbólico presente na literatura *Hexaemeral* de Basílio, é ter acesso a uma profunda gama de significados que podem ser acrescidos ao nosso cabedal cultural, já que tais temas propostos pela literatura *Hexaemeral* ainda dialogam e impactam diretamente muitas visões de mundo dos cristianismos que existem na contemporaneidade.

Se olharmos para a numerosa produção literária de Basílio de Cesareia não será difícil enxergá-lo como um prolífico escritor. Veremos que sua literatura, não muito diferente das outras produções literárias de seu tempo, cumpriria uma função específica em sua sociedade. Suas obras atendiam às necessidades da sua ortodoxia cristã, pois Basílio era um apologeta cristão, e, no que diz respeito ao relato cosmogônico do Gênesis, ele adotou em muitas ocasiões uma compreensão de mundo intimamente relacionada às questões de sua fé.

Conforme apontado, a trajetória educacional de Basílio foi o que propiciou o surgimento de um escritor tão complexo e estudado até os dias de hoje. Ou seja, todo o perfil pomposo da literatura *Hexaemeral* que Basílio escreveu pode ser visto como um reflexo da boa educação que recebera. Dizemos isso pois os contatos com grandes centros de saberes da época, bem como um relacionamento com grandes mestres do mundo antigo, era algo imprescindível na trajetória destes bispos que, a exemplo de Basílio, legitimavam suas categorias de pensamento através de suas reflexões, que, por sinal, encontravam-se em seus mais variados tipos de produções literárias.

Isso vale a pena ser ressaltado pois as complexas relações de poder intimamente ligadas ao bispado, os relacionamentos com autoridades político-administrativas do Império, requeriam uma certa capacidade de gerenciar, seja no âmbito das letras, teologia ou filosofia, uma atuação mais autônoma, que fosse veemente o suficiente para a manutenção de suas atividades apologéticas. Nesse sentido, uma boa formação, e a própria sofisticação intelectual presente nos escritos de Basílio, de uma forma ou de outra, auxiliavam figuras iguais a ele que faziam parte do episcopado tardoantigo a legitimarem-se como verdadeiros astros de suas doutrinas.

É a partir de sua literatura que descobriremos como as questões que o inquietavam foram apreendidas e estudadas por ele. Dessa forma, seu legado literário proporciona-nos a chance de olharmos para o interior das relações eclesiásticas do período tardoantigo como um amplo campo no qual a legitimação da vida de determinados intelectuais da igreja era salvaguardada; ou seja, a partir das mais sofisticadas produções literárias advindas destes clérigos.

Por exemplo, a partir do *In Hexaemeron* de Basílio vemos como determinadas discussões da cosmologia de sua época impactavam diretamente o embasamento doutrinário que a teologia de seu tempo tinha de enfrentar. Isso ocorria principalmente no tocante ao ensino e orientação dos fiéis que Basílio e demais bispos do IV século estavam por pastorear. Esse é um bom exemplo de como a literatura tem um potencial de nos mostrar questões orgânicas do universo simbólico de seu tempo. Com base nisso, vejamos mais uma passagem que explicitará essa questão acerca da importância da literatura para esta etapa de nosso trabalho:

O encontro com a excelência da literatura é o encontro com a forma talvez mais sublime de pensamento. É certo que a literatura não encerra um pensamento racionalista e analítico, segundo o rasto que os parâmetros de uma ciência iluminista e positivista nos legaram no meio acadêmico. Ao contrário, a literatura abre-nos a um pensamento modalmente narrativo, capaz de ler incisivamente a realidade e o humano, de os transcender imagetivamente e de por isso a eles regressar propositiva e profeticamente (Vasconcelos, 2017, p. 9).

A passagem supracitada serve para mostrar-nos como a literatura tem um poder de auxiliar-nos a compreender o pensamento humano de uma forma singular. É através dela que comunicamos às gerações posteriores as questões que nos inquietam e os novos conhecimentos descobertos. Pensamos que esse caráter especial da literatura tenha auxiliado Basílio a refinar seu cabedal cultural de uma forma bastante significativa, principalmente quando ele passou a ter contato com os grandes autores do período clássico, seja por meio de Homero ou Hesíodo, dentre outros. Talvez tenha sido isso o que fez com que não perdesse o vínculo com a tradição e a formação de seus tutores, isto é, a *paideía* por meio da qual todo e qualquer autor passa quando se insere na vastíssima odisseia da vida terrena, sobretudo no mundo das letras.

Em síntese, o florescimento de inquietações relacionadas aos dogmas de sua fé é quase como um retrato da educação que Basílio um dia recebera. Seu perfil literário, as motivações que o levaram a escrever sobre temas teológicos e cosmológicos tão protuberantes são reflexos de sua formação, espelham a prestigiosa educação das escolas de Filosofia e Retórica onde estudou. Olhar para a literatura *Hexaemeral* basiliiana é olhar de certa forma para os grandes centros de saber da época de Basílio e ver como as questões epistemológicas de tais locais incidiram sobre a visão de muitos bispos cristãos que por lá transitaram.

De certa forma, pensamos que talvez tenha sido para isso que tais obras literárias tenham sido compostas, para apresentar ao mundo cristão de sua época um panorama das questões hermenêuticas e doutrinárias com as quais tais bispos simpatizavam. Tal exercício era importante de ser realizado, pois bispos como Basílio eram compreendidos como satélites naturais da cristandade.

A imagem prestigiosa do episcopado junto à esquematização deste tipo de discurso que a legitimava devia-se, em certa medida, ao fato de tais clérigos defenderem a tese de que receberam uma instrução advinda de uma luz maior. Era a partir disso que eles educavam uma vasta comunidade de fiéis a seguir de maneira mais iluminada os caminhos necessários para uma vida cristã pautada nos dogmas que cada clérigo, fosse bispo ou arcebispo, pregava.

Dessa maneira, devemos observar que o discurso proveniente da ortodoxia cristã em suas mais variadas formas deve ser analisado como estratégia que possibilitava a autolegitimação das categorias de pensamento destes membros do clero que almejavam lugar de destaque no império.

O que aconteceu com a literatura *Hexaemeral* basiliiana é um bom exemplo de como os cristianismos da época necessitavam organizar seus conteúdos dogmáticos dentro de um império que se cristianizava cada vez mais. Todos esses artifícios argumentativos eram formas de administrar epistemologias da época que, embora algumas vezes fossem favoráveis aos

discursos de muitos bispos cristãos desse momento, em outras poderiam ir na contramão de suas cosmovisões. Quanto a isso vejamos:

A cristianização do Império Romano foi grandemente acelerada pelo apoio de Constantino à nova religião. Isto resultou num crescimento exponencial da Igreja ao longo dos séculos IV e V. À medida que cada vez mais pessoas procuravam o batismo, as congregações existentes cresciam em tamanho, novas comunidades eram fundadas e novas igrejas eram construídas, e a necessidade de clérigos ministrarem às suas necessidades aumentava em conformidade. O episcopado não só cresceu em número numa escala sem precedentes, mas os bispos também adquiriram grande visibilidade pública como representantes da religião cristã e como porta-vozes das suas comunidades. Os bispos juntaram-se aos velhos aristocratas, aos detentores de cargos cívicos e aos novos ricos para assumir uma posição proeminente na sociedade e um papel de liderança pública. Dentro da Igreja, eles ocuparam um papel de liderança exclusivo durante pelo menos dois séculos¹³ (Rapp, 2000, p. 379, tradução nossa).

A passagem deixa evidente que a participação ativa de um bispo nesses momentos específicos da Antiguidade forjava-se como mecanismo e ferramenta por meio da qual certas figuras de poder influenciavam a maneira de se pensar e agir no mundo. A produção de certas obras dogmáticas, ou comentários teológicos que deram origem à literatura *Hexaemeral* era uma das muitas formas que estes bispos utilizavam para salvaguardar suas visões de mundo, que, por sinal, serviam para que estes pudessem melhor administrar suas comunidades de acordo com as visões doutrinárias e teológicas às quais eram simpáticos.

Vemos, portanto, que o *modus operandi* dos discursos oriundos destes bispos era arquitetado previamente de forma a influenciar diversas questões da vida civil de um império que a todo instante cristianizava-se mais. Talvez esse fosse um dos papéis mais importantes de um bispo durante o período em que Basílio viveu.

Salvaguardamos este aspecto, pois em momentos posteriores de nossa investigação seremos capazes de olhar para a trajetória eclesiástica de Basílio com um olhar mais aprofundado no que diz respeito à sua produção literária. Salientamos isso pois é desta forma que conseguiremos interpretá-la como um fenômeno que estava intimamente relacionado à necessidade de legitimar-se não só como arcebispo da Capadócia, mas, sobretudo, como

¹³ No original: The Christianization of the Roman empire was greatly accelerated by Constantine's support of the new religion. This resulted in an exponential growth of the Church in the course of the fourth and fifth centuries. As ever more people sought baptism, existing congregations grew in size, new communities were founded, and new churches were built, the need for clergymen to minister to their needs increased accordingly. The episcopate not only grew in numbers on an unprecedented scale, but bishops also acquired great public visibility as representatives of the Christian religion and as spokesmen for their communities. The bishops joined the old aristocrats, the civic officeholders, and the nouveaux riches in assuming a prominent position in society and a role of public leadership. Within the Church, they had occupied an exclusive leadership role for at least two centuries.

teólogo e vivaz defensor da ortodoxia cristã nicena¹⁴. Vejamos mais uma passagem a respeito do papel de destaque de que um bispo usufruía nesse momento específico da Antiguidade:

O estatuto dos bispos em relação às suas comunidades e em relação aos demais ministros sofreu profundas mudanças no decorrer dos primeiros séculos cristãos. Na era apostólica, as tarefas de um *episkopos* eram abrangidas pelo significado literal da palavra grega, nomeadamente “superintendente”. A sua função era em grande parte administrativa – especialmente importantes eram o monitoramento dos fundos recebidos e a alocação de despesas para causas de caridade – enquanto o ensino e a pregação eram realizados por aqueles que tinham os “dons do Espírito”, os profetas e os professores. Esta fase inicial também foi marcada pela nomeação de vários *episkopoi* dentro de cada comunidade. Assim, foi apenas com o desenvolvimento do monoepiscopado, quando um bispo servia uma comunidade, que os bispos começaram a ocupar uma posição de elite dentro da Igreja (Rapp, 2000, p. 380, tradução nossa).¹⁵

Com base na passagem supracitada, podemos perceber que a própria origem do termo *episcopos* tem muito a dizer-nos sobre o papel desempenhado por este tipo de membro do clero e suas respectivas atividades eclesiásticas. O episcopo, ou melhor dizendo, o bispo, aquele que exercia o bispado, era alguém que tinha a função de, a partir de um ponto de vista privilegiado, isto é, de uma notável e sublime visão da realidade, servir como farol que orientava as comunidades cristãs nos mais diversos temas da vida corriqueira.

De maneira bem enfática, devemos esclarecer que o status de bispo na Antiguidade Tardia era de grande privilégio frente à administração do Império. Portanto, o ato de legitimar-se frente aos seus pares era uma tarefa quase que vital para a perpetuação de suas influências. Isto, de certa forma, era bem orquestrado por Basílio quando compunha seus tratados teológicos e comentários bíblicos, como é o caso de seu *In Hexaemeron* e demais obras literárias por meio das quais ele salvaguardava seus pontos de vista em contraposição aos seus adversários.

Sendo assim, para que seu exercício apologético fosse bem-sucedido era importante que o conteúdo intelectual expressado em sua literatura estivesse bem formulado e bem escrito, pois era dessa forma que suas categorias de pensamento desfrutariam de maior respaldo no âmbito das muitíssimas relações de poder que existiam entre os clérigos durante o momento

¹⁴ A ortodoxia nicena à qual nos referimos neste trabalho diz respeito à confissão de fé recebida por grande parte da cristandade tardoantiga após o Concílio de Niceia, que aconteceu por volta do ano de 325. Não estamos totalmente certos de que Basílio de Cesareia tenha adotado a doutrina de Niceia desde o início de sua fé; isso é algo que demandaria uma investigação mais aprofundada. Apenas podemos afirmar esse perfil engajado com o credo niceno que ele demonstrava ter.

¹⁵ No original: The status of bishops in relation to their communities and in relation to the other ministers underwent profound changes in the course of the first Christian centuries. In the apostolic age, the tasks of an episkopos were encompassed by the literal meaning of the Greek word, namely “overseer.” His function was largely administrative—especially important were the monitoring of incoming funds and the allocation of expenditures to charitable causes—while the teaching and preaching were undertaken by those who had the “gifts of the Spirit,” the prophets and the teachers. This early stage was also marked by the appointment of several episkopoi within each community. It is thus only with the development of the monepiscopate, when one bishop served one community, that bishops began to occupy an elite position within the Church.

histórico em que viviam. A atividade literária, portanto, cumpre um papel significativo no processo de legitimação que um bispo visa a alcançar no decorrer do tempo, já que é através dela que diferentes cosmovisões circulam no campo da vida religiosa onde os cristianismos antigos estavam inseridos.

Dessa forma, não é de se espantar ver bispos como Basílio com uma grande e prolífica atividade literária, uma vez que era por meio desta que suas visões de mundo ganhavam maior destaque em inúmeros debates teológicos que existiam na Antiguidade. Por fim, pode-se dizer que a produção literária de bispos como Basílio pode ser vista como reflexo dos centros de saber por onde transitou, cujo principal propósito era a defesa de sua fé, e que por sinal poderiam muito render-lhe maiores legitimações teológicas e eclesiásticas. Aqui encontra-se, portanto, uma das lentes por meio das quais podemos entender melhor a atividade de Basílio como escritor, isto é, a de enxergá-la como potentíssimo instrumento de propagação de sua atividade apologéticas.

2.3 Basílio de Cesareia e seu perfil literário

É plausível pensarmos que o perfil literário de Basílio de Cesareia pode ser compreendido como uma simbiose da linguagem religiosa, filosófica, poética e literária. Seu perfil investigativo, misturado ao bom trato com as palavras, faz de sua literatura *Hexaemeral* uma obra hermética e com um caráter apologético bastante nítido. O capadócio em questão provavelmente era um profundo conhecedor das obras aristotélicas, seu *In Hexaemeron* é um exemplo claro disso. Sua escrita também pode ser compreendida como eclética, pois dialoga diretamente com diversas epistemologias de sua época. Suas obras pintam-nos um belo retrato de como a cultura helenística de seu tempo imperava em seu pensamento.

De acordo com os autores Ayres e Gallwitz, é bem provável que Basílio tenha se familiarizado com conhecimentos oriundos das escolas aristotélicas, neoplatônicas e estoicas durante os anos que residiu em Constantinopla e Atenas. Destacamos esta informação, pois na sua literatura *Hexaemeral* percebemos pistas que atestam de maneira nítida e robusta o seu profundo e refinado conhecimento acerca de questões que envolvem assuntos a respeito das artes da dialética, lógica, aritmética, cosmologia e botânica. Tudo isso, como ressaltamos anteriormente, poderia também ter sido por causa da boa formação que recebera. Vejamos uma passagem que deixará claro como a influência aristotélica ocupara um lugar especial no pensamento de Basílio.

Basílio baseou-se fortemente nas descrições de fenômenos naturais de Aristóteles e outros da tradição grega, embora o tenha feito sem citações explícitas de suas obras. A edição crítica das *Homiliae in hexaemeron* de

Basílio, de Emanuel Amand de Mendieta e Stig Rudberg contém dezenas de referências a obras como *De caelo*, *De Generatione et corruptione*, *Meteorologica*, *De mundo*, *Historia animalium*, *De partibus animalium* e *De plantis* do *Corpus Aristotelicum*, bem como referências a textos sobre filosofia natural de Teofrasto, vários autores estoicos, Estrabão e outros (Radde-Gallwitz, 2017, p. 199, tradução nossa)¹⁶.

A passagem supracitada é um bom ponto de partida para compreendermos melhor o estilo de escrita de Basílio. Ela em certa medida auxilia-nos a compreendê-lo através de um prisma muito importante, ou seja, como um autor cuja escrita encontra-se permeada por referências do pensamento aristotélico. De certo modo, seu *In Hexaemeron* aponta para tais indícios, e, muito embora ele tente contar uma história da criação comprometida com o dogmatismo de sua fé cristã, de maneira alguma abriu mão da erudição que o auxiliou a montar sua obra *Hexaemeral*, a descrever a natureza da Terra, a narrar detalhadamente os primeiros momentos do mundo.

Este fenômeno é uma das principais marcas de seu *In Hexaemeron* e, por sua vez, é fruto tanto da sua engenhosidade de autor como da boa formação educacional que teve. De certa forma foi isso que tentamos mostrar nos momentos anteriores de nosso trabalho; sendo assim, o que faremos agora é tentar mapear o perfil literário desse tão aclamado escritor cristão da Antiguidade.

Basílio de Cesareia era um dos muitos jovens cristãos de sua época que, desde muito cedo, aventuravam-se pelos estudos filosóficos e teológicos em grandes centros do saber tardoantigo profundamente helenizados, que, por sinal, eram caros às comunidades cristãs de seu período. Ousamos dizer que a tentativa de conciliar a base de sua formação cristã com os aprendizados provenientes de outras formas de pensamento não cristãs talvez tenha sido um dos maiores entraves a ser atenuado durante os exercícios das atividades literárias concretizadas por ele.

Salientamos tal questão, pois Basílio buscará na literatura grega uma fonte de inspiração para seu pensamento. Tal empreendimento pode ser compreendido dentro do perfil literário de Basílio como uma espécie de demonstração de sua eloquência e erudição. Um exemplo disso pode ser extraído de uma de suas cartas, endereçada aos jovens de sua época, sobre como tirar proveito da literatura grega. Nela Basílio admoesta a juventude a saber colher boas lições dos ilustres poetas da Grécia:

¹⁶ No original: Basil drew heavily on descriptions of natural phenomena from Aristotle and others in the Greek tradition, though he did so without explicit citations of their works. The critical edition of Basil's *Homiliae in hexaemeron* by Emanuel Amand de Mendieta and Stig Rudberg contains dozens of references to works such as *De caelo*, *De generatione et corruptione*, *Meteorologica*, *De mundo*, *Historia animalium*, *De partibus animalium*, and *De plantis* from the *Corpus Aristotelicum*, as well as references to texts on natural philosophy by Theophrastus, various Stoic authors, Strabo, and others.

Assim como, para os demais seres vivos, a fruição das flores tem apenas que ver com o perfume e com a cor; muito embora para as abelhas seja também possível tirar daquelas mel; do mesmo modo, é possível que os que não procuram apenas o agradável e o aprazível das palavras consigam extrair algum benefício para a alma. Devemos tirar partido destes textos, de acordo, em tudo, com a imagem das abelhas. Estas não se aproximam de todas as flores, nem tentam levar a totalidade daquelas em que pousam; mas, tomando quanto das flores serve para o seu trabalho não se importam com o resto. E nós, se formos sensatos, tomando destes textos quanto se adapta a nós e é conforme à verdade, passaremos adiante o que resta. E tal como evitamos os espinhos ao colher as flores dos roseirais, assim também nos preservaremos do que é prejudicial, ao colher de tais textos apenas o que é útil (Basílio, *Ad Adolecens*, IV-10)¹⁷.

A passagem acima é um exemplo do perfil criterioso de Basílio em colher o que há de melhor na literatura grega. Ele fazia isso a fim de extrair bons ensinamentos. Sua alegoria das abelhas esclarece-nos como ele encarava as lições do pensamento grego de seu tempo. Junto a isso, é importante explicitarmos mais uma vez que, desde jovem, Basílio foi profundamente influenciado pela sua irmã Macrina, uma das principais responsáveis por familiarizá-lo com a filosofia de Eustácio¹⁸. Ela foi a principal responsável por lhe interpretar o sentido dos ilustres ensinamentos deste pensador. Posteriormente, quando foi morar em Atenas, Basílio conheceu-o e foi-lhe muito grato pela sua prestigiosa filosofia que tanto estudou.

É com base em informações como estas que vemos em Basílio de Cesareia alguém que se mostrava simpático à filosofia, muito embora saibamos que, no âmago de sua literatura *Hexaemeral*, essa relação entre conhecimento filosófico e teológico tenha ocorrido de maneira controversa. De todo modo, se isso era devido à forma de narração evocada por ele, ou se estava ligado a questões doutrinárias de seu cristianismo é o que investigaremos nos momentos subsequentes de nossa pesquisa.

O domínio da arte retórica aparece significativamente no *In Hexaemeron* basiliano. Tal fenômeno aconteceu por conta de sua obra literária ter sido fruto da oralidade, isto é, dos sermões, das homilias que ele pregou provavelmente durante a quaresma do ano 370 d.C. Quando fora compilada em sua forma escrita, sua obra *Hexaemeral* continuou mantendo as marcas dessa oralidade e, por conseguinte, dos usos dos muitos artifícios retóricos que Basílio as emprega para exemplorar questões teológicas de uma maneira mais compreensível ao seu público. Há de se entender que a expressividade de Basílio era uma ferramenta imprescindível na comunicação de sua mensagem evangelística. Portanto, será bastante comum percebermos na exposição de sua mensagem *Hexaemeral* o emprego de recursos que são próprios de um discurso oral.

¹⁷ Tradução de Vasconcelos (2017).

¹⁸ Eustácio de Sebástia foi um filósofo e bispo do IV século, nativo da região da Capadócia, um dos principais disseminadores da vida ascética. Seu asceticismo provavelmente influenciou o de Basílio, já que seus ensinamentos eram muito populares na Ásia Menor, sobretudo na região do Ponto e da Armênia. Viveu por volta de 356-380.

Não há como fugir deste aspecto do pensamento basiliano. A retórica aparece como ferramenta indispensável para a boa exposição de suas ideias, seu *In Hexaemeron* encontra-se enriquecido de um profundo conhecimento deste saber. Para nós, esse perfil de Basílio é importante de ser ressaltado, pois em seu texto é possível perceber o próprio capadócio utilizando parábolas, metáforas, máximas e símiles. Por exemplo, ao falar da criação dos animais alados exemplifica o comportamento nobre das abelhas no intuito de apontar para a sabedoria presente por trás da criação. Para Basílio, era importante buscar aprender com todos os seres, pois, quer fossem racionais ou não, em seus comportamentos haveria muitos ensinamentos dentre os quais o ser humano poderia extrair muitas instruções e é por meio desse tipo de observação que Basílio chama a atenção de seus ouvintes sobre a importância de olhar para a natureza, contemplar nela o poder de Deus e aprender com sua sabedoria. Sendo assim Basílio diz:

E dentre esses seres irracionais há alguns que são capazes de viver em sociedade, se é verdade que a peculiaridade da vida social é convergência da atividade de cada um separadamente para um fim comum deles, como alguém poderia notar nas abelhas. De fato a moradia delas é coletiva, seu voo é coletivo, um trabalho dentre todas; e o mais grandioso, que apoderam-se dos seus trabalhos sob o domínio de um rei e comandante, e não aceitam vir primeiro sob os prados até que tenham visto o seu rei dando o sinal para o início do voo. E o rei delas não é eleito por votos (pois muitas vezes a falta de discernimento do povo colocou o pior ao governo), nem recebe a sua autoridade designada por sorteio (pois as circunstâncias irracionais dos sorteios muitas vezes trazem o poder para o mais insignificante de todos), nem tem seus reis instituídos a partir da sucessão hereditária (e de fato, como comumente acontece, esses são sem instruções e ignorantes de qualquer virtude por causa da indolência e bajulação), mas é por sua natureza que ele recebe a preeminência sobre todos, e ele é diferenciado por meio de seu tamanho, forma e brandura do seu caráter. Pois o rei (delas) possui um agulhão, mas não o emprega para uma desforra. (Basílio, *In Hexaemeron*, VIII, 4. 1-19)¹⁹

Foi a boa concatenação de ideias, suas formas de elocução sobre um determinado tema, que sofisticaram ainda mais sua vasta produção literária. Tal saber, no entanto, era apenas um dentre os muitíssimos conhecimentos presentes em sua formação. Ter um conhecimento prévio acerca destas questões formativas, isto é, da educação que Basílio de Cesareia recebeu, de certa forma amplia nossa visão acerca do estilo literário adotado por este teólogo capadócio. Se por acaso encontrarmos resquícios de um saber retórico em sua literatura *Hexaemeral*, saberemos

¹⁹ Todas as traduções do *In Hexaemeron* basiliano que seguem são nossas. No original: "Ἔστι δέ τινα καὶ πολιτικὰ τῶν ἀλόγων, εἴπερ πολιτείας ἴδιον, τὸ πρὸς ἓν πέρας κοινὸν συννεύειν τὴν ἐνέργειαν τῶν καθ' ἕναστων, ὡς ἐπὶ τῶν μελισσῶν ἂν τις ἴδῃ. Καὶ γὰρ ἐκεῖνων κοινὴ μὲν ἡ οἴκησις, κοινὴ δὲ ἡ πτήσις, ἐργασία δὲ πάντων μία· καὶ τὸ μέγιστον, ὅτι ὑπὸ βασιλεῖ καὶ ταξίαρχῳ τινὶ τῶν ἔργων ἄπτονται, οὐ πρότερον καταδεχόμενοι ἐπὶ τοὺς λειμῶνας ἔλθειν, πρὶν ἂν ἴδωσι κατάρξαντα τὸν βασιλέα τῆς πτήσεως. Καὶ ἔστιν αὐταῖς οὐ χειροτονητὸς ὁ βασιλεὺς (πολλάκις γὰρ ἀκρισία δήμου τὸν χειρίστον εἰς ἀρχὴν προεστήσατο), οὐδὲ κληρωτὴν ἔχων τὴν ἐξουσίαν (ἄλογοι γὰρ αἱ συντυχίαι τῶν κλήρων ἐπὶ τὸν πάντων ἔσχατον πολλάκις τὸ κράτος φέρουσαι), οὐδὲ ἐκ πατρικῆς διαδοχῆς τοῖς βασιλείοις ἐγκαθεζόμενος (καὶ γὰρ καὶ οὗτοι ἀπαίδευτοι καὶ ἀμαθεῖς πάσης ἀρετῆς, διὰ τρυφὴν καὶ κολακειάν, ὡς τὰ πολλά, γίνονται), ἀλλ' ἐκ φύσεως ἔχων τὸ κατὰ πάντων πρωτεῖον, καὶ μεγέθει διαφέρων καὶ σχήματι καὶ τῇ τοῦ ἡθοῦς πραότητι. Ἔστι μὲν γὰρ κέντρον τῷ βασιλεῖ, ἀλλ' οὐ χρῆται τούτῳ πρὸς ἄμυναν.

a sua devida origem e teremos uma noção mais acurada das causas que o fizeram produzir comentários bíblicos tão sofisticados.

Dessa maneira, não será difícil relacionar muitas destas epistemologias com o seu estilo literário. Pelo contrário, suas obras constituem-se como resultado de erudição que fora acrescida ao seu perfil investigativo. Nesse sentido, podemos inferir que o domínio de tais conhecimentos, isto é, da retórica, filosofia e demais áreas, era necessário para a boa reputação de teólogos e literatos do mundo antigo. Sendo assim, com Basílio não foi diferente.

Mas, para além destas questões, há ainda um elemento que não deverá passar despercebido por nós, e isso se deve à ortodoxia cristã seguida por Basílio. Este é um outro elemento que devemos também levar em conta durante nossas investigações. Dizemos isso, pois, conforme demonstramos em momentos anteriores, a sua inerência religiosa estava intimamente ligada à sua formação e aos locais por onde transitou, já que Basílio também visitou muitos lugares importantes à sua fé cristã, algo que provavelmente impactou seu perfil religioso e, conseqüentemente, sua cosmovisão. Vejamos, portanto, uma passagem que deixará mais clara essa questão:

Retornando de Atenas, em 355, estabeleceu-se em Cesareia como retórico. Arrebatado pelo sucesso de seu ensino, dedicou-se cada vez mais à filosofia sofisticada. Contudo, os desejos de perfeição, as constantes advertências de sua irmã mais velha, Macrina, acabaram dobrando-o aos projetos de vida perfeita concebidos em Atenas. Empreendeu, então, novas viagens, desta vez, visitando os ascetas do Egito, da Palestina, da Síria e Mesopotâmia (cf. Carta 1 e 223). De volta para sua terra, em 358, foi batizado pelo velho bispo de Cesareia, Diânios. Com a morte prematura de seu pai, neste mesmo ano, vendeu os bens recebidos em herança e distribuiu aos pobres o resultado desta venda. Em seguida, retirou-se, na companhia de sua mãe e da irmã Macrina, para Anesi, no Ponto, numa propriedade da família, às margens do Íris, vivendo como eremita. Gregório de Nazianzo vai juntar-se a eles. Juntos, estudam as obras de Orígenes e compõem uma antologia de textos originianos que levará o nome de Filocália (Frangiotti, 1998, p. 8).

Com base na passagem supracitada, vemos a preocupação por parte deste jovem capadócio em conhecer vários locais de peregrinação. Egito, Síria, Palestina, Mesopotâmia, são sítios do mundo antigo importantes para a vida daquele jovem estudante itinerante. Isso faz-nos compreender de certa forma o perfil cosmopolita de Basílio, algo que provavelmente teria impactado a maneira com a qual ele enxergava o mundo à sua volta. Pensamos que a soma de tudo isso resultou, em certa medida, num escritor cujo capital cultural era muito significativo.

Todas essas questões são importantes quando olhamos para a vasta produção literária de Basílio de uma maneira mais singular, pois as muitas culturas que conheceu, a experimentação dos diferentes sistemas de ensino por meio dos quais fora educado, podem ter

marcado profundamente sua cosmovisão. Tais aspectos aparecem sistematicamente em toda sua obra *Hexaemeral*.

Isso que tentamos assinalar de certa forma pode e deve ser compreendido como resultado de um jovem que teve condições de viajar pelo mundo e aprender com os mais diferentes povos e culturas, seja no plano da vida religiosa, ou dos estudos. Um exemplo da sua condição de conhecer tais centros aconteceu após ele ter sido batizado e ter vendido os bens da herança de seu pai. Em certa medida, isso foi algo que lhe rendeu bons fundos para continuar suas jornadas de aprendizado pelo mundo tardoantigo e iniciar uma vida eremita em uma pequena propriedade da família, mais especificamente na região do Ponto.

Depois disso, Basílio decidiu unir-se aos seus irmãos Macrina e Gregório de Níssa a fim de montar um grupo de estudos acerca das obras de Orígenes, algo que posteriormente fez ser produzida sua conhecida *Filocália*, uma antologia dos textos originianos²⁰. Esta informação é de grande relevância, pois o mapeamento desta familiaridade que tinha em relação à literatura originiana oferta-nos uma pista acerca do modo como suas formas de compressão escriturísticas acerca do Gênesis se dava.

Isso, de certa forma, também se deve ao fato do próprio Orígenes, reconhecido teólogo cristão, ter se legitimado como um dos principais comentadores acerca deste relato cosmogônico bíblico. Em certa medida, há uma grande probabilidade do perfil interpretativo de Orígenes sobre o Gênesis ter impactado o modo como Basílio o lia e compreendia em sua literatura *Hexaemeral*, sobretudo no que diz respeito a questões da interpretação alegórica e literal do mito²¹ cosmogônico do Gênesis. Vejamos mais uma passagem que nos fará concluir esta etapa de nossa investigação acerca da formação intelectual de Basílio de Cesareia:

Podemos supor que, durante os anos 350, o platonismo de Jâmblico estava ganhando maior relevância em Atenas, e talvez Prisco, o neto intelectual de Jâmblico e associado do Imperador Juliano, tenha chegado à cidade durante o tempo em que Basílio residiu lá. Durante a década de 360 e 370, Basílio parece ter conhecido algumas obras de Porfírio, bem como alguns argumentos da tradição aristotélica, e possivelmente outros de Plotino, mas não sabemos se

²⁰ Basílio com sua irmã eram estudiosos das obras de Orígenes, que por sinal, era um teólogo cristão muitíssimo importante na época e marcou profundamente o pensamento de Basílio de Cesareia.

²¹ A noção de mito com que trabalhamos aqui segue os parâmetros de Leftel (1997), que entende a narrativa mítica como uma história do universo considerada sacra. A pesquisadora ressalta que a palavra *mýthos* é de origem grega, e seu significado pode designar história contada por meio da palavra. Ela é o que possibilita que determinados sistemas simbólicos do plano da crença perpetuem-se pela tradição. Sendo assim, vemos a literatura *Hexaemeral* basiliana como um tipo de obra que aborda um tema específico da narrativa mítica do Gênesis, isto é, da criação do mundo, como uma ferramenta essencial para legitimar a cosmovisão do cristianismo de Basílio de Cesareia perante a cristandade de seu tempo.

ele encontrou esses materiais em Atenas (Ayres; Gallwitz, 2010, p. 459, tradução nossa)²².

Com base nas informações supracitadas, podemos aclarar que durante sua formação intelectual, de maneira alguma Basílio deixou de nutrir um profundo apreço pela filosofia de sua época. Entretanto, somos adeptos do entendimento de que a vida monástica, episcopal, ou até mesmo eremita que adotou fez com que ele se dedicasse ainda mais a uma vida religiosa, de maneira que os demais conhecimentos terminaram por aparecer apenas como apêndices de uma vida dedicada a ajudar ao próximo e de ter resguardo espiritual. Quanto a isso, Basílio diz:

Eu gastei muito tempo com futilidade, e quase toda minha juventude desapareceu com a vã fadiga, que tive quando me ocupei dos estudos, que foi tornada tola com a ascensão da sabedoria de Deus. Em seguida, como de um sono profundo me levantei, olhei para a maravilhosíssima luz da verdade do evangelho, e contemplei a inutilidade da sabedoria dos príncipes desse século que foi ab-rogada. Pois chorei muito pela minha lastimável vida, orando para me ser concedida uma condução rumo uma iniciação dos dogmas da piedade (Basílio, *Epis* 223.2-B, tradução nossa)²³.

É bastante nítida a mudança repentina que fez Basílio voltar-se contra as filosofias de sua época. Isso de certo modo deve-se à sua busca pela verdade, que ele considerava estar no âmago da vida cristã piedosa, que, por sua vez, poderia ser encontrada nas narrativas bíblicas que ele tanto investigava. No entanto, tentamos demonstrar em momentos anteriores que, quando olhamos para a vida de Basílio vemos que a tentativa de se consolidar como escritor, teólogo e retórico demandava uma certa afinidade com várias áreas do saber, exercício que de alguma forma fê-lo ter de continuar mantendo um diálogo ainda que apologético com visões de mundo não cristãs do período em que viveu.

Por conta disso, pensamos que a mudança de foco feita por Basílio quando resolveu dedicar-se inteiramente à vida religiosa tenha-se operado de uma maneira mais sistematizada, mas não tão radical, já que o contato com questões de natureza epistemológica fazia parte de seu cotidiano de apologeta cristão. Com seus estudos filosóficos isso talvez não tenha ocorrido de forma diferente, pois, naquela ocasião, apresentavam-se como necessários para a demonstração de sua maturidade intelectual.

²² No Original: We may surmise that during the 350s Iamblichean Platonism was increasing in importance in Athens, and perhaps Priscus, the intellectual grandchild of Iamblichus and associate of the Emperor Julian, arrived in Athens during Basil's time there. During the 360s and 370s Basil appears to know some Porphyry, some arguments from the Aristotelian commentary tradition and possibly some Plotinus, but we do not know if he encountered this material in Athens.

²³ No original: Ἐγὼ, πολὺν χρόνον προσαναλώσας τῇ ματαιότητι, καὶ πᾶσαν σχεδὸν τὴν ἑμαυτοῦ νεότητα ἐναφανίσας τῇ ματαιοπονίᾳ, ἣν εἶχον προσδιατρίθων τῇ ἀναλήψει τῶν μαθημάτων τῆς παρὰ τοῦ θεοῦ μοραθεισῆς σοφίας, ἐπειδὴ ποτε, ὡσπερ ἐξ ὕπνου βαθέος διαναστάς, ἀπεβλεψα μὲν πρὸς τὸ θαυμαστὸν φῶς τῆς ἀληθείας τοῦ Εὐαγγελίου, κατεῖδον δὲ τὸ ἄχρηστον τῆς σοφίας τῶν ἀρχόντων τοῦ αἰῶνος τούτου τῶν καταργουμένων, πολλὰ τὴν ἐλεινὴν μου ζωὴν ἀποκλαύσας, ἠὲ χόμην δοθῆναί μοι χειραγωγίαν πρὸς εἰσαγωγὴν τῶν δογμάτων τῆς εὐσεβείας.

Portanto, chegamos ao entendimento de que foi o seu trânsito por grandes centros do conhecimento da sua época que facilitou essa relação proveitosa com as escolas filosóficas de seu tempo e com grandes professores de Filosofia. Sendo assim, tais viagens na sua juventude muito provavelmente foram responsáveis por lapidá-lo como cristão, intelectual, e um escritor apologeta de grande importância para os cristianismos de sua época, uma vez que ele foi responsável pelo amadurecimento de muitas discussões teológicas do período.

Todos os exemplos aqui trazidos aludem a um fator que tentamos demonstrar durante esta etapa de nosso trabalho, isto é, de que enquanto jovem estudante ele recebeu uma formação própria do universo simbólico do qual era oriundo, que dialogava com questões da cultura grega que o mundo de seu tempo havia herdado da *paideía* desde os tempos de Homero²⁴, incluindo a maturação intelectual advinda da filosofia, e, por fim, a orientação teológica que os dogmas de sua fé requisitavam. Logo, podemos dizer que há uma tríade no universo cultural de Basílio de Cesareia, algo que foi responsável por conferir-lhe certa versatilidade: as letras gregas, filosofia e teologia.

Basílio de Cesareia morreu no ano de 379 em sua cidade natal e, embora tenha vindo de família abastada, viveu a maior parte de sua vida entre os pobres e em profunda dedicação à vida piedosa. Há muito na literatura basiliiana que deve ser investigado, seus escritos têm muito a nos dizer sobre sua vida particular. Tais materiais, em sua grande maioria, fazem parte de sua tradição epistolar.

De maneira geral, concluímos esta etapa de nosso trabalho tendo um conhecimento mais seguro de que uma análise que contemple os aspectos da vida e atividade literária deste escritor é um exercício necessário, que, por sua vez, concede-nos a oportunidade de enxergarmos, a partir dele, como as discussões entre clérigos dos mais variados cristianismos tardoantigos eram capazes de confeccionar obras que compuseram o acervo de uma literatura cristã tardoantiga.

De certa forma, a criação de tais obras literárias era necessária para a concretização de várias atividades apologeticas nas comunidades cristãs antigas. Por sinal, esse era um dos principais meios pelo qual bispos iguais a ele, corriqueiramente, exerciam suas influências sobre as múltiplas cristandades da época. Nesse sentido, todas estas questões trazidas neste capítulo fazem-nos perceber que um bom entendimento da trajetória literária de um autor demanda conhecimento da sua biografia; por isso é necessário ao investigador conhecer questões acerca da sua formação, pois isso é o que possibilita compreender os principais aspectos de seu perfil literário.

²⁴ Em sua obra por nome Πρὸς τοὺς νέους ὅπως ἂν ἐξ ἑλληνικῶν ὠφελοῖντο λόγων, Basílio aprecia poetas gregos como Homero e Hesíodo a fim de extrair de suas poesias preciosíssimos ensinamentos que auxiliassem os jovens cristãos de sua época a alcançar uma vida mais virtuosa.

Conforme tentamos demonstrar, a literatura de Basílio pode muito bem ser compreendida como um reflexo de sua refinada formação. Portanto, concluímos que a análise de sua vida e atividade literária pode, sim, ampliar significativamente nossas análises sobre o estilo e preferências temáticas de Basílio de Cesareia. Compreender as singularidades de seu pensamento é algo imprescindível para nossa pesquisa; entender que sua formação incidu significativamente na forma como lidava com questões da vida secular e eclesiástica é algo importante de ser dito, sua atividade como escritor é um reflexo de sua formação e aclarar isso foi o que tentamos fazer nesta etapa da pesquisa.

3 DA LITERATURA *HEXAEMERAL*: A GÊNESE DE UMA TRADIÇÃO

A partir de agora, versaremos sobre a literatura *Hexaemeral* e seu surgimento. No entanto, para que este passo seja dado, será necessário situar-nos perante as principais discussões sobre a literatura. De acordo com os estudos de Soares (1989), as primeiras discussões sobre as reais especificidades dos gêneros literários foram iniciadas através dos estudos de Platão²⁵, no terceiro livro de sua obra que tem por título *República*²⁶. Ali ele discute sobre a natureza da poesia e sua função em prol da construção da *pólis* ideal.

A compreensão daquilo que vem a ser literatura é uma questão muito cara aos críticos sobre o tema e muitos foram os autores e escolas que desde a Antiguidade até os dias atuais versaram sobre o fenômeno literário e suas particularidades. De acordo com Linhares (1953), foi Aristóteles²⁷, em sua obra intitulada *Poética*²⁸, quem amadureceu essas discussões dissertando sobre o conteúdo de cada gênero literário e sobre o efeito que cada um deles poderia causar no público leitor.

Conforme pudemos ver, a própria tentativa de agrupar as obras literárias em diversas famílias remonta a uma tradição iniciada por Platão e que foi amadurecida posteriormente por Aristóteles; todavia, este fenômeno não findou com as contribuições destes dois ilustres pensadores. Pelo contrário, estendeu-se até os dias atuais e continua por render importantes

²⁵ Platão viveu entre 427 e 347 a.C. Foi um filósofo e dramaturgo ateniense cujo pensamento é de grande importância para a tradição intelectual ocidental. Era oriundo de uma família abastada e de grande importância na sociedade ateniense. Foi contemporâneo da guerra do Peloponeso e estudou filosofia sob a instrução do seu aclamado mestre, Sócrates. Platão foi um dos principais responsáveis por registrar as principais memórias de seu mestre, sobretudo através dos diálogos filosóficos que compôs. Além disso, era profundamente influenciado pela filosofia pitagórica e também pela filosofia eleática. Foi fundador da Academia, um dos principais centros de investigação filosófica e matemática do mundo antigo.

²⁶ De acordo com Rosen (2005), a *República* de Platão é um dos mais singulares diálogos platônicos. Seu enredo versa sobre diversas questões de natureza filosófica, dentre elas a justiça e o bem. Conseqüentemente é um diálogo cuja linguagem está entre o filosófico e o poético. Mais especificamente no livro III, Platão apresentará um diálogo em que Sócrates e seus companheiros discutem sobre a importância dos poetas e da poesia em prol da construção da cidade ideal.

²⁷ Aristóteles viveu durante os anos de 384 a 322 a.C. Foi um dos mais importantes filósofos da Antiguidade, nasceu em Estagira, antiga Macedônia. É por muitos considerado um dos mais célebres alunos de Platão. Versou sobre diversos temas do conhecimento humano: biologia, retórica, física, metafísica, lógica e poesia, algo que fê-lo consagrar-se como verdadeiro polímata.

²⁸ Uma das obras do filósofo estagirita, Aristóteles. Nesse tratado sobre crítica literária, o *anagnóstes*, como o chamava Platão, discorre sobre o processo da *mimesis* poética, dos atributos necessários para a composição das obras literárias em seus diversos gêneros poéticos e dos efeitos que tais obras podem causar no leitor. A obra chegou ao Ocidente de forma fragmentada através de um códice siríaco e suscita discussões até hoje em diversos círculos acadêmicos. Para maiores informações consultar as traduções de Silva (2016), e também Valente (2008); em tais trabalhos há boas introduções sobre os principais temas desta obra aristotélica.

debates e significativas reflexões. Por exemplo, na tais discussões foram potencializadas ainda pelas análises do filósofo Hegel²⁹.

Diante destas indicações, convém-nos agora explicitar o entendimento que temos acerca da literatura. Explicar esta questão é algo importante a ser feito, pois é através disso que mostraremos ao leitor a maneira como entendemos esse fenômeno. Nesse sentido, buscaremos apresentar quais foram os principais conceitos utilizados por nós para fundamentar nossa noção de literatura, de como tal exercício auxiliou-nos a melhor perceber a tradição *Hexaemeral* como fruto de uma tradição que, em alguns momentos, assemelha-se ao estilo da narrativa épica, já que seu foco residia na narração solene do mito do Gênesis, ou seja, que fosse capaz de contar uma história da criação com grande riqueza de detalhes e ornada de uma ficcionalidade que era fruto da criatividade do narrador.³⁰

De acordo com Moisés (1970), a palavra literatura provém do latim, *litteratura*, que por sua vez, deriva do termo *littera*. Seu sentido primitivo estava associado ao ensino das primeiras letras, e somente depois ganhou um novo sentido, isto é, de arte das belas letras. Portanto, parece-nos que, a princípio, a instituição “literatura” era associada a um entendimento que a enquadrava como fruto de um trato caprichado e criterioso das palavras, ou seja, dos grandes clássicos da Antiguidade. Quanto a isso o autor diz-nos o seguinte:

O vocábulo “literatura” provém do latim, *litteratura*, (m) que por sua vez, deriva de *littera*, *ae* e significa o ensino das primeiras letras. Com o tempo, a palavra ganhou o sentido de *arte das belas letras*, ou *arte literária*. Nessa acepção, e substituindo os vocábulos *belles lettres*, “poética” e “poesia”, o termo “literatura” definiu-se na segunda metade do século XVIII, contemporaneamente à Revolução Industrial, contra que reagiu, e à liberalização das Artes, com a qual se identificou, por meio do culto da imaginação (Moisés, 1970, p. 20).

O excerto supracitado faz-nos lembrar daquilo que diz Compagnon (2003). Ele explica que, no sentido mais amplo do termo, literatura possuía um significado primordial que dizia respeito a tudo aquilo que é impresso. Segundo o referido autor, o surgimento desse termo é próprio da modernidade, diz respeito a uma concepção “clássica” do termo que a designava como erudição, que a entendia como pertencente ao universo das “belas-letas”. Sendo assim, literatura era tudo aquilo que a poética, história, filosofia e retórica haviam produzido. No

²⁹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel viveu entre 1770 e 1831 e foi um importante filósofo do período moderno de origem germânica. Era um dos principais nomes do idealismo alemão. Sua obra, à qual fazemos referência, é o *Curso de estética: o sistema das artes* da segunda edição da editora Martins Fontes (2010).

³⁰ A literatura *Hexaemeral* é fruto da atividade literária dos escritores da Antiguidade. Seu foco era narrar o início do mundo por meio de uma linguagem poética, arrojada e ordenada. Trata-se de uma atividade que intentaria montar uma verdadeira epopeia do mundo. Para isso, terminavam por seguir rigorosamente um roteiro que lhes possibilitasse montar suas histórias, ou seja, o livro do Gênesis, carro-chefe de suas obras *Hexaemerais*. Era por meio deste pano de fundo que estes escritores contavam suas histórias sobre a origem do *kósmos* com uma maior riqueza de detalhes.

entanto, tal entendimento nem sempre foi assim; ele possui seu lastro histórico, é consequência de um processo de maturação que foi se desenvolvendo paulatinamente ao longo do tempo e pode muito bem ser investigado.

O próprio emprego do termo “literatura” é muito recente, e segundo Compagnon (2003), é fruto do final do século XVIII e início do século XIX; até então, não se tinha uma definição específica para designar essa arte que versava sobre os conhecimentos escritos. De acordo com o crítico supracitado, todas as tentativas de definições de literatura eram frutos de determinadas circunstâncias históricas e preferências. O que Compagnon apontará é que, ao longo do tempo, diversas tentativas de definição da literatura se sucederam.

Sendo assim, há a visão dos formalistas, que compreende que a literariedade de um texto residia no uso estético da linguagem, ou seja, como decorrente de certos procedimentos linguísticos responsáveis pelo surgimento da obra literária. Há a visão histórica de literatura, isto é, que compreende o fenômeno literário como objeto de expressão cultural de determinados grupos. E há a visão marxista, que entende a literatura enquanto produto ideológico de classes dominantes. Todas estas visões, sem exceção, eram frutos do seu tempo histórico, logo, não haveria definição universal de literatura e sim múltiplos entendimentos.

O que se percebe é que a tentativa de definir essa arte era fruto de uma antiga inquietação que incomodava até mesmo os mais célebres pensadores da Antiguidade, e foi isso que os primeiros teóricos do assunto tentaram resolver. A gênese dessa discussão vem da Antiguidade. Quanto à característica dessa arte, a *República* apresenta-nos a seguinte descrição:

Percebeste muito bem, e creio que já se tornou bem evidente para ti o que antes não pude demonstrar-te; que em poesia e em prosa há uma espécie que é toda de imitação, como tu dizes que é a tragédia e a comédia; outra, de narração pelo próprio poeta - é nos ditirambos que pode encontrar-se de preferência; e outra ainda constituída por ambas, que se usa na composição da epopeia e de muitos outros gêneros, se estás a compreender-me (*República*, III, 394a).

Vemos que, de acordo com o Livro III da *República*, a primeira referência a essa arte que se chamou de “literatura” estava intimamente ligada a duas categorias de textos. Sendo assim, por um lado, havia a tragédia e a comédia como artes que consistiam na pura imitação das ações dos feitos dos homens pelo intermédio da voz de um poeta, enquanto por outro, existia a epopeia e o ditirâmico, cuja natureza da performance do poeta oscilava entre a narração, descrição dos fatos, e a imitação dos acontecimentos por meio das ações das personagens ali descritas. Posteriormente, o diálogo platônico aprofundaria qual seria a função desse tipo de arte literária no âmbito da formação do homem ideal, de maneira que, ao chegarmos no Livro

X dessa obra, vemos a poesia como um estilo de texto que era puramente baseado na imitação do mundo real, ou seja, uma cópia do mundo verdadeiro que poderia corromper significativamente a formação dos cidadãos.

É assim que nascem as primeiras reflexões sobre a natureza da “literatura”. O que se pode dizer é que, ao menos para Platão, os primeiros entendimentos acerca dessa arte estavam intimamente relacionados ao perfil pedagógico, responsável pela formação ética dos cidadãos; esse é o embrião das primeiras concepções desse saber que até então era inominado. O que se constata é que, até a época de Aristóteles, ainda não havia um conhecimento preciso o suficiente para categorizar os mais diferentes tipos de texto da Antiguidade. Vejamos como o estagirita relata isso:

Eis uma arte que, até hoje, permaneceu inominada. Efectivamente, não temos denominador comum que designe os mimos de Sófron e de Xenarco, os diálogos socráticos e quaisquer outras composições imitativas, executadas mediante trímetros jâmbicos ou versos elegíacos ou outros versos que tais. (*Poética*, 1447b13.)

Aristóteles é muito claro em informar-nos que em sua época ainda não existia um termo genérico, uma designação comum capaz de classificar os diferentes tipos de escritos de Sófron, Xenarco, os diálogos socráticos, e demais composições imitativas. Em outras palavras, não havia ainda sido inventada uma palavra universal precisa o suficiente para designar os assuntos dessa arte. As propriedades e funções dela ainda não haviam sido plenamente estabelecidas; a prova disso é que, tanto para Platão como para Aristóteles, tal arte é compreendida apenas como arte poética, e essa é a primeira “definição” de literatura que surgirá na Antiguidade.

A falta de definição que categorizasse cirurgicamente esse saber tornava o seu entendimento um tanto mais obscuro, e foi isso que a crítica literária tentou desvendar ao longo do tempo. Foi Aristóteles quem primeiro tentou estudar e decifrar sistematicamente as propriedades desse saber poético, ou seja, acerca de sua forma e função. Por conseguinte, foi a partir de suas contribuições que o saber literário passou a ser mais bem compreendido ao longo do tempo.

O estagirita também foi quem primeiro inaugurou uma espécie de cânone dessa arte, e, portanto, classificou-a mediante três gêneros, isto é, o épico, o lírico e o dramático. Destes três, apenas o lírico não desfrutava de maior prestígio, pois não era fictício nem imitativo. Por conseguinte, apenas dois gêneros eram considerados como superiores na Antiguidade, isto é, o épico e o dramático.

Há ainda uma diferença entre as espécies [de poesias] imitativas, a qual consiste no modo como se efectua a imitação. Efectivamente, com os mesmos

meios pode um poeta imitar os mesmos objectos, quer na forma narrativa (assumindo a personalidade de outros, como o faz Homero, ou na própria pessoa, sem mudar nunca), quer mediante todas as pessoas imitadas, operando e agindo elas mesmas. Consiste, pois, a imitação nestas três diferenças, como ao princípio dissemos -- a saber: segundo os meios, os objetos e o modo. Por isso, num sentido, é a imitação de Sófocles a mesma que a de Homero, porque ambos imitam pessoas de carácter elevado; e, noutro sentido, é a mesma que a de Aristófanes, pois ambos imitam pessoas que agem e obram directamente (*Poética*, 1448a19).

O que se percebe é que as primeiras tentativas de definições de “literatura” aparecem tanto em Aristóteles como em Platão. No entanto, é com Aristóteles que as principais características dessa arte serão pensadas de maneira mais sistemática, e para isso salientará quais seriam os principais gêneros poéticos com suas respectivas características.

Logo, buscará demonstrar o lado “ornamentado” dessa espécie de arte verbal, que seriam as composições poéticas de seu tempo, e sobre isso salienta que: “Digo 'ornamentada' a linguagem que tem ritmo, harmonia e canto, e o servir-se separadamente de cada uma das espécies de ornamentos significa que algumas partes da tragédia adoptam só verso, outras também o canto” (*Poética*, 1448a19). Para Aristóteles, estes eram os principais atributos a pensar-se acerca da linguagem “ornamentada”, algo que, segundo o estagirita, tinha seu maior resplendor na poesia trágica, sinônimo de literatura por excelência à época.

Sendo assim, o que Aristóteles diagnosticará é que a arte da literatura estava mais ligada à poesia da época em seus mais diversos modos; logo, entre as diferentes espécies de poesias, o que prevalecia eram duas formas de abordagem dos seus respectivos conteúdos. Ou seja, uma onde o poeta imitava as ações das personagens através de sua fala e outra através de uma forma narrativa por meio da qual a personalidade dos outros era apresentada. Segundo o filósofo, o mito consistia na imitação dos atos das personagens de maneira a compor um todo, uma história que encenava as ações e caráter das figuras ali representadas. Quanto a isso Aristóteles diz que:

Ora o mito é a imitação de ações; e por “mito”, entendo a composição dos actos; por “character”, o que nos faz dizer das personagens que elas têm tal ou tal qualidade; e por “pensamento”, tudo quanto digam as personagens para demonstrar o quer que seja ou para manifestar sua decisão (*Poética*, 1450a7).

É a partir desse ato de representação que a tragédia comunicava suas mensagens, como se essa estivesse imitando a vida dos homens em suas mais diferentes ações, contando uma determinada história e representando-a por meio de uma verdadeira arte verbal cuja ornamentação era seu carro-chefe.

Essas contribuições serão primordiais para pensar-se tanto o conteúdo estético dos textos como também os propósitos de cada um deles. É com base nessas categorias de análises

que vão surgir os principais critérios para analisarem-se os frutos do saber literário, o que será classificado por Aristóteles como um saber intimamente relacionado ao do que na época chamava-se poesia em seus mais diversos gêneros³¹.

A natureza das definições de Aristóteles tinha como propósito indicar alguns gêneros por meio dos quais o objeto dos textos literários poderia ser identificado. Trata-se de um engenhoso artifício pensado pelo estagirita, que identificará os textos literários enquanto formas, modelos por meio dos quais se expressa determinada mensagem. No entanto, é preciso dizer que os diferentes tipos de textos e gêneros literários não são isolados, o próprio Aristóteles era reconhecedor da existência de intersecções entre os gêneros que havia classificado.

Existe uma certa conveniência em salientar isso, já que, em certa medida, há um processo natural de simbiose entre os diferentes gêneros de obras literárias; os atributos poéticos, ficcionais e narrativos dos textos não são entes ensimesmados e aparecem de maneira fluida nos mais diversos textos. As obras de arte não se encontram isoladas, isto é, ilhadas em certas categorias e modais de escritas; pelo contrário, são frutos de intersecções e fusões estilísticas, metamorfoses que ultrapassam os limites da forma originária em que foram concebidos. Sobre tal fenômeno Rosenfeld dirá que:

Costuma haver, sem dúvida, aproximação entre gênero e traço estilístico; o drama tenderá, em geral, ao dramático, o poema lírico ao lírico e a Épica (epopeia, novela, romance) ao épico. No fundo, porém, toda obra literária de certo gênero conterà, além dos traços estilísticos mais adequados ao gênero em questão, também traços estilísticos mais típicos de outros gêneros. Não há poema lírico que não apresente ao menos traços narrativos ligeiros e dificilmente se encontrará uma peça em que não haja alguns momentos épicos e líricos (Rosenfeld, 2020, p. 18).

Tais definições inauguradas por Aristóteles dizem respeito a uma tentativa de identificar a literatura como arte poética ornada, de forma que variaria entre os mais diferentes tipos de textos e gêneros. É assim que as primeiras definições de literatura vão surgir, todavia tais noções sofrerão alterações conforme a crítica literária for maturando novos entendimentos acerca dessa arte.

O que se pode dizer é que de Aristóteles até a contemporaneidade, dois tipos de critérios responsáveis por analisar a natureza da literatura surgiram. O primeiro diz respeito às análises internas dos textos; o segundo aos estudos de análise externa ao texto, que, por ser mais

³¹ Tais critérios de entendimento desdobrar-se-ão em múltiplas formas de análise, e cada época adotará quais seriam as convenções literárias mais adequadas para definir o que seria ou não literatura. O que queremos dizer é que tais critérios nascem na Antiguidade, mas que sofrerão significativas mudanças ao longo do tempo.

abrangente, possibilita uma gama maior de observações de natureza histórica, sociológica, retórica, psicológica. Quanto aos dois métodos de abordagem Compagnon dirá que:

A literatura, ou o estudo literário, está sempre imprensada entre duas abordagens irreduzíveis: uma abordagem histórica, no sentido amplo, (o texto como documento), e uma abordagem linguística (o texto como fato da língua, a literatura como arte da linguagem). Nos anos sessenta, uma nova querela entre antigos e modernos despertou a velha guerra de trincheiras entre partidários de uma definição externa e partidários de uma visão interna da literatura, aceitáveis as duas, mas ambas limitadas (Compagnon, 2003, p. 30-31).

Os dois principais entendimentos por meio dos quais se pode definir e abordar a literatura emanam desses dois critérios, um pautado numa abordagem de natureza histórica e outro baseado numa análise de natureza linguística. Enquanto a abordagem histórica entenderá o fenômeno literário como um documento, a abordagem linguística compreenderá o fenômeno literário como arte proveniente da linguagem humana em que o uso estético da linguagem é o carro-chefe.

Para o historiador, todo documento é uma espécie de literatura, enquanto para os literatos e linguistas a literatura consiste numa visão mais especial no que diz do acabamento do texto e da versatilidade de sua escrita. Antoine Compagnon ressalta essas duas correntes no que diz respeito às definições de literatura; todavia, em hipótese alguma reduzimos essas discussões apenas a um ou dois prismas, entendemos que há muitas formas de explicar o valor literário que os textos possuem. Em nosso caso, tanto as concepções das abordagens históricas e linguísticas são-nos igualmente válidas e bem-vindas.

Dizemos isso, pois é perfeitamente possível analisar o *In Hexaemeron* de Basílio a partir desses dois critérios, isto é, tanto pelo seu valor histórico, por ser um texto que revela bem o imaginário religioso da época, como também pelo fator linguístico, ou seja, por também ser uma obra cuja proposta é contar uma história acerca dos seis dias da criação segundo a engenhosidade de Basílio. O conteúdo estético dessa obra pode muito bem corroborar para uma análise de seu teor literário. Elementos como a ficcionalidade, a narração, e o emprego de uma linguagem metafórica podem servir como indícios do perfil inventivo e criativo do texto de Basílio.

O que nos importa dizer é que os métodos de avaliação da natureza da literatura nem sempre foram uniformes, eles possuem seus lastros históricos e não surgiram de forma espontânea. Embora as primeiras definições de literatura tenham nascido na Antiguidade clássica, seu desenvolvimento substancial é fruto de acaloradas discussões da modernidade, mais especificamente no século XIX. Foi com o advento da Modernidade que houve o

aprofundamento dessas discussões, e isso resultou em outros entendimentos acerca do que seria o fenômeno literário, que, a partir de então, desencadeou o surgimento de novos cânones.

Na Modernidade os dois grandes modos antigos, isto é, narrativo e dramático, passaram cada vez mais a ser compostos em prosa. O gênero lírico, criticado por Aristóteles por conta da predominância dos sentimentos e emoções do eu lírico, foi o que se tornou sinônimo de poesia, e o romance e o teatro ganharam cada vez mais espaço. A Modernidade trouxe novos entendimentos acerca do fenômeno literário. A partir de então, o cânone clássico passou a ser considerado apenas como modelo a ser imitado pelos novos escritores da época, e isso impactou significativamente as novas formas de perceber-se essa instituição que recebeu por nome “literatura”.

Assim, um novo panteão literário passou a ser construído e outras obras passaram a ser consideradas como obras literárias. Todavia, essas mudanças vinham carregadas de concepções ideológicas, de sorte que a própria noção de literatura daquele período passou a estar intimamente relacionada à confecção de obras nacionais responsáveis por melhor encarnar os espíritos das nações.

Segundo Compagnon, foi a partir desse momento que a literatura começou a ser compreendida como tudo aquilo que era produzido pelos grandes escritores nacionais. Tal raciocínio foi o que culminou no entendimento moderno de literatura como fruto das belas letras. A síntese desse processo fez com que diferentes obras passassem a ser inseridas nos novos cânones que a Modernidade elegia. A partir dessa época, a literatura começa a ser compreendida de uma outra forma, ou seja, como sendo um conjunto de obras valorizadas nacionalmente.

Tal escolha pautava-se na forma e universalidade do conteúdo que as obras traziam consigo, ou seja, na concepção do texto literário como artefato estético de uma arte verbal. Todavia, é importante dizer que a atitude de identificar a literatura a partir de um único valor literário é por si só excludente, já que a própria escolha de um critério pode levar à exclusão de outros.

De certa forma o critério que se utiliza para designar certa obra como literária ou não encontra-se mais relacionado aos aspectos moral, sociológico e ideológico que ao aspecto meramente literário, daí a visão contemporânea de abraçar a literatura em seus mais diferentes modos. Sobre essa questão, o autor aclarar-nos-á que: “O critério de valor que inclui tal texto não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, de qualquer forma extraliterário (Compagnon, 2003, p. 34).

O que se pode perceber é que o processo de definição do termo literatura é progressivo e diacrônico, desenvolveu-se ao longo do tempo, e na maioria das vezes encontrava-se intimamente relacionado ao plano ideológico. É, ainda, fruto de um processo sincrônico de maturações que se desenvolveram ao longo do tempo; a própria ação de caracterizar literatura somente a partir do ponto de vista estético é uma escolha que diz mais acerca do crítico do que da obra literária.

O que existe é um claro sistema de valoração do saber literário que é histórico, isto é, que se encontra majoritariamente ligado a certas convenções, escolhas que certos grupos adotam. De certa forma é com os críticos da Modernidade que a busca pelo valor literário dos textos se intensifica, e é isso que os leva a buscar cada vez mais novos critérios para observar o valor que determinados textos possuem. Tal anseio terminou por desaguar numa visão funcional das obras literárias e, portanto, implicará numa releitura de obras como de Aristóteles a fim de pautar tal concepção.

Segundo Compagnon (2003, p. 35), os entendimentos de literatura segundo o critério da funcionalidade desfrutam de maior estabilidade, pois, conforme havíamos dito, o próprio Aristóteles em sua *Poética* já havia entendido que as obras de seu tempo possuíam a finalidade de provocar certa gama de emoções em seu público. Horácio, poeta latino, reconhecê-la-á como arte útil e agradável que instrui os indivíduos. A visão humanista também compreenderá a “literatura” de maneira um tanto semelhante, ou seja, de que era uma arte responsável por produzir um tipo de saber diferente do conhecimento filosófico e científico.

Tanto a tradição clássica como a humanista entenderão que o objeto de conhecimento da literatura reside na capacidade de discernir a doce e útil instrução que somente os escritos poderiam provocar em seus leitores. Nesse sentido, o objeto de conhecimento da literatura residiria no campo daquilo que é provável, verossímil; estaria mais no campo da *dóxa*, dos provérbios, das máximas que serviriam de instrução para todo o gênero humano. É esse o entendimento de literatura que a Modernidade recuperará dos clássicos, ou seja, de que ela é uma arte de expressão conotativa dos dilemas humanos. Vejamos uma passagem que expressará bem essa questão:

Essa é a mais corrente definição humanista de literatura, enquanto conhecimento especial, diferente do conhecimento filosófico ou científico. Mas qual é esse conhecimento literário, esse conhecimento que só a literatura dá ao homem? Segundo Aristóteles, Horácio e toda a tradição clássica, tal conhecimento tem por objeto o que é geral, provável ou verossímil, a *doxa*, as sentenças e máximas que permitem compreender e regular o comportamento humano e a vida social (Compagnon, 2003, p. 35).

O excerto supracitado demonstra que, para os teóricos desse período histórico, havia uma nítida diferença entre a função da literatura e as demais categorias de textos escritos. Para os humanistas, a principal característica da literatura residia no tipo de conhecimento que ela produzia, seu saber era diferente do científico. Enquanto o conhecimento da ciência expressava um saber denotativo, a literatura expressava sua gama de saber através do aspecto conotativo da linguagem. Para eles tratava-se de uma vívida expressão da sabedoria humana que era por natureza aforismática, era responsável por revelar máximas que serviam de critério para instruir o gênero humano em seu cotidiano.

Tal tipo de entendimento leva-nos a refletir cada vez mais sobre as características da obra de Basílio em seu *In Hexaemeron*. Dizemos isso porque o foco da obra de Basílio é contar uma história que fosse capaz de instruir todos os seus ouvintes a perceberem qual é seu real lugar no *kósmos* e a regularem suas vidas em prol de uma vida harmônica e simpática com a criação. Não se trata de um saber científico, trata-se de um saber mítico-religioso mais atrelado ao campo da *dóxa*, da opinião de Basílio acerca de como se deu a criação do mundo.

É o perfil solene e célebre de sua mensagem que fará com que a obra de Basílio se erga como um verdadeiro clássico da literatura de sua época. É por conta disso que se aproveitará do uso de máximas e argumentos retóricos que fossem capazes de fazer refletir sobre a beleza e a condição da vida humana dentro do amplo sistema cósmico da criação. Esse é o perfil de sua obra *Hexaemeral*: uma narrativa épica cujo propósito é discorrer sobre a cosmogonia do Gênesis segundo o modo criativo de Basílio.

De certa forma, o que podemos perceber é que, além da visão funcional da literatura, a Modernidade também trouxe a compreensão da literatura enquanto modelo, forma ideal de comunicação da linguagem conotativa. Sendo assim, buscará mais uma vez nos antigos sua fonte de inspiração, e, portanto, elegerá o elemento ficcional como o principal modelo de expressão de sua mensagem. Sendo assim, literatura e ficção passarão a ser considerados como termos intimamente relacionados por muito tempo.

Genette fala de uma “poética *essencialista*” ou, ainda, *constitutivista* “na sua versão temática”. Segundo essa poética, “a maneira mais segura para a poesia escapar do risco de dissolução, no emprego corrente da linguagem, e se fazer obra de arte é a ficção narrativa ou dramática”. O qualificativo *temático* parece-me que deve ser evitado, pois não há temas (conteúdos) constitutivamente literários: o que Aristóteles e Genette visam é ao estatuto ontológico, ou pragmático, constitutivo dos conteúdos literários, é, pois, a ficção como conceito ou modelo, não como tema (ou como vazio, não como pleno); e Genette, além disso, prefere chamá-la *ficcionalidade* (Compagnon, 2003, p. 38).

Para Antoine Compagnon, a noção de ficcionalidade foi entendida por um bom tempo como critério, modelo ideal por meio do qual se atestava a literariedade de determinados textos. No entanto, é preciso dizer que tal critério de literariedade, seja ele atrelado ao perfil ficcional ou não, diz respeito a uma tentativa de definir literatura enquanto forma de expressão. Segundo o próprio Compagnon (2003, p. 39), a noção da literatura enquanto forma, ou seja, enquanto uso estético da linguagem escrita era apenas um dos artifícios da crítica literária para diferenciar a linguagem literária da linguagem cotidiana, foi apenas uma das inúmeras concepções que surgiram ao longo do tempo.

É justo dizer que o próprio conceito de literariedade enquanto forma também foi considerado como problemático pela crítica contemporânea, já que, de certo modo, não há apenas um único fluxo por meio do qual se possa expressar a real literariedade de uma obra. No entanto, pensamos que o elemento de ficcionalidade deva ser levado em conta por nós durante nossa pesquisa, uma vez que, a partir dele, poderemos refletir um pouco mais sobre algumas questões acerca da obra de Basílio, que, apesar de ser uma extensão de um mito ancestral, possui em seu enredo um aspecto criativo, cuja ficcionalidade é fruto da sua criatividade de escritor, isto é, emana da capacidade de recontar uma história que termina por ressignificar o Gênesis bíblico. Vejamos uma passagem que explicará melhor como tal conceito pode ser refletido por nós:

Nem toda literatura é do gênero ou do tipo “ficção”, mas há ficcionalidade em toda literatura. Seria preciso encontrar uma palavra diferente de “ficção”. E é através dessa ficcionalidade que se tenta tematizar a “essência” ou a “verdade” da “linguagem”. A palavra bastante ambígua ficção (que, às vezes, é utilizada erroneamente como se fosse coextensiva com a literatura) diz algo sobre essa situação (Derrida, 2014, p. 73).

De acordo com Jacques Derrida, não são todas as obras de literatura que pertencem ao gênero ou tipo ficção; no entanto, o elemento de ficcionalidade aparece em toda literatura. É por meio de uma arte verbal ficcional que boa gama de críticos pensarão o modelo ideal de literatura, ou seja, compreendendo-a como arte inventiva mediada através de um criterioso trato com as palavras. Tal visão faz-nos lembrar mais uma vez da obra de Basílio; dizemos isso, pois, se houver um elemento de ficcionalidade que emanou dela, tal fenômeno foi fruto da criatividade, da inventividade do Basílio escritor.

A literariedade do *In Hexaemeron* basiliano consiste na criação de uma obra cujo intento é ressignificar o Gênesis a partir de sua cosmovisão de cristão, daí o porquê de a considerarmos como literária, isto é, como uma arte verbal, por possuir uma estrutura própria na qual cada

evento contado pelo capadócio é fruto de sua engenhosidade enquanto contador de histórias, narrador e escritor.

O conteúdo de sua obra *Hexaemeral* é uma nítida simbiose da sua expressividade poética e de suas inquietações religiosas, ou seja, um retrato vívido do imaginário religioso da Antiguidade, isto é, da opinião proveniente da cosmovisão cristã desses autores. Se a literatura residir no campo da *dóxa*, esse é um bom exemplo da literariedade das obras destes autores *Hexaemerais*; não são textos científicos, e sim textos que refletem as concepções de mundo desses autores religiosos.

A retórica aguerrida de Basílio é um retrato de sua ânsia de transmitir uma mensagem, um relato cuja compreensão pudesse provocar um efeito catártico em seus ouvintes, ou seja, que fizesse seu público atentar para as preciosidades da história que contava, e isso é mais um dos motivos que fê-lo tornar-se uma personalidade tão aclamada, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Seu *In Hexaemeron* contempla tanto o uso de máximas como também de metáforas e demais recursos de natureza retórica. Todos esses elementos embelezaram significativamente a história dos seis dias da criação contada por Basílio.

O foco do *In Hexaemeron* basiliano é propor uma alternativa cristã no tocante ao ato de contar os seis dias da criação. A literariedade da obra basiliana reside na maneira como o capadócio inaugura um novo modo de ilustrar a criação segundo o Gênesis, é fruto do entendimento de Basílio acerca de como supunha ter sido a criação do universo. Basílio sabia da responsabilidade que tinha; o ato de compor um belo relato que desse conta de explicar detalhadamente o Gênesis era uma ação ousada, e é por isso que em muitos momentos sua mensagem utiliza diversos tipos de recursos narrativos para recompor um belo relato de como o mundo surgiu.

Em seu *In Hexaemeron* Basílio é o transmissor da história da criação, é o narrador desses eventos suntuosos, e seu público é o agente receptor dessa mensagem; daí a motivação de Basílio em montar uma história cativante, coerente e que desse mostras de sua singularidade. Ao lermos a obra de Basílio vemos claramente que o capadócio queria compor um relato da história do mundo, e é isso que fica nítido desde os primeiros momentos de sua obra *Hexaemeral*.

Estudar sua obra é mais que lidar com a cosmogonia bíblica, é mergulhar na maneira como ele compõe um relato para ressignificar o Gênesis. Tal ação resulta da engenhosidade de Basílio, e isso é de certa forma uma marca de sua intencionalidade literária. Sendo assim, uma vez que a intenção de Basílio em compor sua obra se concretiza, termina por legar para a

posterioridade um suntuoso clássico cujo valor linguístico, histórico e literário refletem bem o imaginário mítico religioso de seu tempo.

Tais atributos citados encontram-se intimamente ligados não só ao *In Hexaemeron* basiliano, mas também a toda uma tradição de escritos *Hexaemerais* que perdurou até a Modernidade. A obra basiliana, embora seja pessoal, isto é, fruto da singularidade de Basílio, termina por servir de modelo para toda uma tradição que o seguiu e isso reflete bem o caráter coletivo da literatura. Sobre esse fenômeno Cândido vai dizer-nos que:

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação" (Cândido, 2006, p. 146).

O que podemos dizer é que, embora a obra de literatura seja um produto pessoal, isto é, da singularidade do Basílio compositor, seu surgimento só se consagra em meio à coletividade. Tal fator encontra-se intimamente relacionado ao processo de recepção e isso de certa forma é um dos motivos que justificam sua permanência e durabilidade. De certa forma, o que podemos compreender é que, uma vez confeccionada, ela torna-se um produto público, e é o seu público quem legitima seu valor estético e histórico. Salientamos isso por conta de entendermos que esse é um dos principais fatores que consagraram a tradição *Hexaemeral* cristã que floresceu desde a publicação da obra.

Tratamos a obra basiliana como fruto de uma arte verbal cujo intento era ressignificar os eventos do Gênesis a partir de um trato especial com as palavras e de uma história cativante sobre os seis dias da criação. A proposta do capadócio foi confeccionar uma obra que fosse capaz de criar um pano de fundo solícito o suficiente para ele recontar os eventos do Gênesis por meio de uma linguagem criativa e loquaz.

Nesse sentido, a forma como Basílio estrutura seu *In Hexaemeron*, os episódios criados para narrar cada evento do Gênesis, é fruto da performance de Basílio como compositor e foi isso que consagrou sua obra *Hexaemeral* como um novo modelo de abordagem à criação do Gênesis. Sua capacidade inventiva é o que lhe possibilita em muitos momentos trazer um tom poético para a história *Hexaemeral* que montou.

No *In Hexaemeron* basiliano simbolismo religioso e criação poética fundem-se para dar forma a um texto de um significado profundo que somente a literatura pode produzir. Ao contar

como a criação aconteceu, Basílio encena os episódios do Gênesis de maneira a produzir um novo efeito estético sobre a cosmogonia ancestral. Sobre a natureza do símbolo religioso Massaud Moisés dirá que:

[...] embora "haja uma similitude, se não identidade de essência", entre a religião e a poesia", de modo que o "símbolo religioso mesmo em suas formas mais desenvolvidas, nunca perde os caracteres de poesia, [...] a linguagem religiosa deve ser lírica e dramática ou então não é nada (Moisés, 1970, p. 33).

Quanto à performance de Basílio como escritor, veremos que, nos momentos iniciais, seu texto *Hexaemeral* encena uma história cujos eventos revelam um mundo primitivo que sai do caos para a ordem. Ao contar esse processo, Basílio transporta sentimentos de exaltação à criação, o que é próprio de uma linguagem religiosa cujo simbolismo é eivado de um espanto e admiração por cada ato de Deus com a criação do mundo.

Talvez isso revele um aspecto mimético da obra basiliana; o que importa-nos dizer é que o valor de sua literariedade resulta da sua capacidade polivalente de exprimir questões do seu imaginário religioso de maneira a compor uma obra icônica ornada de simbolismo. Sua linguagem religiosa estava entrelaçada a uma expressividade poética cujo resultado fez surgir uma obra *Hexaemeral* responsável por novas formas de contar os eventos da criação.

A confecção de seu *In Hexaemeron* é fruto de um trabalho caprichoso de Basílio em montar um relato eivado de um acabamento estético bem matizado e que só foi possível devido à sua criatividade. Do ponto de vista da crítica literária, o que Basílio faz é expressar novas ideias, conteúdos que são fruto de sua engenhosidade, de sua capacidade criativa de pensar em novos significados para um mito ancestral que, a partir de sua obra, recebeu uma nova roupagem cristã. De maneira mais objetiva, o que ele faz é dar um novo emolduramento para aquela cosmogonia que tanto julgava ser importante para o imaginário religioso de sua época e com isso faz literatura:

[...] um tipo de conhecimento, fundado na imaginação, expresso pela palavra escrita e/ou comunicada oralmente, de valor múltiplo, e individual. Em suma: Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal (Moisés, 1970, p. 38).

Estamos cientes de que existem outros entendimentos para além do nosso. De certa forma, literatura é tudo e mais um pouco, e na maioria das vezes encontra-se intimamente relacionada aos intentos, às convenções que certos grupos elegem para designar esse fenômeno criado pelo gênero humano. Nas palavras de Compagnon: “É uma sociedade que, pelo uso que faz dos textos, decide se certos textos são literários fora de seus contextos originais” (Compagnon, 2003, p. 45).

De certa forma a literatura *Hexaemeral* é também fruto disso, ou seja, da designação que a tradição cristã nicena deu à família de textos que versam sobre os seis dias da criação. Logo, o que se percebe é que, ao longo da história do cristianismo, o ofício de recontar os eventos do Gênesis foi legado a uma tradição literária específica da Antiguidade, isto é, a *Hexaemeral*, literatura cuja figura de maior renome provavelmente tenha sido Basílio.

Embora tenhamos esboçado esses entendimentos, o que devemos dizer é que toda definição de literatura é sempre resultado de uma escolha; as definições são frutos de preferências, que por sua vez, podem resultar em muitas exclusões, e é isso que de certa forma impossibilita muitos críticos literários de estabelecer um consenso acerca do que vem ou não vem a ser literatura. Logo, segundo Compagnon (2003, p. 45), o pertinente a fazer é entender que a maioria dos textos, desde a prosa ficcional, autobiografias, ensaios, e obras de história deveriam de uma maneira ou de outra possuir seu devido espaço nesse enorme campo do universo literário.

Por fim, Compagnon chega à conclusão de que a literatura é um fenômeno heterogêneo. Sendo assim, diz: “Retenhamos disso tudo o seguinte: a literatura é uma inevitável petição de princípio. *Literatura é literatura*, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura” (Compagnon, 2003, p. 45). Segundo o autor, literatura é aquilo que determinada tradição ensina e divulga; a adoção de novos cânones literários é justamente uma escolha temporal, e que nos diz mais sobre os grupos que a elegem do que aquilo que o próprio texto traz consigo.

Com a literatura *Hexaemeral* tal critério não será posto de lado, ela surge como fruto de uma tradição cristã cujo propósito era contar os episódios do Gênesis. Ao estudá-la estamos diante de um verdadeiro legado literário cujo principal compositor talvez tenha sido Basílio. Em suma, o que se pode dizer é que a literatura enquanto produto de uma arte verbal está intimamente ligada a uma tradição, e foi a partir da obra de Basílio que tal fenômeno propagou-se dentro do cristianismo.

Estudar a tradição dos escritos *Hexaemerais* termina por revelar-nos como o imaginário religioso desses grupos cristãos funcionava. Não obstante, segundo nosso entendimento, a tradição *Hexaemeral* deve ser compreendida como literatura por tratar-se de uma arte verbal por meio da qual escritores cristãos como Basílio desenharam um icônico retrato de toda a linguagem simbólica e mítica do período em questão.

O que se conclui é que a protoforma desse tipo de literatura começa entre os judeus de Alexandria; no entanto, é Basílio quem se consagra como verdadeiro difusor desse tipo de literatura. A partir do *In Hexaemeron* basiliano toda a tradição de textos cristãos que versarão

sobre o Gênesis receberá o mesmo nome da obra do capadócio; daí o motivo de ser conhecida como literatura *Hexaemeral*, seu ofício é discorrer sobre a criação, quer seja em prosa ou verso, e é isso que estamos tentando mostrar.

3.1 Das circunstâncias históricas em que a literatura *Hexaemeral* surgiu e seu desenvolvimento

A partir deste momento explicaremos em que circunstâncias históricas a tradição *Hexaemeral* estava inserida, de sorte que, a partir de agora, o que faremos é discorrer sobre os fatores que possibilitaram seu surgimento durante a Antiguidade. É importante salientarmos isso, pois, de acordo com Digeser (2010), do segundo século até o oitavo da era comum, o mundo da bacia mediterrânica desfrutou de uma áurea época de conexões e intercâmbios epistemológicos herdados da *pax romana*³².

É bem provável que esse momento histórico tenha possibilitado o surgimento de novos sistemas artísticos e diferentes formas de pensamento. A tradição *Hexaemeral* nasce dentro desse contexto de grande efervescência política e cultural experimentada pelo mundo antigo. Portanto, analisá-lo é de grande importância para nosso trabalho. Sendo assim, vejamos uma passagem que expõe bem essa questão:

Do século II ao século VIII d.C., as pessoas que viviam ao redor do Mar Mediterrâneo experimentaram uma mistura sem precedentes de culturas e ideias, algo que não se repetiria até a nossa própria era. A conquista romana tornou possível essa fusão cultural, que se consolidou durante a *Pax Romana* Augusta, estendendo-se até o final do século II e continuando a florescer sob os reinos sucessores germânicos e o Império Omíada (Digeser, 2010, p. 13, tradução nossa).³³

De certo modo, pode-se dizer que essa época singular do mundo romano rendeu para a posteridade acesso a um verdadeiro celeiro de muitíssimas obras literárias cuja produção escriturística contemplava tanto os autores da Antiguidade clássica como do período tardoantigo. É neste contexto de efervescência política, religiosa e intelectual que surgem os

³² A *pax romana* foi um longo período de paz marcado pelas administrações do poder imperial romano após o fim das dissidências advindas da república. Esse momento de estabilidade e redução de conflitos no interior do Império possibilitou o livre trânsito de ideias e intercâmbios culturais em diversas partes do mundo romano antigo; escolas filosóficas e culturas religiosas integraram-se de maneira substancial e a integração político-administrativa desfrutou de uma grande estabilidade social. Todo esse momento histórico ficou conhecido como o período da paz romana que durou entre os anos de 28 a.C. a 180 d.C.

³³ No original: From the second until the eighth century ce, people living around the Mediterranean Sea experienced an unprecedented intermingling of cultures and ideas which would not be repeated until our own era. Roman conquest made possible this cultural fusion, which coalesced during the Augustan *pax Romana* extending into the late second century and continued to flourish under the Germanic successor kingdoms and the Umayyad Empire.

primeiros comentadores do Gênesis bíblico, precursores daquilo que posteriormente seria conhecido como literatura *Hexaemeral*.

Ao versarmos sobre esse tipo de literatura, passamos a ter uma rápida noção de que estamos por lidar com uma tradição literária cuja origem estava atrelada à produção de consagrados escritores da Antiguidade. Salientar isso é algo importante, pois pensamos que fora através do seu trato especial com as palavras que os autores dessa tradição compuseram opulentas obras cujo foco principal era o de interpretar e narrar o mito da criação bíblica que se encontra no Gênesis. Não obstante, trata-se de uma literatura que, para legitimar-se na sociedade de seu tempo, teve de dialogar com muitas epistemologias e defender uma suposta logicidade que a cosmogonia bíblica portava.

É por conta disso que nossa pesquisa tem de explicar questões relativas ao modo e às circunstâncias em que surgiu esse tipo de literatura, pois uma análise compromissada e atenta, isto é, que dê conta de explicar suas origens, poderá, em certa medida, revelar-nos significativos aspectos sobre seu funcionamento interno. Tudo isso será promovido por nós no intuito de compreender em que medida tal tradição literária consagrou-se como um fenômeno escriturístico prolífico e de grande relevância para a Antiguidade.

A literatura *Hexaemeral* nasce como uma grande tradição cujo ofício estava intimamente relacionado ao ato de comentar de uma maneira épica e solene os eventos da cosmogonia do Gênesis³⁴. De acordo com os estudiosos da crítica literária, especialmente com Robbins, tal literatura, provavelmente, teve seu início com os escritos judeus de Fílon de Alexandria, cultura helênica da segunda diáspora judaica³⁵.

A palavra grega *hexaēmeros* é formada pela junção de dois termos, *hék* (ἕξ), que significa seis, e *hēméra* (ἡμέρα), que significa dia; portanto, é da combinação dessas duas palavras que surge o nome da literatura que versa sobre os seis dias da criação. É disso que trata a literatura *Hexaemeral*, isto é, são obras cujo foco era versar sobre as origens do mundo

³⁴ Trata-se de uma investigação que perscrutará apenas a parte relativa ao relato da cosmogonia bíblica. Salientar isso é importante, pois o livro do Gênesis é mais que um relato cosmogônico; ele contém o início do mundo, mas também a história dos patriarcas, reinos e civilizações da Antiguidade. Neste sentido, o que importará para a literatura *Hexaemeral* será somente a parte acerca da origem do *kósmos*.

³⁵ Fílon de Alexandria viveu entre os anos de 20 a 50 a.C. Ele foi um importante escritor judeu da diáspora de cultura helênica. A maioria de suas obras versam sobre a crítica literária bíblica; seus escritos encontram-se em grego *koiné*. A principal obra de sua vasta produção literária a que nos referimos é, por nome: *De Opificio Mundi*. Nela o escritor judeu versa sobre a criação do mundo e busca atingir o sublime ato interpretativo do Gênesis. Trata-se de uma volumosa obra marcada por intensos diálogos com os temas da filosofia platônica de seu tempo, é um verdadeiro protótipo da vasta literatura *Hexaemeral* em que o *In Hexaemeron* de Basílio está inserido. Tal tradição literária estender-se-á da Antiguidade tardia por toda a alta Idade Média. Para maiores informações consultar Runia *et al.* (2001), e também Colson *et al.* (1930); nestes estudos há bons esclarecimentos sobre Fílon e sua obra *De Opificio Mundi*.

conforme o Gênesis; logo, era esse o ofício dos escritores *Hexaemerais*, contar as origens da criação de acordo com as leituras que faziam do Gênesis.

O uso desse nome pode ser ampliado para abranger toda a literatura que trata do assunto, incluindo relatos formais ou incidentais da criação do mundo baseados no Gênesis, bem como versões poéticas da narrativa. As obras dessa categoria abrangem um período que vai do *De opificio mundi* de Filon de Alexandria (c. 40 d.C.) até o *Paraíso Perdido* de Milton (Robbins, 1912, p. 2).³⁶

As obras *Hexaemerais* poderiam ser compostas das mais diversas formas, ou seja, desde homilias, comentários bíblicos, e até mesmo em poesia, como se poderá constatar com o poema épico de John Milton por título “Paraíso perdido”. Apesar de ter se consolidado como produto oriundo dos primeiros pais da igreja, melhor dizendo, dos diversos cristianismos que existiram na Antiguidade, o ato de discorrer sobre os eventos do Gênesis não foi algo que se iniciou dentro de um mundo cristão do IV século, é muito anterior.

Os autores que se ocuparão da hercúlea tarefa de narrar e explicar os seis dias da criação fizeram uso de ferramentais provenientes da retórica, da filosofia, da poesia e das demais epistemologias de seu tempo. Tal fenômeno literário iniciou-se na Antiguidade, passou pela Idade Média e perdurou até a Modernidade. Uma significativa obra *Hexaemeral* medieval é a de Ambrósio de Milão. Quanto a isso Coelho nos dirá que:

O Hexaëmeron de São Boaventura é a última obra deste importante teólogo do século XIII, e por isso é tida como o “canto do cisne” deste autor e também sua obra mestra por trazer à tona toda sua maturidade intelectual. É qualificada como uma obra-prima do pensamento medieval. Não por acaso a obra foi apreciada por Jules d’Albi e por A. Dempf, respectivamente, como 1) a obra mais original, a mais rica e talvez a mais poderosa da literatura escolástica, sendo a mais surpreendente obra do pensamento cristão; e 2) o mais amplo projeto de *Summa* de toda a Idade Média e a mais importante filosofia da história e da sociedade medieval. Bernard McGinn a define como sendo “uma obra-prima da teologia simbólica e mística” (Coelho, 2019, p. 64).

A passagem supracitada é muito importante, pois mostra-nos como a recepção de algumas obras *Hexaemerais* ocorreu. Isso de certa forma evidencia os impactos que esse novo tipo de literatura exerceu sobre as audiências da época. Pensar acerca disso faz-nos entender que a recepção empolgada não ficou circunscrita ao IV século; pelo contrário, continuou até o período moderno. Logo, foi a partir da tradição proveniente da literatura *Hexaemeral* antiga

³⁶ No original: The use of the name may be extended to cover the whole of literature dealing with the subject, including formal or incidental accounts of the creation of the world, based upon Genesis and poetical versions of the narrative. The works of this class extend in time from the opificio mundi of the Philo Judaeus (cir. 40 A.D.) to Milton’s Paradise Lost.

que um novo modo de abordar a história dos seis dias da criação surgiu. Ao longo do tempo ela se desenvolverá, de maneira que na Inglaterra será mais desenvolvida em forma de poesia.

Essas obras começaram com os primeiros escritos dos Padres da Igreja Cristã e continuaram a ser populares até a época de John Milton. [...] O tratamento poético típico consistia em parafrasear os seis dias da Criação, com frequentes digressões sobre uma ampla variedade de temas religiosos. *Divine Weeks* (1578), de Guillaume du Bartas, que era comumente acessível a leitores ingleses e coloniais na tradução de Joshua Sylvester de 1605, estabeleceu o padrão utilizado por poetas ingleses como William Alexander em *Doomes-day* (1614), Thomas Peyton em *The Glasse of Time* (1620) e John Milton em *Paraíso Perdido* (1667). Três temas principais tornaram-se proeminentes na poesia hexameral: "O tema básico permaneceu sendo os seis dias da Criação; mas outros dois temas, a revolta e queda de Satanás e seus seguidores, e a tentação e queda do homem, desenvolveram forte interesse próprio em associação com o tema básico (Barbour, 1981, p. 214, tradução nossa)³⁷.

Nosso entendimento é de que tais obras eram confeccionadas a fim de legitimar o relato da cosmogonia bíblica, e foi a partir de um filtro de leitura e interpretação que estava em conformidade com o modo mítico de ver e estar no mundo de cada um dos autores que compuseram suas obras *Hexaemerais*. Conforme dissemos anteriormente, esse foi o ofício da literatura *Hexaemeral*, isto é, o de compor uma narrativa meticulosa, ímpar e majestosa sobre os seis dias da criação.

O que tentamos demonstrar é que ela nasceu na Antiguidade e perdurou até meados da Modernidade; iniciou-se em forma de prosa, mas migrou para outros modais e adicionou outros temas bíblicos, como a revolta dos anjos e do homem. Portanto, ao analisarmos textos *Hexaemerais* como o de Basílio, é muito importante termos em mente que as maneiras de recontar os seis dias da criação são fruto de seus respectivos tempos históricos, cada autor possui sua singularidade e dialoga com questões de sua época.

3.2 A literatura *Hexaemeral* e o fenômeno da recepção do Gênesis

A literatura *Hexaemeral* é fruto do processo de recepção do mito do Gênesis, as histórias recontadas pelos seus escritores emanam da revisitação de um mito ancestral. Tal processo de recepção está intimamente relacionado ao ato de interpretação da narrativa mítica bíblica. As histórias sobre a criação do mundo narradas por parte dessa tradição literária vêm dessa atividade,

³⁷ No original: These works had begun with the early writing of the Fathers of the Christian Church and had continued to be popular until the time of John Milton. [...] The typical poetic treatment was to paraphrase the six days of Creation, with frequent digressions on a wide variety of religious topics. Guillaume du Bartas's *Divine Weeks* (1578), which was commonly available to English and colonial readers in Joshua Sylvester's translation of 1605, established the pattern used by English poets such as William Alexander in *Doomes-day* (1614), Thomas Peyton in *The Glasse of Time* (1620), and John Milton in *Paradise Lost* (1667). Three major themes became prominent in hexameral poetry: "The basic theme remained the six days of Creation; but two other themes, the revolt and fall of Satan and his followers and the temptation and fall of man, developed strong interest of their own in association with the basic them.

ou seja, de receber e reformular a narrativa mítica do Gênesis. De acordo com Compagnon (2003), a literatura é escrita por homens para explicar o mundo para outros homens; se tal asserção for aceitável, por conseguinte, hermenêutica e literatura não devem ser separadas, já que a causa fundante da literatura *Hexaemeral* encontra-se intimamente relacionada ao resgate de um mito ancestral:

Por Mito, como disse no começo, refiro-me primariamente a um certo tipo de história. É uma história na qual alguns dos personagens principais são deuses ou outros seres mais poderosos que a humanidade. Raramente ela está situada na história: sua ação acontece num mundo acima ou anterior ao tempo comum, *in illo tempore*, na expressão de Mircea Eliade. Por isso, assim como o conto popular, ela é um padrão de história abstrato (Frye, 2000, p. 38).

De acordo com o autor supracitado, o mito é um certo tipo de história; todavia, seu conteúdo é de natureza supernatural, congrega em sua estrutura um imaginário que perpassa os limites da razão, é um tipo de história que se situa num outro plano temporal. É, por assim dizer, um modelo abstrato de se contar histórias. Lidar com o Gênesis implica lidar com essas questões; sua forma de revelar questões sublimes do mundo é o que servirá de base para toda a literatura *Hexaemeral* cristã desenvolver suas respectivas versões sobre a história da criação.

De antemão, o que podemos dizer é que a razão de ser da literatura *Hexaemeral* está intimamente relacionada à recepção de um mito ancestral em que o Gênesis prefigura como modelo ideal de contemplação do mundo. Ele é encarado como arquétipo de uma mensagem que, embora verdadeira, encontra-se muito distante das realidades dos meros mortais que versaram sobre os eventos dos seis dias da criação. Em outras palavras, diferentemente do conto popular, o Gênesis possui para os escritores *Hexaemerais* da Antiguidade um significado especial. Trata-se de uma estrutura considerada mais importante, por assim dizer:

As diferenças entre mito e conto popular, entretanto, também têm sua importância. Os mitos, quando comparados aos contos populares, estão geralmente numa categoria especial de seriedade: crê-se que eles "realmente aconteceram" ou que têm alguma significação excepcional na explicação de alguns aspectos da vida, tal como o ritual. Por outro lado, enquanto os contos populares simplesmente permutam motivos e desenvolvem variantes, os mitos mostram uma tendência estranha de se manterem juntos e formarem estruturas maiores (Frye, 2000, p. 39).

Diferentes formas de mito existiram na Antiguidade. Suas variações são espelhos de uma determinada realidade cultural do próprio gênero humano, são verdadeiras agregações de significados que não se restringem apenas ao campo do simbólico, e isso pode ser constatado entre os mais diversos autores da Antiguidade. Sua função é desvendar o mundo para outros homens, seu desenvolvimento acontece paulatinamente ao longo do tempo. Com o Gênesis tal

fenômeno não foge à regra, ele é fruto de uma reminiscência na qual lenda e eventos históricos unem-se de maneira a consagrar-se como verdadeiro mosaico de ideias:

Enquanto os próprios mitos são raramente históricos, eles parecem fornecer um tipo de forma abrangente de tradição, que tem como um de seus resultados a obliteração de fronteiras separando lenda, reminiscência histórica e história real que encontramos em Homero e no velho testamento. Como um tipo de história o mito é uma forma de arte verbal e pertence ao mundo da arte. Como arte, e diferentemente da ciência ele lida não com o mundo que o homem contempla, mas com o mundo que o homem cria. A forma total de arte, por assim dizer, é um mundo cujo conteúdo é a natureza, mas cuja forma é humana; por isso, quando ela "imita" a natureza, a natureza assimila as formas humanas (Frye, 2000, p. 39).

Salientar essas informações é importante, pois isso revela-nos que enquanto modelo de história, o mito consagra-se como uma verdadeira arte verbal, e por isso pertence ao universo da arte, do engenho humano. Conforme havíamos mencionado em momentos anteriores, é literatura por ser uma consagrada forma de comunicação criada pelo homem para legar à posterioridade seus aprendizados e sua cosmovisão. Trata-se, portanto, de uma forma humana de uso da linguagem cujo intento visa a explicar temas que perpassam os limites do verossímil.

É em função disso que a literatura *Hexaemeral* cristã se firmará, ou seja, ao comporem suas obras bem elaboradas recontado a criação, terminam por firmar-se como reformadores de um mito ancestral que será adaptado às suas cosmovisões. Tais histórias recontadas são uma espécie de continuação, desenvolvimento de um mito ancestral cuja inspiração emana do Gênesis. Os mitos, enquanto forma de expressão humana, são passíveis de mudança, de transformação; de certa forma, isso ocorre por conta das diferentes formas de interpretação que ele comporta ao longo do tempo.

Com a literatura *Hexaemeral* tal fenômeno não fugirá à regra, ela também será responsável por promover múltiplas ressignificações do Gênesis bíblico, e isso variará conforme a inventividade, o engenho de escritores ao montarem suas obras *Hexaemerais*. Sendo assim, hão de metamorfosear os significados do Gênesis à medida que relatarem como os seis dias da criação se sucederam. Tal artifício é fruto do processo de recepção de uma literatura bíblica que será pincelada com as novas cores da cosmovisão cristã que estava por surgir:

Uma vez estabelecidos por si mesmos, eles podem então ser interpretados dogmática ou alegoricamente, como todos os mitos comuns o foram por séculos, de inúmeras maneiras. Mas porque mitos são histórias, o que eles "significam" está no seu interior, nas consequências de seus incidentes. Nenhuma tradução de qualquer mito em linguagem conceitual pode servir como um equivalente perfeito de seu significado. Um mito pode ser contado e recontado: pode ser modificado ou elaborado, ou diferentes padrões podem ser descobertos nele (Frye, 2000, p. 40).

É importante dizermos que é no campo da literatura que os mitos ganham novas dimensões, é nela que os mitos são recontados de modo mais elaborado. Escritores como Basílio, por desfrutarem de maiores ferramentas próprias da escrita literária, terminam por rebordá-los de maneira a transformá-los conforme o interesse de suas interpretações. É assim que os mitos se transformam durante os séculos, e é isso que autores *Hexaemerais* fazem ao confeccionar suas obras, isto é, descobrir novos padrões, diferentes formas de abordar o mito ancestral.

Ao tentarem comentar e recontar a criação segundo suas cosmovisões cristãs, autores como Basílio terminam por dar à luz uma nova versão da criação. Tal maleabilidade traz novas abordagens da cosmogonia bíblica e dá-se por conta da escrita literária ser mais flexível. A partir da capacidade inventiva da performance de autores como Basílio é que o preenchimento de certas lacunas do mito se concretiza; logo, é a partir desses novos contornos que a literatura *Hexaemeral* consagra-se enquanto arte verbal, isto é, pela capacidade de revisitar um mito ancestral e propiciar novas versões sobre a criação do mundo em seis dias. Sobre esse processo Frye dirá que:

O mito, portanto, fornece os principais contornos e a circunferência de um universo verbal que é mais tarde também ocupado pela literatura. A literatura é mais flexível do que o mito e preenche esse universo de modo mais completo: um poeta ou romancista pode trabalhar em áreas da vida humana aparentemente distantes dos deuses vagos e dos resumos narrativos gigantescos da mitologia. Mas em todas as culturas, a mitologia se funde imperceptivelmente na e com a literatura (Frye, 2000, p. 41).

O que perceberemos é que a base da literatura *Hexaemeral* encontra-se firmada no processo de recepção de um mito de criação. Ao revisitá-lo termina por reinterpretar o foco de sua mensagem e construir novas obras criativas que são fruto do próprio estilo desses escritores. Logo, o que estamos por notar é que sem a hermenêutica não há recepção do Gênesis, e sem recepção do Gênesis não há literatura *Hexaemeral* com suas respectivas histórias da criação. As próprias transformações que ela sofreu em território inglês quando passou a ser desenvolvida em forma de poesia demonstram bem esse processo de metamorfose inerente às tradições literárias.

Essa compreensão acerca do fenômeno de recepção das obras literárias ajuda-nos a compreender como surgiu a literatura *Hexaemeral*. Trata-se de uma longa tradição responsável por receber o mito ancestral do Gênesis; sua fundação dialoga intimamente com a atividade

interpretativa dele. Foi esse processo que a fez surgir enquanto tradição literária cristã, cuja principal obra é o *In Hexaemeron*³⁸ de Basílio de Cesareia.

Uma vez apresentado o elo entre recepção literária e hermenêutica devemos dissertar sobre o fenômeno da interpretação. O que podemos dizer é que o operador dessa arte é o hermeneuta, ou seja, aquele que domina bem o instrumental necessário para realizar uma boa análise dos textos com os quais está por lidar. Aristóteles em sua obra *Da interpretação* detalhou bem os princípios dessa arte e de como um leitor deve lidar com os textos.

Trata-se de uma das primeiras obras que versam sobre o fenômeno da interpretação. É nela que o filósofo estagirita discorre sobre a natureza deste conhecimento, e nela estão contidos os pressupostos básicos que servem de orientação para toda e qualquer instrumentalização deste saber.

Portanto, é preciso conhecer a natureza dessas interações, pois isso é o que nos possibilitará compreender com maior clareza os propósitos da mensagem advinda da literatura *Hexaemeral*. Não conhecer estes aspectos pode comprometer seriamente o entendimento deste novo tipo de literatura. Embora seu conteúdo seja religioso, dialogava com vários saberes da Antiguidade. Tal fator, conforme indicamos anteriormente, estava intimamente relacionado à formação privilegiada destes escritores, pois muitos deles, como é o caso de Basílio, por serem oriundos de famílias mais abastadas, terminavam por desfrutar de uma formação sólida e abrangente.

De certa forma, pensamos que a tentativa de esclarecer questões complexas do Gênesis estava intimamente relacionada à legitimação destes escritores enquanto verdadeiros intérpretes e narradores dos seis dias da criação. Logo, para que eles cativassem suas audiências era preciso que demonstrassem erudição e domínio do conteúdo sobre o que estavam por versar. Na maioria das vezes, tais autores eram considerados polímatas³⁹.

Nesse sentido, uma das principais tarefas destes escritores quando compunham suas obras era legar à cristandade de seu tempo pertinentes auxílios hermenêuticos para que, a partir de suas obras, os inúmeros cristãos desse período pudessem compreender profundamente o relato cosmogônico do Gênesis. Em certa medida, podemos dizer que eram os auxílios da sua

³⁸ Somos adeptos do entendimento de que o *In Hexaemeron* de Basílio foi um dos ápices dessa tradição.

³⁹ Palavra que vem do grego antigo *polymathēs* (πολυμαθής), estudioso cujo conhecimento não se encontra restrito a uma única área, verdadeiro entusiasta do conhecimento e das ciências. Tal fenômeno era bem comum na Antiguidade, pois, enquanto na Modernidade as áreas do conhecimento encontram-se compartimentadas em seus devidos campos, na Antiguidade tal fenômeno não era tão rigoroso, algo que de certa forma possibilitava o surgimento de estudiosos capazes de versar sobre muitos temas e objetos do conhecimento.

crítica literária que faziam com que a audiência não ficasse à mercê de outras visões de mundo contrárias às cosmovisões cristãs.

Em síntese, pode-se dizer que, de acordo com Ordóñez-López (2009, p. 49), a hermenêutica bíblica⁴⁰ comporta algumas interfaces indispensáveis para a análise dos textos. Dentre estas destacam-se as de natureza noemática⁴¹, ou seja, que versam sobre os sentidos dos textos bíblicos; as de natureza heurística⁴², isto é, que abordam os sentidos genuínos das passagens bíblicas; e, por fim, o perfil proforístico⁴³, que no âmbito teológico encontra-se mais relacionado aos diferentes modos de explicar os sentidos dos textos sagrados.

De acordo com Iser (1996), quando alguém passa a ler uma obra literária torna-se responsável por concretizar novas leituras, de maneira que tal processo poderá suceder-se de forma livre e maleável. Um bom leitor não precisa encontrar-se inteiramente limitado em relação às estruturas internas dos textos que se propõe a ler, há diferentes níveis de leitura das obras literárias. Já que, segundo Eco (2005, p. 38), o saber hermenêutico deriva de um saber que é hermético, seu segredo, por sinal, reside em saber que no campo da interpretação tudo é segredo. No entanto, tal segredo é vazio, pois no fundo o que importa é saber que no universo da decifração não há ponto final, conclusões estratificadas, nem verdades absolutas.

Nesse sentido, todo aquele que se julgar detentor, possuidor de uma única chave hermenêutica não poderá ser um bom hermeneuta. Aquele que alegar ser o portador de soluções imediatistas muito menos terá sido iniciado nesse saber. Estamos cientes de que existem certos limites, fronteiras que apartam e diferenciam uma boa leitura de uma má leitura; entretanto, é preciso dizer que tal fenômeno é plural e não algo singular, isto é, não é dotado de uma única perspectiva.

Portanto, no campo da investigação dos textos, sabemos muito pouco acerca deles; há sempre um universo de possibilidades, e, muito embora eles possam ter seu potencial ilimitado, isso não significará que eles não serão dotados de uma logicidade, ou seja, de uma constituição que nos norteie.

⁴⁰ Em termos práticos, podemos dizer que a hermenêutica bíblica consagra-se por adotar diferentes graus de leitura dos textos, ou seja, a partir do sentido literal, espiritual, anagógico, noemático, dentre outros que compõem essa vasta seara que é a interpretação bíblica. Entendemos que os parâmetros da hermenêutica bíblica transformam as escrituras sagradas em verdadeiros microcosmos; a bíblia é fonte de múltiplos sentidos cuja emanação de novos significados nunca se esgota.

⁴¹ Os princípios *noemáticos* são abordagens que o saber teológico usa para fazer jus às ideias que existem por trás de um texto.

⁴² Palavra que vem de um verbo grego, *heuriskō* (εὐρίσκω). Como a grande maioria dos verbos ele possui várias acepções e um de seus significados principais é descobrir. No âmbito da teologia, a atividade heurística consagra-se pela sua tentativa de descobrir os significados genuínos dos textos bíblicos.

⁴³ Trata-se de uma palavra que se origina do verbo *prospheirō* (προσφέρω). Na teologia seu significado diz respeito à arte de apresentar explicações acerca dos sentidos que os textos bíblicos possuem.

Dizemos isso pois o sujeito que lê e conhece os textos com que está por lidar deve conhecer os ferramentais básicos para a realização de boas leituras. A crítica literária, conseqüentemente, dispõe de tais ferramentas; basta o leitor conhecê-las e será guiado por bons nautas e capitães do grande barco que é a crítica especializada. Se porventura o leitor conseguir utilizar bem tais ferramentas, isto é, se conseguir navegar bem no oceano da interpretação dos textos, é quase certo que alcançará seu porto seguro, que é o conhecimento sólido das palavras que fazem parte da obra que lê. É neste sítio que todos os leitores devem aportar, pois é nos textos que o leitor encontra as ferramentas necessárias para concretizar seu ato de leitura e interpretação. Tudo isso faz-nos lembrar do entendimento de Oscar Tacca quando dizia:

Portanto, quer a obra esteja nas linhas do texto, quer esteja nas entrelinhas, há que conhecer o texto. A grande obra não reside exclusivamente nos recursos técnicos, mas existe também fora deles. Descrevê-los, assinalar categorias, compreender o seu mecanismo é talvez o caminho mais seguro para o seu conhecimento ‘poético’ (Tacca, 1978, p. 19).

Tais elucidações são importantes, pois nenhuma interpretação pode desfrutar de uma postura absoluta. Por conseguinte, o trabalho do intérprete não repousa sobre a construção de sentidos *ad infinitum*⁴⁴, pois o texto ainda é fronteira para o ato de leitura, e, conseqüentemente, para a realização do fenômeno hermenêutico em sua inteireza.

No plano da literatura *Hexaemeral*, o fenômeno de interpretação das escrituras também ganha essa característica. Interpretar os seis dias da criação demandava que os autores como Basílio demonstrassem um bom domínio do texto bíblico, e isso, conseqüentemente era o que legitimaria sua obra.

No âmbito da hermenêutica bíblica há alguns princípios que são fundamentais para se compreender os textos religiosos, dentre estes encontram-se o perfil literal, o alegórico, o moral e o anagógico. Ao longo deste capítulo tentamos demonstrá-los; esta atividade serve para mostrar-nos o perfil hermético desse tipo de literatura, pois tal tradição literária versa sobre diferentes níveis de entendimentos do Gênesis.

É por conta disso que a literatura *Hexaemeral* cristã dialoga com tantas categorias de pensamento do mundo antigo, pois ela é fruto de uma releitura da cosmogonia bíblica. É por conta disso que ela abraça muitos temas que vão além do universo simbólico do Gênesis. As obras *Hexaemerais* são uma prova viva dos diferentes modos de analisá-lo, e será isso que, conseqüentemente, tentaremos explicar, que a literatura *Hexaemeral* é fruto de múltiplas formas

⁴⁴ Expressão latina que significa “ao infinito”. Aqui ela é utilizada no intuito de passar ao leitor do trabalho essa compreensão de infinitude, ou seja, está relacionada ao ato de perscrutar temas e inquietações até a exaustão.

de interpretação do Gênesis; daí o motivo de abordarmos essa questão *hermenêutica* em nosso trabalho.

Para que autores pudessem contar suas histórias da criação, primeiramente necessitavam seguir um roteiro, enredo que por sua vez era o próprio livro do Gênesis. No entanto, para que pudessem segui-lo, necessitavam compreendê-lo, ou seja, interpretá-lo bem. Tal ação é um fenômeno hermenêutico, diz respeito à tentativa de interpretar corretamente o Gênesis, e era somente após tal ação interpretativa que a maioria das obras *Hexaemerais* passavam a ser confeccionadas.

Como já foi ressaltado, em momentos anteriores, tal fenômeno provavelmente estava relacionado ao seu perfil apologético, pois os autores dessa tradição literária necessitavam convencer suas audiências em seus mais variados níveis. Por conta disso, faz-se necessário que elejamos outros parâmetros de análise que perpassam os modelos das hermenêuticas bíblicas.

Salientamos isso pois, no âmbito da tradição *Hexaemeral* cristã, o criar novas formas de recontar a criação consagra-se a partir do uso de palavras de sentidos múltiplos para retratar uma realidade sublime e que perpassava os limites de um simples mundo material. Trata-se da tentativa de desvendar o mundo para outros homens a partir de um uso peculiar de uma linguagem verbal recheada de sentido múltiplo e poético que faz surgir a ficcionalidade de um mundo supernatural que é próprio do imaginário desses autores.

Ora, a literatura fornece um tipo singular de experiência, porquanto trabalha com a imaginação, que produz formas de vida possível e diferente da nossa. E tal experiência, colhida no contacto com a imaginação criadora do escritor, enriquece nossa maneira de ver a realidade, uma vez que a literatura, caminhando antes da vida, lhe vai insinuando os rumos que pode trilhar. Desse modo, o homem se aperfeiçoa com a assimilação de experiências ficcionais antecipadoras ou reveladoras de dimensões e situações para além de seu mundo comum (Moisés, 1970, p. 43).

A passagem supracitada expressa bem o que intentamos dizer acerca de como funciona a singularidade imaginativa dos autores das obras de literatura; por ser um produto da realidade inventiva do escritor ela proporciona-nos novas visões de mundo. A experiência de ler uma obra resulta sempre em novas abordagens, enriquece a nossa maneira de perceber o mundo a nossa volta. Ao lermos uma obra *Hexaemeral* como a de Basílio deparamo-nos justamente com esse fenômeno, isto é, com uma nova forma de compreender os seis dias da criação.

Logo, é do ato de interpretação do Gênesis que surge essa nova e principal abordagem dos seis dias da criação. Trata-se do fenômeno de preencher os espaços vazios de uma cosmogonia ancestral enxuta e recontar a criação para novas audiências com uma riqueza de significados que somente a literatura pode transmitir. Sendo assim, o ofício consiste em

desvendar o mundo sublime e enigmático do Gênesis para outros homens. Tal criação deriva de um emprego fluido e multívoco da linguagem verbal próprio da literatura.

Não trataremos de explicar o Gênesis, tal trabalho já foi feito pela literatura *Hexaemeral*. O que nos importa agora é entender como tal literatura interpretou e narrou os eventos que se encontram relatados na cosmogonia bíblica. Portanto, a partir de agora procuraremos explicar quais eram as principais características, isto é, princípios que norteavam esta literatura quando interpretava e narrava a criação do mundo.

Convêm-nos lembrar que as primeiras tentativas de interpretar a cosmogonia do Gênesis foram iniciadas em ambientes judaicos, cujo principal autor foi Fílon de Alexandria. Seu perfil erudito mesclava questões religiosas de seu judaísmo e da filosofia platônica, principal marca de seu estilo literário. A partir de Fílon vemos uma proto-literatura *Hexaemeral*. Trata-se de uma das primeiras obras que desencadeará posteriormente o fenômeno literário de compor longas obras cujo intento fosse narrar a criação com base no Gênesis.

Será a partir da intersecção entre teologia e literatura que nascerá uma das mais proeminentes obras de Fílon, *On the account of the world's creation given by Moses*⁴⁵, um verdadeiro marco na história dessa tradição literária. Esta obra contém as principais questões que nortearão as regras de interpretação do Gênesis, e, embora verse sobre a criação do mundo através de uma perspectiva judaica, muito auxiliou os demais escritores cristãos a comporem suas obras *Hexaemerais*. Vejamos uma passagem que explicitará bem isso:

De Fílon nos restam numerosas obras, a maioria das quais é dedicada à lei. O “De opifício mundi”, que comentaremos agora, é o começo das obras em que Fílon expõe a lei e é dedicada aos primeiros capítulos do Gênesis. A este primeiro livro equivalem como comentário alegórico sobre o segundo e terceiro capítulos do Gênesis, os três livros são chamados “Legum Allegoriae”. Fílon pretende apresentar a lei de uma forma que seja inteligível e atraente para os helenistas, ou seja, dar ao judaísmo uma expressão helenística. Com esse objetivo, ele utiliza a filosofia eclética que permeia a cultura retórica de sua época. Há um debate se em Fílon predomina o estoicismo ou o platonismo médio. No que diz respeito às ciências de sua época, Fílon não se mostra atualizado; ele as percebe como uma manifestação do orgulho humano, oposto à sabedoria (Zañartu, 1981, p. 31, tradução nossa)

46.

⁴⁵ O título da obra de Fílon em latim é *De Opifício Mundi*, e em grego ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΚΑΤΑ ΜΩΥΣΕΑ ΚΟΣΜΟΠΟΙΙΑΣ.

⁴⁶ No original: De Filón nos quedan numerosas obras, la mayoría de las cuales están consagradas a la ley. El De opifício mundi, que comentaremos ahora, es el comienzo de las obras en que Filón expone la ley, y está consagrado a los primeros capítulos del Génesis. A este primer libro corresponden, como comentario alegórico de los capítulos segundo y tercero del Génesis, los três libros llamados Legum Allegoriae. Filón pretende presentar la ley en forma inteligible y atractiva para los helenistas, es decir dar al judaísmo una expresión helenística. Con esta finalidad

É com essa obra de Fílon de Alexandria que será iniciada uma das primeiras tentativas de demonstrar que o relato cosmogônico do Gênesis dialogava com certos temas filosóficos do mundo grego. Os estudos de Fílon impactarão os seus sucessores, principalmente no que diz respeito à interpretação alegórica, já que a hermenêutica por ele utilizada dialogará diretamente com ecos da tradição platônica oriunda do *Timeu*. Consequentemente, tal tentativa de aproximar o Gênesis de um pensamento helenístico também se fará presente no âmbito da literatura *Hexaemeral* cristã.

O exemplo de Fílon de Alexandria em *De Opificio Mundi* ajuda-nos a compreender que uma determinada obra literária pode ser recepcionada de diferentes formas, e por públicos diversos. Sendo assim, é bem provável que tal fenômeno também tenha acontecido com a literatura bíblica do Gênesis. Nesse sentido, pensamos que, provavelmente, tenha sido essa a característica que tornou a literatura *Hexaemeral* tão complexa e ao mesmo tempo diversa, pois era através do ecletismo teórico dos autores *Hexaemerais* que se fazia com que o livro do Gênesis fosse recepcionado a partir de diferentes perspectivas.

Foi a partir dessa tentativa de defender a lógica da criação do mundo que a literatura *Hexaemeral* se legitimou. Para realizar tal ação, os escritores desta tradição literária tiveram de travar fortes embates com as diferentes epistemologias de sua época, e, portanto, terminavam por combater qualquer visão de mundo que fosse contrária aos intentos dos autores *Hexaemerais*. Um dos mais notáveis enfrentamentos diz respeito ao tema da criação do mundo *ex nihilo*, que significa “a partir do nada”. Tal embate ocorreu por conta da cosmovisão platônica de que o universo era fruto de um uma matéria preexistente, seu artífice, o demiurgo, que apenas havia lhe dado forma e não a criado inteiramente do nada.

Um conceito axiomático na teologia cristã é a doutrina da criação de Deus a partir do nada (*creatio ex nihilo*, em latim), embora isso não seja explicitamente ensinado nas escrituras judaicas e cristãs. Em vez disso, no relato do Gênesis, Deus é retratado como aquele que comanda o caos para se desenvolver em ordem. No entanto, o ensinamento platônico de que Deus cria o mundo "a partir da matéria informe" (*ex amorphou hylēs*) é refletido no livro apócrifo Sabedoria de Salomão (11:17) (De Beer, 2015, p. 82, tradução nossa)⁴⁷.

utiliza la filosofía ecléctica que empapa a la cultura retórica de su época. Se discute si en Filón predomina el estoicismo o el platonismo medio. Respecto a las ciencias de su época, Filón no se muestra al día; las percebe como un movimiento del orgullo humano, opuesto a la sabiduría.

⁴⁷ No original: An axiomatic concept in Christian theology is the doctrine of God's creation from nothing (Latin *creatio ex nihilo*), although this is not explicitly taught in the Judaic and Christian scriptures. Instead, in the Genesis account God is depicted as commanding chaos to develop into order. However, the Platonist teaching that God creates the world "out of formless matter" (*ex amorphou hylēs*) is echoed in the apocryphal book, Wisdom of Solomon (11:17).

A passagem supracitada ajuda a endossar nosso entendimento de que, apesar da literatura *Hexaemeral* ter mantido uma relação de aproximação e diálogo com conceitos prévios do platonismo, tal trânsito não acontecia de maneira aleatória, já que as inferências platônicas aparecem até mesmo nos livros apócrifos; portanto, trata-se de algo comum no mundo antigo. As narrativas míticas não são entes isolados, pois residem no maleável plano da cultura onde interações e trocas não se consagram apenas no plano material, mas também ideológico.

Novamente, supomos que a melhor maneira de ilustrar a questão é elucidando que tal fenômeno de interação com escolas filosóficas gregas dava-se por meio dicotômico, ou seja, pautado nas relações de usos e desusos do conhecimento filosófico. Portanto, pensamos que a concepção de uma criação *ex nihilo* talvez tenha sido uma dessas fronteiras que limitavam uma maior aproximação entre cristianismos e filosofia grega platônica.

O que podemos dizer é que no plano da interpretação há uma tarefa que precisa ser feita pelo bom leitor, pelo hermenêuta: desvendar os muitíssimos mistérios que há por traz de uma mensagem. Pensamos que um dos principais aspectos literários da tradição *Hexaemeral* reside justamente nisso, nesse anseio de confeccionar minuciosas histórias sobre a criação. No entanto, essas obras não eram montadas aleatoriamente; provinham de uma atividade hermenêutica profunda e um de seus intentos era fazer com que a narrativa cosmogônica do Gênesis fosse compreendida pelo público da época.

Uma vez explicadas tais questões, devemos demonstrar como o fenômeno interpretativo do Gênesis ocorreu na literatura *Hexaemeral* basiliana e de que maneira isso fez surgir novos *modus* de abordar, recontar as sutilezas por detrás do Gênesis. Ou seja, a partir dele poderemos perceber como Basílio montou um cenário próprio para desenvolver uma performance eloquente cujo intento seria o de ilustrar o Gênesis a partir de uma grande riqueza de detalhes. Tais aspectos, conforme veremos, fazem parte dos esforços de autores como Basílio em interpretar e narrar a cosmogonia bíblica de uma maneira lúdica e cativante. Quanto a isso Basílio escreve:

“No princípio, Deus criou o céu e a terra”. Então: “Ele criou a luz e então criou o firmamento.” Mas agora, ao nos mostrar Deus dando uma ordem falando tacitamente, Ele nos mostra Aquele a quem Ele dirige esta ordem e estas palavras. Não é que ele nos negue o conhecimento por inveja, mas ele inflama nosso desejo de saber, mostrando-nos sinais e algumas características do inefável. Porque o que é adquirido com esforço é recebido com alegria e cuidadosamente guardado, enquanto o que é facilmente alcançado é

desprezado. E este é o caminho pelo qual a Escritura nos conduz ao conhecimento do Unigênito (Basílio, *In Hexaemeron*, III, 2. 23-33).⁴⁸

De acordo com o capadócio, a sequência das palavras do Gênesis atestava a natureza do *lógos* de Deus que tudo organizou. Primeiro Deus havia criado o céu e a terra, então criou a luz e o firmamento através de ordens e comandos tácitos. De acordo com o capadócio, se o demiurgo deu origem ao mundo através de comandos de sua fala, conseqüentemente isso significaria que ele não estava só; se na criação Deus falara, logo, havia um forte indício de que no ato da criação Deus possuía um colaborador. Tais incrementos presentes na história de Basílio são exemplos da evolução de um mito ancestral que, com o capadócio, é recontado a partir de uma visão cristã.

Pensamos que foi através desse ato de revisitar a cosmogonia bíblica que Basílio salvaguardou seu status de intérprete e narrador dos eventos do Gênesis. Observamos tal característica, pois é isso que Basílio tenta demonstrar em sua obra, que Deus não estava só quando havia criado o mundo; isto é, de que o universo foi criado através da colaboração do Deus Filho. É assim que Basílio ilustra a criação, desenvolvendo uma narrativa capaz de ressignificar cosmogonia bíblica cuja performance mimetiza novas abordagens para os episódios daquele grandioso evento cósmico sobre o que se propunha a versar.

Conforme podemos observar, a mimetização do capadócio faz incorporar um novo elemento na história do Gênesis, ou seja, a presença do filho de Deus como agente criador de tudo. O elemento cristocêntrico ornamenta ainda mais a mensagem do Gênesis que Basílio estava por recontar. Trava-se de um elegante artifício utilizado pelo criador para estimular seus servos a encontrar uma inefável mensagem escondida nas entrelinhas daquela cosmogonia, de que ele havia criado o mundo com seu filho Unigênito, e é esse o meio de ludificar uma mensagem enigmática que através da obra de Basílio confere novas cores para uma cosmogonia ancestral.

A passagem supracitada mostra-nos como funciona essa arte de ludificar a cosmogonia bíblica; a performance do narrador *Hexaemeral* está intimamente ligada ao fenômeno da interpretação e ressignificação do Gênesis. Tal processo de composição literária é fruto de uma hermenêutica de um mito cosmogônico anterior a essas obras. Sem tal trabalho a possibilidade de contar uma história da criação que fosse convincente ao seu público tornar-se-ia quase nula.

⁴⁸No original: Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν· εἶτα, Ἐποίησε φῶς· εἶτα, Ἐποίησε τὸ στερέωμα· νῦν δὲ τὸν Θεὸν προστάττοντα καὶ διαλεγόμενον εἰσάγουσα, τὸν ᾧ προστάσσει καὶ ᾧ διαλέγεται κατὰ τὸ σιωπώμενον ὑποφαίνει, οὐ βασκαίνουσα ἡμῖν τῆς γνώσεως, ἀλλ' ἐκκαίουσα ἡμᾶς πρὸς τὸν πόθον, δι' ὃν ἴχνη τινὰ καὶ ἐμφάσεις ὑποβάλλει τοῦ ἀπορρήτου. Τὸ γὰρ πόνῳ κτηθὲν, περιχαρῶς ὑπεδέχθη καὶ φιλοπόνως διεφυλάχθη· ὃν μέντοι πρόχειρος ὁ πορισμὸς, τούτων ἢ κτήσις εὐκαταφρόνητος. Διὰ τοῦτο ὁδῶ τινι καὶ τάξει ἡμᾶς εἰς τὴν περὶ τοῦ Μονογενοῦς ἔννοιαν προσβιβάζει.

Portanto, no que diz respeito à literatura *Hexaemeral*, os cenários montados para narrar-se a criação variarão de autor para autor, e isso propiciará o surgimento de novas formas de recontar os fatos da criação.

Nesse sentido, a capacidade de extrair novos significados do Gênesis é o que fará com que autores cristãos como Basílio desfrutem de certa liberdade artística que confere ao escritor *Hexaemeral* a chance de montar o seu próprio cenário por meio do qual sua história da criação será recontada.

Em linha gerais, o que se pode dizer que é o Gênesis é o mapa, enquanto o desenvolvimento da história contada é fruto das performances desses escritores que inauguravam uma nova forma de recontar um mito ancestral. Por conseguinte, tais obras consagraram-se pela sua brilhante capacidade de reinterpretar os eventos da criação, algo que lhes legou a chance de reelaborar uma história do mundo que estivesse em consonância com suas respectivas visões de mundo.

Dessa tentativa ousada tanto as palavras e até mesmo o silêncio não de ser notavelmente valorizados. De certa forma, tudo o que tais autores disseram e deixaram de dizer será objeto da crítica especializada da época que revisitará cada assunto abordado por eles no seu intuito.

O que nos fica claro é que a literatura *Hexaemeral* é fruto do fenômeno de recepção do Gênesis, que, por sua vez, estava intimamente ligado ao ato de interpretar os eventos da cosmogonia bíblica, e é desse ato de interpretação que novas histórias da criação surgem, de sorte que toda a tradição *Hexaemeral* ficará marcada pela sua capacidade especial de fazer uma nova abordagem do Gênesis segundo os critérios da ortodoxia cristã da época.

O que podemos perceber é que cada interpretação faz surgir uma nova história, que é recontada e transmitida através de novos modos de abordagem e resignificação. No seio da literatura *Hexaemeral* cristã tal processo não fugirá à regra, com o *In Hexaemeron* basiliano isso se tornará bastante perceptível; sua obra resulta desse fenômeno hermenêutico, por esse motivo, tal processo perpassará o campo interpretativo.

É nisso que reside a inovação de Basílio, isto é, em fazer surgir uma tradição literária cujos atos de interpretação e narração andam de mãos juntas de maneira a criar novas abordagens cristãs para recontar o “real” surgimento do mundo. A literariedade dessas obras *Hexaemeris* reside nessa capacidade engenhosa desses escritores, é fruto de uma notável habilidade em recompor histórias que, embora seja recriações desses autores, encontram-se intimamente relacionadas ao complexo fenômeno de recepção do mito ancestral do Gênesis. Logo, o ato de recontar faz parte do ato de ler, interpretar e redizer aquilo que o texto disse, em outras palavras, recepcionar.

3.3 A literatura *Hexaemeral* e a leitura anagógica do Gênesis: um modo mítico de compreender o *kósmos*

A literatura *Hexaemeral*, sobretudo a de Basílio, possui uma forma mítica de compreender a origem do *kósmos*. Por conta disso, está constantemente preocupada em conduzir o seu leitor a alcançar uma compreensão sublime sobre origem do mundo. Essa é uma das principais características do *In Hexaemeron* de Basílio, ou seja, a de contar os seis dias da criação demonstrando sua origem como fruto de uma intervenção divina. Por conta disso Basílio vai relatar os momentos iniciais da criação com uma grande riqueza de detalhes, pois, conforme já foi apontado durante nosso trabalho, seu intento seria o de apresentar para sua audiência a excelsa mensagem que havia por trás do Gênesis e tal aspecto está intimamente relacionado ao seu modo mítico de compreender o *kósmos*⁴⁹.

Uma das mais célebres tentativas de estudar determinado relato cosmogônico como sendo fruto de um modo mítico de compreender o mundo foi realizada por Torrano (1996). De certa forma é nele que nos inspiramos e por isso deixamos clara a influência de suas ideias para a construção desta etapa de nosso capítulo. De acordo com seus estudos foi a antiga poesia grega hesiódica que trouxe consigo essa maneira mítica de ser e estar no mundo; algo que, naquela ocasião, expressava questões próprias de sua linguagem e das circunstâncias em que fora composta. As contribuições do autor supracitado servem para mostrar-nos essa importante questão, ou seja, que cada cultura literária possui uma maneira singular, padrões, convenções responsáveis por expor suas respectivas cosmovisões. Nesse sentido, há na poesia de Hesíodo uma forma mítica de explicar o mundo, fruto da arte das musas heliconíades. Com a literatura *Hexaemeral* o modo mítico de compreender o *kósmos* será fruto de uma outra fonte, mas que, todavia, também é uma narrativa mítica; sua origem é de procedência divina.

No entanto, tal narrativa sublime, diferente de Hesíodo, não provém do canto das musas, mas sim dos primeiros capítulos do Gênesis. Nosso entendimento reside justamente nisso, ou seja, de que também há um modo mítico de entender o *kósmos* presente na literatura *Hexaemeral* basiliiana; é a partir dele que Basílio montará esta sua obra, suas histórias acerca do surgimento do mundo advêm dessa peculiaridade.

Para a literatura *Hexaemeral*, o Gênesis comporta mais que uma narrativa sobre os seis dias da criação; trata-se de uma narrativa sublime que deve ser encarada como um modelo de instrução aos fiéis. Era a partir desse livro bíblico que os cristãos deveriam pensar e refletir sobre qual era seu real lugar no *kósmos*, por isso deviam ler essa literatura de maneira a enxergar

⁴⁹ O título desta etapa de nossa investigação é fruto da inspiração da obra de José Antônio Alves Torrano *Sentido de Zeus: o mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo*.

em seu enredo um sentido anagógico, ou seja, que os direcionava a contemplar profundas verdades acerca do *kósmos*.

Os autores hexaemerais transformam a busca perene pelo *archē* em um ato performativo de pedagogia divina, um "exercício espiritual", para retomar Pierre Hadot, em seis passos retrógrados e contemplativos. Esses passos dão origem ao perspectivismo invertido de uma *phusikē theōria*, a visão introspectiva de uma simples presença divina que emerge através do mundo dos sentidos (Katsos, 2018, p. 43, nossa tradução)⁵⁰.

A busca pela *archē* (ἀρχή) do universo foi um dos instrumentos utilizados pela literatura *Hexaemeral* para ilustrar uma certa pedagogia divina presente no ato da criação do mundo; tal ação tinha o intuito de estimular o público da época a desenvolver uma interpretação espiritual do Gênesis, isto é, que fosse de perfil anagógico, já que para tais autores o início do mundo emanava do próprio mundo espiritual de Deus e não apenas de elementos da natureza.

Essa perspectiva endossada pelos autores *Hexaemerais* dialogava diretamente com uma leitura que, para nós, encontra-se intimamente relacionada com o modo mítico de interpretar o funcionamento do *kósmos*, isto é, de que os princípios da natureza tinham sua causa numa realidade espiritual. Logo, é esse um outro aspecto da literatura *Hexaemeral*, isto é, o de tentar ilustrar para o seu público que é possível contemplar a partir dos fenômenos presentes na criação o mundo do *noumenon*.

Sendo assim, fica-nos claro que o modo mítico de perceber o mundo apregoado pelos autores *Hexaemerais* dependia da capacidade de cada autor olhar com sutileza o mundo dos fenômenos e a partir dele extrair alguma possibilidade de enxergar o mundo numênico, a realidade suprema de onde tudo se originou, já que, segundo Katsos: “A anagogia começa com o tipo de luz que revela os *phainomena* ao olho corporal e termina com o tipo de luz que revela os *noumena* ao olho da mente” (Katsos, 2018, p. 43, tradução nossa)⁵¹.

Nesse sentido, para que isso fosse feito, autores como Basílio precisavam ilustrar o Gênesis da melhor maneira possível para seu público, e é nisso que consistem esses árduos trabalhos de desvendar a sublime mensagem do Gênesis. Isso possibilitou-lhes a chance de se legitimarem enquanto escritores responsáveis por fazer surgir novos olhares sobre aquela cosmogonia bíblica que estavam por perscrutar.

⁵⁰ No original: The hexaemeral authors transform the perennial search for the *archē* into a performative act of divine pedagogy, a ‘spiritual exercise,’ to reprise Pierre Hadot, in six retrograde, contemplative steps. The steps give rise to the invert perspectivism of a *phusikē theōria*, the introspective vision of a simple divine presence emerging through the world of the senses.

⁵¹ No original: The anagogy begins with the kind of light that reveals the *phaenomena* to the bodily eye and ends with the kind of light that reveals the *noumena* to the mind’s eye.

Há de se dizer também que o ato de discorrer sobre o Gênesis era algo que estava intimamente relacionado à performance dos narradores. Todavia, é Basílio quem de certa forma inaugura um “padrão ideal” de narração do Gênesis que influencia boa parte dos autores cristãos de seu tempo. Tal semelhança é perceptível nas obras de João Crisóstomo, pois: “Em certos aspectos, Basílio e Crisóstomo adotaram métodos semelhantes ao pregarem o Gênesis para o público habitual ao qual se dirigiam” (Sandwell, 2011, p. 543, tradução nossa).⁵²

Tal informação leva-nos a entender que muitas questões relacionadas ao estilo destes autores poderiam claramente estar relacionadas ao perfil do seu público. Todas essas questões acerca da narração e recepção do livro do Gênesis possibilitavam à literatura *Hexaemeral* tornar-se uma tradição literária diferenciada, versátil e dinâmica⁵³.

A passagem trazida por nós serve para mostrar-nos outra questão importante em nosso trabalho: esses escritores tinham a icônica missão de instruir os seus fiéis a lidarem com o mito ancestral do Gênesis de acordo com suas visões de mundo. A própria constituição desta tradição literária fazia parte de complexas relações de poder entre os escritores eclesiásticos desse tempo.

Nessa literatura bispos do IV século tentavam imprimir suas categorias de pensamento e com isso impactar a vida de seus fiéis através de comentários e narrações sobre os eventos da criação. Sendo assim, havia uma maneira ideal pela qual cada clérigo leria, interpretaria e narraria a cosmogonia bíblica, isto é, a de perscrutar com diligência e narrar com a maior clareza de detalhes, pois era dessa forma que poderiam instruir seus ouvintes de acordo com os dogmas da fé que defendiam.

Portanto, insistimos em dizer que esse tipo de literatura cumpria funções apologéticas, pois cada leitura do Gênesis sinalizava uma visão de mundo, e essa, por sua vez, era fruto de questões provenientes da realidade histórica de cada um destes clérigos, que eram também verdadeiros poetas, intérpretes e narradores do Gênesis. Tudo isso fará parte do modo de elocução que cada narrador do Gênesis adotará quando for compor sua obra.

Um exemplo disso é a discussão sobre a natureza do tempo. No âmbito da literatura *Hexaemeral* há um modo mítico de perceber a realidade, pois ela é fruto da intervenção divina;

⁵² No original: In some ways Basil and Chrysostom adopted similar methods when preaching Genesis to the ordinary audiences they addressed.

⁵³ Sandwell (2011) assinala algumas questões referentes ao público ouvinte das homilias sobre a criação do mundo. De acordo com este autor, João Crisóstomo e Basílio de Cesareia desfrutavam de audiência que era própria de sua realidade sociocultural, fator que influenciava o estilo de ambos os autores quando confeccionavam seus comentários sobre o Gênesis.

por conseguinte, tudo o que veio a surgir, inclusive o tempo, é consequência do ato criador da divindade do Gênesis, de maneira que tudo o que há no universo encontra-se relacionado a ele.

A tradição *Hexaemeral* é um verdadeiro mosaico, um quadro com muitíssimas cores, cada cor simbolizando o perfil estilístico desses escritores. No entanto, tais tonalidades, conseqüentemente, variarão de acordo com os intentos de cada um destes escritores, por isso as mudanças de estilo ao longo do tempo. Quer seja na prosa ou na poesia, o que cada autor fará é imprimir seu estilo pessoal nessa arte de expressar como aconteceram os seis dias da criação.

Pensamos que, provavelmente, essa maneira mítica de ser e estar no mundo era parte do próprio *modus operandi* da literatura *Hexaemeral*, que, conforme apontamos em nossas discussões, era resultado das interlocuções entre as principais literaturas do mundo antigo. Portanto, não é de se espantar que tais escritores fossem considerados verdadeiros eruditos, pois estavam em pleno diálogo com o universo das artes, sobretudo da interpretação e narração, algo que determinava categoricamente o estilo de cada obra *Hexaemeral*, o que também é marca da tradição literária em caso.

Basílio de Cesareia e seu irmão Gregório de Níssa são apenas dois dos muitos escritores que fizeram parte dessa tradição. Suas discussões, formas de narrar o surgimento do mundo, isto é, de ilustrar os seis dias da criação são um exemplo claro do perfil dessa tradição de escritos, como explicará a citação abaixo:

Gregório de Níssa afirma ainda mais explicitamente a noção de que os mandamentos de Deus criam a natureza das coisas e determinam seus modos naturais de ação, os quais constituem as chamadas sequências causais necessárias neste mundo (cf. *Hex.* 72C, 72B). Essa natureza das coisas, feita por Deus e distinguida pelos termos σοφός (sábio) e τεχνικός (artesanal/técnico), ele chama de *lógos*. Gregório vai muito além de Basílio nessa questão; ele não se refere apenas ao poder seminal implantado na terra, no mar e nos animais, mas também aos princípios, causas e forças (ἀφορμαί, αἰτίαι, δυνάμεις, *Hex.* 72B) que Deus colocou no mundo no princípio e a partir dos quais se desenvolveram o céu, a terra, o éter, o ar, as estrelas, o fogo, o mar, os animais e as plantas (Robbins, 1912, p. 17-18, tradução nossa).⁵⁴

A passagem que trouxemos indica como as discussões desses autores inauguravam novas perspectivas, visões de mundo acerca do Gênesis. Tudo isso é fruto do perfil versátil desses escritores, de sua formação privilegiada, que, naquela ocasião, era o que lhes

⁵⁴ No original: Gregory of Nyssa, states even more explicitly the notion that God's commands create the nature of things and determine their natural modes of action which made up the so called necessary causal sequences in this world. (cf. *Hex.* 72C, 72B). This nature of things, made by God and distinguished by the terms σοφός, and τεχνικός, he calls logos. Gregory goes Much farther in this matter than Basil; he has reference not simple to the seminal power implanted in the earth, sea, and animals, but to beginnings, causes, and powers, (ἀφορμαί, αἰτίαι, δυνάμεις, *Hex.* 72B) which God lodged in the world in the beginning and from which were developed heaven, earth, ether, air, stars, fire, sea, animals, and plants.

possibilitava analisar a cosmogonia bíblica das mais diferentes formas. De certo modo, pensamos que, provavelmente, o que mais motivou tais escritores a compor suas obras *Hexaemerais* foi a necessidade de expressar seu imaginário religioso para a posterioridade a fim de que dessa forma mantivessem vivas suas tradições.

Todas essas questões fazem-nos lembrar o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que dizia que cada sistema artístico surge dentro de uma especificidade de seu tempo. Os gêneros literários e as obras que surgem deles são frutos de complexos processos de maturação de ideias e temas diversos, de forma que o especialista que versa sobre os sistemas artísticos tem de sempre estar atento às peculiaridades da obra de arte que analisa. Não se pode olvidar desses princípios e isso é imprescindível para a crítica literária; portanto, vejamos como Hegel se reporta ao trato com os sistemas artísticos:

É que as criações artísticas e os produtos artísticos são obras do espírito, quer dizer, não são manifestações da natureza; não atingem pelo mesmo e único processo o seu estado definitivo e perfeito, mas realizam-se por momentos diferentes que diremos de crescimento, maturação e decrepitude, ou de esboço, desenvolvimento aperfeiçoamento e decadência (Hegel, 2010, p. 4).

As argumentações de Hegel auxiliam-nos a pensar em que medida a literatura *Hexaemeral* pode ser compreendida como sistema artístico cujo florescimento foi gradual. Dizemos isso porque tal literatura, assim como as demais artes, é fruto do espírito criativo do gênero humano, é alimentada, maturada e esboçada a partir de um desenvolvimento paulatino, para não dizer progressivo. Sendo assim, ela é fruto de um tempo histórico e dialogava com questões históricas que faziam parte do imaginário de sua época.

O que podemos concluir é que a literatura *Hexaemeral* faz parte de uma tradição de escritos que encarava a narrativa do Gênesis como fonte de um saber áureo que, naquela ocasião, era tida como um relato potente o suficiente para revelar-lhes a maneira correta e exemplar de ser e estar no mundo. Trata-se de um modo mítico de compreender o *kósmos*, para narrar os seis dias da criação.

Por meio dessa perspectiva era necessário que estes autores maturassem suas ideias de maneira a compor uma história da criação que fosse lógica e coesa. Tais tentativas, por sua vez, suscitavam novos paradigmas, novas formas de ler, interpretar e lidar com a cosmogonia bíblica.

A partir dessa relação que a literatura *Hexaemeral* manteve com o Gênesis, novos padrões estéticos surgiram e o filtro de leitura de autores como Basílio foi ampliado. Tal característica faz-nos lembrar das teorias literárias da estética da recepção de Jauss (1982) e da teoria do efeito estético de Iser (1996), pois, de acordo com essas escolas a relação entre escritor

leitor e obra literária não só provoca, mas também demanda esse trato multifacetado com o fenômeno literário, ou seja, de saber que a todo instante podem surgir novas formas de ler e lidar com os textos.

Com a literatura *Hexaemeral* tal procedimento de interpretação da cosmogonia bíblica também ocorreu; trata-se de obras cujo intento era desvendar como a criação do mundo havia ocorrido. Todavia, trata-se de uma abordagem cristã de uma narrativa mítica ancestral, que, nessa ocasião, implica entendê-la como um fenômeno que estava intimamente relacionado à recepção do Gênesis bíblico.

No seio da tradição cristã, a principal obra que propagou esse processo de contar os seis dias da criação foi a obra *Hexaemeral* basiliense, e será ela que analisaremos no próximo item.

3.4 O *In Hexaemeron* é também um texto literário

Toda a singularidade do *In Hexaemeron* resulta das inovações que Basílio trouxe ao relatar os eventos do Gênesis, encontra-se na forma como montou o enredo de sua obra *Hexaemeral*, nos títulos que elegeu para cada um dos episódios que se propôs a narrar, na ligadura que deu para os eventos da cosmogonia bíblica, no novo sentido que engendrou em sua história, residente na ressignificação que deu àquela cosmogonia, isto é, na nova história que criou quando recontou o Gênesis.

O aspecto de literariedade da obra basiliense reside na criatividade da história montada, na linguagem que empregou para discorrer sobre a criação, nos artifícios e ornamentos utilizados para compor sua narrativa ficcional. O que se percebe é que, embora tenha tentado seguir o roteiro do Gênesis, sua forma de abordar a história bíblica terminou por resultar numa nova roupagem que deu para o mito da criação que se propunha a contar.

A inovação de Basílio consiste em recontar a velha história da criação que já existia no Gênesis; todavia, sua forma de abordar os seis dias da criação inaugura uma nova versão, sua ótica cristã termina reformulando o relato da criação, e criando uma nova rede de significados que são próprios da cosmovisão de Basílio. Sua versão de como os eventos do Gênesis aconteceram parte do próprio universo simbólico do capadócio, ou seja, é fruto do entendimento pessoal que ele tinha sobre a criação do mundo.

Esboçar isso pode até fazer-nos entender o porquê de julgarmos o conteúdo de sua obra *Hexaemeral* como uma arte verbal de um profundo refinamento estético, já que, para contar os primórdios do mundo, Basílio teve de revisitar a narrativa mítica ancestral de maneira a proporcionar-lhe uma roupagem que era própria não apenas de sua cosmovisão cristã, mas que

também estava intimamente ligada ao estilo de composição de Basílio, isto é, de sua forma de interpretar e reordenar cada episódio do Gênesis através de uma sistematização singular que só se encontra em sua obra *Hexaemeral*.

A forma como pensa o encadeamento lógico dos episódios que se propõe a contar, os títulos que deu para cada etapa de sua obra, a forma como elabora o decorrer de sua história, tudo isso fazia parte do intento de Basílio em transmitir uma bela história da criação com a maior riqueza de detalhes possível. Em outras palavras, é pelo seu trato especial com as palavras, por sua ousada tentativa de ressignificar o Gênesis que seu *In Hexaemeron* pode ser classificado como um verdadeiro texto de prevalência de uma arte verbal, é do seu compromisso em compor um texto bem organizado que percebemos sua habilidade de escritor.

A criatividade de Basílio encontra-se na forma como orchestra sua narrativa para abordar os enigmas da criação. O que se pode constatar em seu *In Hexaemeron* é uma cautela, uma preocupação em montar uma bela história da criação. O que há é uma verdadeira rede cerrada de metáforas, parábolas, máximas e analogias que Basílio usa para narrar, ou seja, resulta do modo como aborda cada episódio da criação do Gênesis, com ornamentos e recursos considerados desde a *Poética* de Aristóteles como associados a textos literários. Seu *In Hexaemeron* é uma forma célebre de narrar os eventos do Gênesis, é fruto de um dilema de recontar as “maravilhas” da criação sem que com isso manchasse o esqueleto, a espinha dorsal do Gênesis presente em cada um de seus episódios.

Eis o paradoxo que acompanhará o capadócio durante toda a sua obra, isto é, a necessidade de discorrer detalhadamente sobre o início do mundo sem que com isso alterasse substancialmente o significado nuclear dos episódios do Gênesis. Pensamos que, do ponto de vista da crítica literária, tal atividade é praticamente impossível, pois, à medida que narra e explica a seu modo as circunstâncias da criação, o capadócio termina por inaugurar uma nova história, um novo modelo de abordagem da criação que de certa forma é fruto da sua criatividade.

O que queremos dizer é que, para compor suas homilias e narrar o Gênesis, Basílio teve de criar toda uma ambientação épica para discorrer sobre cada evento da criação, todo esse processo criado por Basílio. Talvez seja nisso que resida a criatividade do capadócio, ou seja, na forma como montou a estrutura de sua obra para recontar os seis dias da criação. Na forma como concatenou seus entendimentos, na maneira como ressignificou o Gênesis, que é uma invenção de Basílio, já que é nela que reside sua assinatura de escritor.

A forma como elaborou sua narrativa e seu novo jeito de contar e explicar o Gênesis foi o que tornou sua obra um verdadeiro modelo de composição *Hexaemeral*. Os argumentos que

empregou, as metáforas e comparações que lhe serviram de base para criar sua história são um claro exemplo da inventividade ímpar que Basílio possuía; a história que relatou não é o Gênesis *ipsis litteris*, é sua versão de como os eventos da criação aconteceram.

Toda ficcionalidade emana da ressignificação que deu ao mito ancestral que motivou Basílio a criar sua obra. De certa forma, toda a obra de Basílio é fruto de sua criatividade de literato, e isso foi o que lhe possibilitou a chance de discorrer sobre o Gênesis com uma grande riqueza de detalhes. Sua capacidade de desvendar aspectos internos à cosmogonia bíblica foi o que o diferenciou como um célebre escritor de seu tempo; sendo assim, seu lado inventivo consiste em apresentar novas abordagens sobre a criação divina.

Sua obra é uma verdadeira simbiose entre o ato de descrever e exclamar aquilo que ele considerava ser “os espetáculos da criação”, e é isso que ele se propõe a fazer, transmitir a suposta beleza de tais eventos do Gênesis segundo seu potencial criativo. O *In Hexaemeron* basiliano é um verdadeiro divisor de águas em toda a história da literatura *Hexaemeral*. Dizemos isso porque o reflexo desse lado criativo de unir narração e comentários fez consolidar-se um novo estilo literário, uma nova forma de reportar-se ao Gênesis. Não é em vão que a obra do capadócio será tomada como modelo para toda a cristandade de seu tempo.

O teor de sua mensagem é célebre; isso é notório nas duas primeiras homilias de sua obra. O tom sublime da sua retórica epidítica, isto é, de louvor ao Gênesis, é fruto de uma suntuosa tentativa de ilustrar como supostamente o Deus de sua fé criou o universo e é nisso que se concentrarão os principais esforços de Basílio, ou seja, em manter uma solenidade expressiva no decorrer de sua obra *Hexaemeral*. Trataremos disto a seguir.

4. O *IN HEXAEMERON* BASILIANO E A ARTE DE RECONTAR O GÊNESIS

A partir de agora analisaremos diretamente algumas passagens do *In Hexaemeron* basiliano. Veremos que ele é constituído por nove homilias que versam sobre os seis dias da criação. Conforme demonstramos no início de nosso trabalho, a obra basiliana é fruto de uma longa tradição literária mais conhecida como literatura *Hexaemeral*, e foi muito importante para a popularização deste novo modo de relatar como a criação do mundo havia ocorrido.

O *In Hexaemeron* basiliano é uma obra muito emblemática para a literatura cristã antiga, pois, além de versar sobre o mito da criação do Gênesis, traz consigo elementos poéticos que adornam e embelezam a história narrada por Basílio. Esse é um dos principais objetivos da obra basiliana, ou seja, montar um discurso que fosse capaz de narrar, relatar e comentar os eventos do Gênesis por meio de uma retórica empolgante e loquaz.

Pensamos que, para compor seu *In Hexaemeron*, Basílio de Cesareia teve de recontar uma história da criação cujo conteúdo fosse sublime e dotado de uma grande riqueza de detalhes, em consonância com sua cosmovisão cristã. Para Basílio o ato de narrar sintoniza-se ao ato de comentar os episódios do Gênesis, e isso é o que diferencia a performance de Basílio dos demais autores de sua época, isto é, ser um exímio contador e comentador de histórias.

O fenômeno de comentar a história que narra assemelha-se ao que Benjamin (1994, p. 200) dizia acerca do narrador enquanto aconselhador. Para o teórico supracitado, o fenômeno de tecer certos aconselhamentos enquanto se narra uma história resulta das experiências pessoais do narrador em relação ao objeto que está por narrar. No caso do *In Hexaemeron* basiliano, é fruto da própria experiência religiosa de Basílio enquanto leitor do Gênesis⁵⁵, mas também de sua formação plural.

É preciso dizer que, muito embora um *In Hexaemeron* seja em essência uma obra escrita para comentar os episódios do Gênesis, tal fenômeno literário não se restringe somente a isso, já que, ao comporem suas obras *Hexaemerais*, escritores cristãos como Basílio terminavam por recontar a história da criação segundo os intentos de sua fé. Por conseguinte, é isso que tentaremos discutir, pois, ainda que não seja esse seu intento principal, ao revisitar os eventos da criação, Basílio confecciona um texto que termina por trazer uma nova roupagem para o Gênesis; seu *In Hexaemeron* é, portanto, a versão cristã de Basílio sobre a criação, ou seja, fruto do engenho de Basílio como escritor cristão da Antiguidade.

⁵⁵ O espanto que o mito ancestral do Gênesis desperta no capadócio é o que faz tecer elogios para as belezas da criação que estava por recontar.

Assim como o mito é, segundo Frye (2000), uma espécie de arte verbal, a literatura *Hexaemeral* também o será, já que, nas circunstâncias históricas em que surgiu, sua proposta era a de recontar a criação, isto é, trazer uma nova abordagem do Gênesis a partir de uma história criativa e que fosse capaz de dar voz à cosmovisão de cada um desses autores. Trata-se de obras que se comportam como verdadeiros espelhos que refletem nitidamente o imaginário simbólico de autores cristãos como Basílio. Ao confeccionar sua obra, ele não só comenta, mas termina recontando a criação por abordagens que são frutos das escolhas, dos entendimentos que tinha acerca dos enigmas que aquela cosmogonia trazia consigo.

Em outras palavras, o que se pode dizer é que o texto de Basílio termina tornando-se uma extensão daquela narrativa mítica ancestral, por isso a consideramos uma arte verbal, pois, para compor sua obra, Basílio teve de dar forma, ligadura para cada evento que se propunha a narrar, de sorte que tais artifícios são fruto de sua performance de escritor. A abordagem de Basílio sobre a criação do mundo deriva da forma como imaginou terem acontecido os episódios do Gênesis; é resultado da sequência que deu para cada evento da criação segundo um roteiro que lhe servia de base para nortear suas abordagens acerca daquela cosmogonia que estava por desvendar.

Salientar isso é importante, pois, de acordo com Aristóteles, toda história bem contada deve possuir um início, meio e fim, ou seja, possui um encadeamento sistemático entre cada um de seus episódios de maneira a seguir um roteiro que constitua um todo. A obra de Basílio também contempla tais atributos e é por isso que se consagra como verdadeiro modelo literário de sua época. Quanto a isso, vejamos como o estagirita se expressa:

“Todo” é aquilo que tem princípio, meio e fim. “Princípio” é o que não contém em si mesmo o que quer que siga necessariamente outra coisa, e que, pelo contrário, tem depois de si algo com que está ou estará necessariamente unido. “Fim”, ao invés, é o que naturalmente sucede a outra coisa, por necessidade ou porque assim acontece na maioria dos casos, e que, depois de si, nada tem. “Meio” é o que está depois de alguma coisa e tem outra depois de si. É necessário, portanto, que os mitos bem compostos não comecem nem terminem ao acaso, mas que se conformem aos mencionados princípios (*Poética*, 1448b22).

De acordo com o passo, uma obra bem composta é bela pela sua grandeza e por possuir uma estrutura bem delimitada, com seguimentos claros e encadeados. Todos esses elementos deveriam estar unidos de maneira a integrarem um todo. Todo “mito” ou história bem composta necessitava desses atributos; de certa forma, é isso que dá beleza a uma obra literária. Compor uma obra implica lidar com tais segmentos e concatená-los de maneira que a integridade do texto desfrute desse sequenciamento; é nesse sentido que Aristóteles compara um mito com um ser vivente, ou seja, que possui partes que desfrutam de ordenamento, algo que de certa

forma é o que lhe possibilita a razão de existir, isto é, por ser um organismo, por ser organizado. Sendo assim, Aristóteles fala que:

Além disto, o belo - ser vivente ou o que quer que se componha de partes – não só deve ter essas partes ordenadas, mas também uma grandeza que não seja qualquer. Porque o belo consiste na grandeza e na ordem, e portanto, um organismo vivente pequeníssimo não poderia ser belo (pois a visão é confusa quando se olha por tempo quase imperceptível); e também não seria belo, grandíssimo (porque faltaria a visão do conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade; imagina-se, por exemplo, um animal de dez mil estádios...). Pelo que, tal como os corpos e organismos viventes devem possuir uma grandeza, e esta bem perceptível como um todo, assim também os mitos devem ter uma extensão bem apreensível pela memória (*Poética*, 1450b22 - 1451a).

O que Aristóteles termina por indicar-nos é que a natureza do belo consiste na ordenação, em sua grandeza; trata-se de um conjunto com partes que uma vez bem orquestradas compõem uma unidade. De certa forma, isso ajuda-nos a pensar um pouco sobre a estrutura da obra basílica, já que ela, enquanto composição do capadócio, tinha função de ser uma extensão, isto é, ser uma história mais detalhada de um mito ancestral que é muito mais enxuto, conciso. Seu *In Hexaemeron* é uma espécie de extensão cristianizada da cosmogonia bíblica que desfruta de um maior acabamento, de um refinamento que é próprio da sua engenhosidade enquanto compositor. Ao detalhar os eventos da criação, Basílio termina conferindo uma densidade maior ao Gênesis; a opulência da obra basílica reside nisso, isto é, na constituição de uma obra mais encorpada, com uma logicidade interna. Cada episódio abordado por Basílio possui um início, meio e fim, é constituído por partes que formam um todo, uma história da criação que narra desde a criação dos céus até a formação do homem.

Logo, sua escrita consagra-se por isso, por trazer uma história com maior riqueza de detalhes da criação, e isso, por final, foi o que a consagrou como uma suntuosa obra literária que impactou sua época e serviu de modelo para todos os escritores cristãos de seu tempo. A abordagem dos seis dias da criação é uma verdadeira amostra da capacidade criativa de Basílio em remontar cada evento do Gênesis por meio de uma linguagem fluida e dinâmica; as alegorias e metáforas apresentadas durante sua obra espelham sua criatividade de escritor, orador e intelectual cristão de sua época, alguém que era versado nas artes de seu tempo e que se utilizou do privilégio de ser um homem das letras para legitimar sua cosmovisão religiosa. De certa forma, é do ato de versar sobre o Gênesis que novas formas de abordar a criação surgem; o detalhamento de cada episódio faz surgir uma nova versão da criação. Recontar e detalhar o Gênesis foi o que possibilitou que suas cosmovisões cristãs fossem acopladas à estrutura de um mito ancestral mais conciso. É notório o êxtase de Basílio quando mergulhava nos enigmas dos seis dias do Gênesis. Tal admiração dá-se do início ao fim de sua obra, e é desse profundo ato

de recontar os mistérios da criação que nasce sua veneração aos belos feitos de Deus quando criou e embelezou o mundo.

Cada homilia de Basílio aborda um tema da criação que vai do primeiro ao sexto dia, cada título dado aos episódios contados é fruto de sua ousada tentativa de recontar a criação, da ânsia que tinha de ressignificar os eventos do Gênesis a partir de sua habilidade de escritor cristão. Logo, o que tenta fazer é *literaturizar* seu discurso sobre os seis dias da criação e ilustrar cada evento do Gênesis através de uma retórica engajada e que reflete bem o imaginário mítico religioso da época.

Cada fenômeno é apresentado de maneira singular. Por conta disso, não se esquivou de defender sua fé. Logo, uma das principais características de sua obra *Hexaemeral* consiste principalmente na defesa de sua visão e na exaltação da sabedoria que havia por trás da criação, algo próprio de sua retórica epidítica. Porém, é preciso frisar novamente que a obra *Hexaemeral* basiliiana é rica em relações de intertextualidade e que sintetiza considerável parte do pensamento do autor.

Não obstante, há de se dizer que sua obra tem por base o Gênesis da Septuaginta, ou seja, tem por base uma tradução grega da bíblia hebraica. Será a partir dela que ele conduzirá seu relato. Dizemos isso, pois a própria versão da Septuaginta diferencia-se em muitos aspectos da bíblia hebraica. Entender isso facilitará entendermos as opções conceituais de Basílio e sua forma de narrar os episódios do Gênesis.

4.1 Das homilias do *In Hexaemeron* basiliano: uma breve apresentação

A primeira homilia do *In Hexaemeron* basiliano possui o seguinte título: *No princípio criou Deus o céu e a terra*⁵⁶. Não discorreremos muito sobre seu conteúdo aqui, pois, já iremos abordá-lo de maneira mais minuciosa no próximo tópico de nosso trabalho. O que se pode dizer sobre sua composição é que nela encontra-se o próêmio da obra basiliiana, que nela ele narra o começo da vida de Moisés e logo em seguida começa a discorrer sobre a criação dos céus. Trata-se de um verdadeiro cartão postal de sua obra *Hexaemeral*, uma preparação para as maravilhas da criação das quais Basílio versará.

O segundo momento de seu *In Hexaemeron* diz respeito à criação do mundo, seu título é *E a terra era invisível e disforme*⁵⁷. A partir desse momento Basílio continuará a contar como se deu a criação do mundo, no entanto, seu foco será no embelezamento da Terra. Sendo assim, há de explicar-se ao seu público os motivos que faziam a Terra encontrar-se num ambiente de

⁵⁶ No original: ΟΜΙΛΙΑ Α'. Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν

⁵⁷ No original: ΟΜΙΛΙΑ Β'. Περὶ τοῦ ἀόρατος ἦν ἡ γῆ καὶ ἀκατασκευαστος

total invisibilidade e deformidade. Não abordaremos seu conteúdo aqui, pois este episódio da obra de Basílio também será analisado mais minuciosamente na segunda etapa deste capítulo.

A terceira homilia recebeu o seguinte título: *Sobre o firmamento*⁵⁸. A partir desse momento Basílio versará sobre a natureza do firmamento; sendo assim, tentará relatar como ele fora criado por Deus e do que se trata esse misterioso objeto da criação cujo entendimento é tão complexo. Embora seu público fosse formado por artesãos e camponeses, Basílio não se esquivaria de contar esses eventos que ele considerava tão sublimes, explicaria que esse sistema tão complexo fora criado por Deus para servir de armazenamento das águas primordiais.

Ciente da necessidade de manter seu público atento à sua narração, Basílio o exortaria a prestar bastante atenção nas palavras de sua história, por isso utilizava-se da seguinte máxima: “Porque a parte do tempo que é emprestada a Deus não se perde, mas é restituída com grande adição da sua parte⁵⁹” (Basílio, *In Hexaemeron*, III, 1.22). Ao salientar essa máxima Basílio tenta instruir seu público a respeito de que a dedicação ao aprendizado de temas sublimes não deveria ser uma fadiga, mas sim um inteligente instrumento de obtenção de recompensas redobradas.

Ao discorrer sobre uma das possibilidades de entendimento do que seria o firmamento, Basílio suporia que provavelmente fora criado pelo Deus de sua fé para armazenar não qualquer tipo de água, mas sim uma água congelada nas nuvens que ao colidirem geravam o trovão, e seria por tal motivo que a escritura o chamava de firmamento, isto é, por tratar-se do som do trovão. “A Escritura chamou a solidez e a resistência do ar contido na cavidade das nuvens, que por meio de sua violenta erupção provoca o rugido do trovão, de firmamento do trovão” (Basílio, *In Hexaemeron*, III, 4. 35-38)⁶⁰.

A quarta homilia do *In Hexaemeron* basiliano é chamada da seguinte maneira: *Sobre a reunião das águas*⁶¹. Nela, Basílio conta-nos detalhadamente como aconteceu o processo de ajuntamento dos sistemas aquáticos do planeta, e como surgiu a porção de terra seca que deu origem aos grandes continentes do mundo. Basílio conta que as águas possuíam uma disposição natural para a fluidez, e que tal atributo era fruto do comando de Deus, que lhes proporcionava essa disposição. Tal processo foi o que as fez ocuparem seus devidos lugares e não inundar mais a terra que antes estava ocultada pelas águas.

⁵⁸ No original: ΟΜΙΛΙΑ γ'. Περὶ τοῦ στερεώματος

⁵⁹ No original: Ὅτι τὸ δανεισθὲν τῷ Θεῷ τοῦ χρόνου μέρος οὐκ ἀφανίζεται, ἀλλὰ σὺν μεγάλῃ ἀποδίδοται παρ' αὐτοῦ τῇ προσθήκῃ.

⁶⁰ No original: Τὴν γὰρ στερρότητα καὶ ἀντιτυπίαν τοῦ πνεύματος τοῦ ἐναπολαμβανομένου ταῖς κοιλότησι τῶν νεφῶν, καὶ διὰ τὸ βιαίως ἐκρήγνυσθαι τοὺς κατὰ τὰς βροντὰς ἀποτελοῦντος ψόφους, στερέωσιν βροντῆς ἢ Γραφῇ προσηγόρευσεν.

⁶¹ No original: ΟΜΙΛΙΑ δ'. Περὶ συναγωγῆς τῶν ὑδάτων

De acordo com Basílio, Deus havia criado as águas por um motivo especial e, portanto: “Elas deviam correr a fim de que ocupassem seu próprio lugar; em seguida, após chegarem em seus lugares marcados, permanecer em si mesmas, e não se afastarem” (Basílio, *In Hexaemeron*, IV, 3.15-17)⁶². Sendo assim, mananciais, mares e todos os rios, apesar de sua fluidez, nunca se preenchiam por completo, daí o porquê de o agrupamento das águas ser visto como um sistema.

Em síntese, o que Basílio ilustra aos seus fiéis é que foi através do altivo comando de Deus que as águas revoltosas dos oceanos foram controladas e direcionadas aos seus devidos agrupamentos. Sendo assim, por mais que corresse, jamais inundariam a terra novamente e isso estava intimamente relacionado ao altivo comando de Deus, que constantemente impulsionava-as para correr. A função de Basílio aqui é contar ao seu público como o processo de criação dos mares era fruto de uma inteligência magnânima que tudo ordenava.

A quinta etapa do *In Hexaemeron* basiliano diz respeito ao processo de germinação da terra, e seu título é: *Sobre a germinação da terra*⁶³. Nessa fase Basílio ilustra como ocorreu o processo de fecundação da terra, isto é, como surgiram as plantas e os jardins que nela existiam. Nessa homilia fica muito mais evidente a tentativa de Basílio demonstrar uma harmonia da criação derivada do comando de Deus que tudo ornamentava, pois, segundo o capadócio: “Pois primeiro é a germinação, depois um broto, em seguida o crescimento da folhagem, depois o aperfeiçoamento dos que cresceram por meio da semente” (Basílio, *In Hexaemeron*, V, 2. 9-10).⁶⁴

De acordo com sua história, o processo de fecundação da terra tinha ocorrido do seguinte modo: primeiro havia ocorrido a germinação da terra (βλάστησις); uma vez germinada veio o nascimento do broto campestre (χλοή), que, após ter atingido seu crescimento (αύξησις), terminou por fazer surgir pastos de grama que serviram de base para o desenvolvimento dos demais tipos de vegetação. Para Basílio, até mesmo as demais plantas desprovidas de sementes possuíam em suas raízes a capacidade seminal, e isso seria mais um reflexo da sabedoria por trás da criação que providenciava a perpetuação dos seres em suas mais diferentes formas.

Por fim, Basílio conclui sua história comparando a germinação da terra ao processo natural de desgaste da vida, e para isso utilizou-se da metáfora poética do profeta Isaías dizendo: “Toda a carne é como grama, e toda a glória do homem como uma flor da grama. Pois a brevidade da vida, o prazer em pouco tempo e a alegria de um bom dia humano encontraram

⁶² No original: Ἦδει δραμεῖν αὐτά, ἵνα τὴν οἰκεῖαν καταλάβῃ χώραν· εἶτα γενόμενα ἐν τοῖς ἀφορισμένοις τόποις, μένειν ἐφ’ ἑαυτῶν, καὶ μὴ χωρεῖν περαιτέρω.

⁶³ No original: ΟΜΙΛΙΑ Ε΄. Περὶ βλαστήσεως γῆς

⁶⁴ No original: Πρῶτον μὲν γὰρ βλάστησις, εἶτα χλοή, εἶτα χόρτου αύξησις, εἶτα ὁ ἀπαρτισμὸς τῶν αὐξομένων διὰ τοῦ σπέρματος.

segundo o profeta a sua mais adequada comparação” (Basílio, *In Hexaemeron*, V, 2. 40-43)⁶⁵. Para Basílio a vida era breve, caberia aos seu público aprender com a história da criação.

Isso posto, apresentamos a sexta homilia de sua obra *Hexaemeral*, cujo título é: *Sobre a origem dos corpos luminosos*⁶⁶. Nessa etapa de seu *In Hexaemeron*, Basílio versa sobre o processo de criação dos astros e demais corpos celestes que iluminavam o mundo. Para Basílio, a criação dos astros foi um dos momentos mais espantosos da criação; por isso, convida sua audiência a mergulhar nas profundezas da história que narraria, pois somente com muita atenção poderiam aprender que tais corpos luminosos haviam sido criados para servirem de sinais para estações, dias e anos.

Além disso, todos os que buscassem contemplar a beleza dos céus veriam que eles refletiriam a glória de Deus. Não em vão formula a seguinte pergunta retórica: “Quem seria Ele que ornou o céu com essas florações?” (Basílio, *In Hexaemeron*, VI, 1. 21)⁶⁷. Para Basílio, qualquer um que, ao admirar a inestimável beleza dos astros, pensasse no criador e perguntasse quem teria sido aquele que havia bordado o céu com aquelas florações (τίς ὁ τοῖς ἄνθεσι τούτοις διαποικίλας τὸν οὐρανόν) seria um ouvinte bem preparado, e que, naquela ocasião, combinaria perfeitamente com a opulência daquele venerado e solene teatro onde estavam.

Durante essa homilia Basílio tenta mostrar que os céus eram provas soleníssimas do poder divino. A sugestão de que os astros foram pontilhados, bordados no céu não é uma metáfora utilizada em vão; pelo contrário, reflete o núcleo do pensamento de Basílio, isto é, de que os astros foram planejados e ornamentados com uma beleza exuberante, de que foram desenhados para enfeitar o céu e testemunhar a grandeza divina.

Uma vez explicados tais temas, chegamos à antepenúltima homilia da obra basiliiana; seu título é *Sobre os animais que se arrastam*⁶⁸. A partir desse momento o capadócio vai discorrer sobre os répteis e demais animais que se arrastam. Nessa homilia a visão simpática e orquestrada que Basílio tinha sobre o *kósmos* aflora cada vez mais. Para o capadócio, toda a criação fazia parte de um megaprojeto arquitetado pelo Deus de sua fé. Sendo assim, toda a realidade era fruto do árduo trabalho do demiurgo e artífice do mundo que tudo ornamentava e dava razão de ser aos entes criados.

⁶⁵ No original: ὅτι Πᾶσα σὰρξ ὡς χόρτος, καὶ πᾶσα δόξα ἀνθρώπου ὡς ἄνθος χόρτου. Τὸ γὰρ ὀλιγοχρόνιον τῆς ζωῆς, καὶ τὸ ἐν ὀλίγῳ περιχαρὲς καὶ ἰλαρὸν τῆς ἀνθρωπίνης εὐημερίας, καιριωτάτης παρὰ τῷ προφήτῃ τετύχηκε τῆς εἰκόνοσ.

⁶⁶ No original: ΟΜΙΛΙΑ στ´. Περὶ γενέσεως φωστήρων

⁶⁷ No original: Εἴ ποτε οὖν ἐν αἰθρίᾳ νυκτερινῇ πρὸς τὰ ἄρρητα κάλλη τῶν ἄστρον ἐνατενίσας, ἔνοιον ἔλαβες τοῦ τεχνίτου τῶν ὄλων, τίς ὁ τοῖς ἄνθεσι τούτοις διαποικίλας τὸν οὐρανόν [...]

⁶⁸ No original: ΟΜΙΛΙΑ ζ´. Περὶ ἐρπετῶν

A penúltima parte do *In Hexaemeron* possui o seguinte título: *Sobre a criação de aves e animais aquáticos*⁶⁹. Nessa etapa de sua história Basílio vai discorrer sobre o comportamento dos seres que voam e dos seres aquáticos; todos os animais, embora irracionais, possuíam um aspecto da sabedoria divina que lhes dava razão de ser.

Para Basílio, Deus havia ornamentado toda a Terra, de sorte que o caráter orquestrado da natureza era fruto de uma providência que legava subsistência a cada ser criado. Tal entendimento pode ser percebido na seguinte fala de Basílio, que diz: “E disse Deus: Produza a terra alma vivente segundo sua espécie: quadrúpedes, répteis e feras segundo a sua espécie. E assim foi, o comando de Deus veio trilhando pelo caminho e a terra também recebeu seu ornamento particular” (Basílio, *In Hexaemeron*, VIII, 1. 1)⁷⁰.

Basílio enxerga a criação como se esta fosse fruto de uma ação engenhosa que tudo ornamentava. Foi Deus com seu comando (τὸ πρόσταγμα) quem havia feito surgir diferentes seres, quadrúpedes (τετράποδα), répteis (έρπετὰ), e feras (καὶ θηρία), todos eles com particularidades próprias, segundo a sua espécie (κατὰ γένος). De acordo com Basílio, todos os animais haviam sido criados com propósito, eram fruto de uma sabedoria divina que delegava a todos os seres os meios ideais de sua sobrevivência; logo, todo o *kósmos* era fruto de uma criação harmônica onde cada ser estava inserido dentro de um sistema completo.

A história de Basílio é muito clara, todos os seres da criação possuíam um reflexo da sabedoria divina; no entanto, havia seres mais nobres que outros, e as abelhas eram um exemplo disso. Segundo o capadócio, tais animais possuíam uma sabedoria mais refinada, seu comportamento orquestrado era um presente de Deus e através da contemplação da sua beleza muitos aprendizados poderiam ser colhidos. Qualquer um que analisasse seus comportamentos seria capaz de ver os reflexos de uma sabedoria divina que contemplava toda a criação.

Apresentado o conteúdo das demais homilias chegamos à etapa final da obra *Hexaemeral* basiliana, seu título é *Sobre a criação de animais terrestres*⁷¹. Nela vemos Basílio abordar a natureza dos animais terrestres, portanto elogia a inteligência que havia por trás da criação e conclui sua história com a criação do homem que, segundo a cosmogonia do Gênesis, havia acontecido no sexto dia.

Há de se dizer também que nesse momento a mensagem de Basílio ganha um tom mais austero, sua visão teleológica do universo demonstra que a criação, embora fosse bela, teria um fim, já que tudo que era planejado possuía um propósito definido, isto é, um início, meio e fim.

⁶⁹ No original: ΟΜΙΛΙΑ η'. Περὶ πτηνῶν καὶ ἐνύδρων

⁷⁰ No original: Καὶ εἶπεν ὁ Θεὸς, ἐξαγαγέτω ἡ γῆ ψυχὴν ζῶσαν κατὰ γένος, τετράποδα καὶ έρπετὰ καὶ θηρία κατὰ γένος. Καὶ ἐγένετο οὕτως. Ἦλθε τὸ πρόσταγμα ὁδῶ βαδίζον, καὶ ἀπέλαβε καὶ ἡ γῆ τὸν ἴδιον κόσμον.

⁷¹ No original: ΟΜΙΛΙΑ θ'. Περὶ χερσαίων

De fato, Basílio conclui sua história dizendo que, apesar de existirem cosmogonias mais robustas, preferia ficar com o Gênesis.

Para ele a criação era fruto da sabedoria de Deus e, embora os episódios do Gênesis fossem mais concisos, isto é, não possuíssem descrições detalhadas sobre a natureza da terra e sua forma, tais questões não eram suficientes para fazê-lo depreciar, ver o Gênesis a partir de um olhar de inferioridade. Quanto a isso Basílio diz: “não é por isso que serei induzido a dizer que a nossa criação é mais desonrada, já que Moisés, servo de Deus, nada falou sobre a sua forma, nem disse que sabia que o perímetro da terra era de cento e oitenta mil estádios” (Basílio, *In Hexaemeron*, IX, 1. 27-30).

É notório que, para Basílio, o Gênesis era uma revelação divina, superior, e mesmo seus episódios sendo sucintos preferiria ficar com as palavras de Moisés. Talvez tenha sido esse o motivo que o tenha feito compor sua obra *Hexaemeral*, isto é, não só para recontar a seu modo os episódios daquela cosmogonia ancestral, mas sim para trazer uma riqueza de detalhes que o Gênesis não possuía. É daí que nasce a criatividade de Basílio, isto é, por criar uma versão mais estendida dos episódios da criação, tal inovação é fruto da engenhosidade literária de Basílio e é isso que veremos nos momentos posteriores.

4.2 Da origem e embelezamento da narrativa sobre a criação: uma análise da primeira homilia do *In Hexaemeron* basiliano

A partir deste momento focaremos numa análise mais direta de como Basílio narra o processo de surgimento e embelezamento do mundo. Para isso, analisaremos algumas passagens das duas primeiras homilias de seu *In Hexaemeron*, a fim de que, com isso, possamos compreender de onde emana a literariedade da obra de Basílio. Conforme explicado, o título da primeira homilia é uma citação direta do livro do Gênesis, esse é o próêmio da obra basiliana. A citação vem da Bíblia grega⁷².

A passagem que Basílio cita encontra-se no primeiro capítulo e primeiro versículo e tem o seguinte título: *No início criou Deus o céu e a terra*. Nesse próêmio o capadócio exalta Moisés e a criação. Trata-se de uma homilia que serve de pano de fundo para cada episódio da criação sobre o qual ele discorrerá. Sendo assim, enfatiza que a criação é uma obra de profundos mistérios, e que, para ter-se acesso a ela, todos deveriam preparar-se moral e intelectualmente. O capadócio justifica esse ponto de vista por conta de entender os episódios do Gênesis como

⁷² Tradução da bíblia hebraica para o idioma grego. É por meio dessa versão do Gênesis que a interpretação de Basílio de Cesareia se pautará.

possuidores de verdades augustas; sendo assim, sua preocupação consiste em narrar os seis dias da criação sem que com isso maculasse o enredo daquela cosmogonia bíblica.

Nessa parte de sua obra, Basílio apresenta-se como narrador responsável por transmitir o glorioso início do mundo visível. Para isso, utiliza-se de uma retórica epidítica para discorrer o mais celebrenemente possível sobre a criação divina. A narração é o principal instrumento de apreciação escolhido pelo capadócio para discorrer sobre os eventos da cosmogonia bíblica, e será a partir dela que Basílio desenvolverá estratégias retóricas que em alguns momentos resgatam as palavras do Gênesis e em outros expandem novos entendimentos sobre os primeiros momentos do mundo.

O que tenta mostrar é que sua história deveria ser organizada, isto é, precisaria de um modelo lógico que fosse bem montado e cuja articulação fosse capaz de expressar de maneira mais clara e bem estruturada possível como a criação do mundo havia acontecido. É Aristóteles em sua *Poética* quem apresenta as principais instruções no tocante à boa elocução das histórias contadas pelas obras de literatura; todavia, é em sua obra sobre a retórica que as sistematiza de uma maneira mais clara e detalhada. Quanto a isso o estagirita diz que:

O que respeita ao pensamento tem seu lugar na *Retórica*, porque o assunto mais pertence ao campo desta disciplina. O pensamento inclui todos os efeitos produzidos mediante a palavra; dele fazem parte o demonstrar e o refutar, suscitar emoções (como a piedade, o terror, a ira e outras que tais) e ainda o majorar e o minorar o valor das coisas. (*Poética*, 1456b)

Salientar essa informação é importante, pois, embora tais discussões tenham origem na *Poética* de Aristóteles, é em sua obra intitulada *Retórica* que residem exemplos mais robustos quanto à arte de se expressar bem, por isso a utilizaremos com maior frequência nesta etapa de nosso trabalho. O que nos importa é saber que, ao lermos a obra composta por Basílio, é nítida a preocupação do capadócio em narrar com clareza. Ao sistematizar cada episódio da criação, dá mostras dessa sua habilidade de compositor. Sendo assim, vejamos a seguinte passagem na qual isso pode ser percebido:

Porque há um início apropriado para quem pretende fazer uma narração acerca da formação do mundo, que proponha o início do seu relato a partir da ordem que regula as coisas visíveis. Pois a criação do céu e da terra deve ser transmitida, mas não como uma agregação espontânea, como alguns imaginaram, porque ela recebeu sua origem da parte de Deus. Qual ouvido é digno da grandeza destes relatos? Como convinha que a alma estivesse preparada para audição de assuntos tão importantes, purificada de todas as paixões da carne, desobscurecida com inquietações da vida, diligente,

investigadora, examinando tudo ao seu redor se de algum lugar ela poderia receber uma ideia digna de Deus? (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 1. 1-10)⁷³.

A passagem que trouxemos esclarece-nos que a obra basiliiana é um verdadeiro modelo de composição cuja pretensão é narrar detalhadamente o início do mundo seguindo uma sistematização que é própria de Basílio. Conforme veremos, seu *In Hexaemeron* sintetiza bem tanto a capacidade poética de Basílio de dar novos significados à cosmogonia bíblica como também a sua destreza de se expressar solenemente diante dos eventos da criação.

Basílio dá-nos uma amostra clara dessa ânsia de compor uma história coerente e acima de tudo sublime; dizemos isso pois, segundo o capadócio, havia um início (ἀρχή), ou seja, um princípio, o que era apropriado (πρέπουσα) para quem pretendia fazer uma narração (τῷ μέλλοντι διηγεῖσθαι). O próprio verbo empregado pelo capadócio (διηγεῖσθαι) exprõe bem essa proposta presente em sua obra, ou seja, a de narrar ordenadamente como foram os acontecimentos que deram origem à formação do mundo.

De acordo com um poder metafísico que havia feito as coisas visíveis surgirem, tudo que existe no plano material era fruto de um ato criador que perpassava os limites do mundo terreno. Para Basílio, o mundo visível necessitaria ter um início; se o possuísse, sua causa fundante estava em outro plano para além da realidade material, e é por isso que todos deveriam olhar para a natureza a fim de conceber uma ideia digna desse mundo de Deus. Essa é a proposta de Basílio: enxergar algumas pistas desse mundo primordial de onde todo o mundo visível havia sido formado. É por isso que Basílio propõe que sua história comece a partir da ordem que regula as coisas visíveis (περὶ τῆς τοῦ κόσμου συστάσεως), pois era através dela que poderia chegar-se a uma real contemplação sobre a origem do mundo.

Para o capadócio, o mundo material era apenas uma extensão de uma realidade superior; o Gênesis não detalha esses aspectos, todavia a história de Basílio sim, ela é a continuação de um enigma que segundo o capadócio não havia sido minuciosamente explorado e é isso que se propõe a fazer ao confeccionar sua obra. Sua habilidade de escritor é o que permite transcender os limites de uma narrativa ancestral para dar origem a uma nova forma de detalhar os primórdios do mundo.

A forma empolgada como inicia sua história da criação é mais uma forte evidência de sua notável desenvoltura retórica, algo que, de certa forma, auxiliou-o a diferenciar-se enquanto

⁷³ No original: Πρέπουσα ἀρχὴ τῷ περὶ τῆς τοῦ κόσμου συστάσεως μέλλοντι διηγεῖσθαι, ἀρχὴν τῆς τῶν ὀρωμένων διακοσμῆσεως προθεῖναι τοῦ λόγου. Οὐρανοῦ γὰρ καὶ γῆς ποιήσεις παραδίδοσθαι μέλλει, οὐκ αὐτομάτως συνενεχθεῖσα, ὡς τινες ἐφαντάσθησαν, παρὰ δὲ τοῦ Θεοῦ τὴν αἰτίαν λαβοῦσα. Ποία ἀκοὴ τοῦ μεγέθους τῶν λεγομένων ἀξία; πῶς παρεσκευασμένην ψυχὴν πρὸς τὴν τῶν τηλικούτων ἀκρόασιν προσῆκεν ἀπαντᾶν Καθαρεύουσαν τῶν παθῶν τῆς σαρκὸς, ἀνεπισκότητον μερίμναις βιωτικαῖς, φιλόπονον, ἐξεταστικὴν, πάντοθεν περισκοποῦσαν εἴ ποθεν λάβοι ἀξίαν ἔννοιαν τοῦ Θεοῦ.

orador e escritor cristão da Antiguidade. A passagem supracitada é bem categórica em afirmar a necessidade de uma elevação da alma para aprender os mistérios da criação do céu e da terra.

Tal proposta de Basílio não é em vão, pois, de acordo com o capadócio, o relato do Gênesis está envolto numa narrativa em que os mistérios da criação somente se revelariam àqueles ouvidos que estivessem devidamente preparados para serem iniciados nessa sabedoria religiosa. Uma vez conscientizados disso, os fiéis que estivessem devidamente preparados teriam o privilégio de conhecer as minúcias do relato bíblico da criação do céu e da terra (οὐρανοῦ γὰρ καὶ γῆς ποίησις).

Isso é importante de ser dito pois, segundo Basílio, a criação teria recebido sua causa (τὴν αἰτίαν λαβοῦσα) de Deus (παρὰ δὲ τοῦ Θεοῦ); logo, era fruto de uma ação divina. Daí a necessidade de preparar-se para tão sublime história. É assim que Basílio inicia sua narração, isto é, expressando enfaticamente que toda a criação possui uma causa que é Deus.

É a partir do campo diegético, isto é, da narração, que Basílio monta seu discurso para falar sobre o Gênesis com uma longa exposição dos detalhes da criação. Nessa etapa de sua obra, sua meta é apresentar aos ouvintes um relato solene que seja capaz de discorrer sobre como se sucedera o início das coisas visíveis. Após montar o cenário adequado para contar sua história da criação, ele inicia a construção de sua longa narrativa e expõe sistematicamente cada detalhe por trás daquela cosmogonia ancestral que estava por perscrutar.

É no Gênesis que encontra os principais temas, episódios a serem narrados por ele em sua obra *Hexaemeral*. O Gênesis é o enredo base, o mapa que guia a performance de Basílio, e é nisso que consiste seu ofício de narrador, ou seja, em contar os assuntos que outrora foram inaugurados pelo sapientíssimo Moisés.

Seu *In Hexaemeron* encontra-se profundamente marcado por uma retórica *epidítica*⁷⁴; sua função é recontar uma história da criação que exaltasse o poder da divindade criadora do universo. No entanto, é importante sabermos que a maioria das histórias se desenvolve em um determinado lugar imaginado pelo próprio escritor, é fruto de um cenário montado pelo literato onde sua história deve desenvolver-se. No caso do *In Hexaemeron*, a história que Basílio narra ocorre em um ambiente completamente catastrófico, quando a terra estava desprovida de beleza, deformada, e em completa situação de invisibilidade.

É diante desse cenário que a ação diegética de Basílio se desenvolve; a narração basiliana diz respeito a uma história da criação, e, portanto, busca explicar detalhadamente como se deu o processo de organização do mundo. Dizemos isso porque Basílio era amplamente

⁷⁴ Segundo Aristóteles, há três principais gêneros da arte retórica: judicial, deliberativo e epidítico; esse último tem como função louvar ou censurar algo expondo suas virtudes e defeitos.

reconhecido como um notável orador, e foi através de suas habilidades retóricas, dentre outras, que conseguiu proferir um longo discurso que deu origem à sua obra *Hexaemeral*; por conseguinte, cada tema abordado, cada episódio contado fora cautelosamente pensado por Basílio a fim de que com isso pudesse retratar da maneira mais célebre possível os sublimes eventos da criação.

Logo, é no plano da narrativa criativa, da descrição detalhada, que sua performance enquanto literato se consagra; é a partir da tentativa de preencher os espaços vazios do Gênesis que o capadócio se legitima como compositor. A dimensão literária da obra de Basílio perpassa o aspecto narrativo. Ele não é o único elemento literário do texto, sabemos disso; há outros, tais como: a natureza poética das suas frases; o enredo de cada uma das homilias; os artifícios retóricos por ele empregados. Todos estes atributos são frutos de sua performance como narrador do Gênesis, cujo foco é compor uma obra literária, eclesiástica e até filosófica capaz de demonstrar a beleza dos seis dias da criação.

De acordo com Brandão (2007, p. 352.), é em Platão, sobretudo em seu diálogo *República*, que o termo *diégesis* será maturado, vindo a significar narrativa, algo que, naquela época, estava majoritariamente relacionado às atividades dos mitólogos, quando versavam sobre as origens das coisas. A mínima compreensão desse termo já nos ajuda a termos uma rápida noção acerca da dinâmica do ato narrativo, que é fruto da ousada tentativa humana de contar histórias.

Entender isso é importante, já que Basílio de Cesareia também exercerá suas habilidades de orador quando for discorrer sobre a narrativa mítico-religiosa do Gênesis. Compreender isso é o que nos possibilitará olhar com maior destreza para o fenômeno narrativo que existe por trás do *In Hexaemeron* de Basílio.

Na esteira dessa importância inaugural, é a partir do entendimento de *diégesis* como “narrativa” e de *mímesis* como “representação” que a crítica passou a postular que “o que chamamos de poesia lírica” e outras formas de literatura ficaram fora do interesse de Platão – e, já que o modelo que ele inaugura conhecerá grande sucesso, a lírica teria permanecido, durante toda a Antiguidade, um gênero sem teorização. Finalmente – este é o ponto que aqui interessa –, a própria palavra *diégesis* não se registra antes de Platão, o que poderia sugerir que este a tivesse criado ou, pelo menos, que podia transportá-la para o núcleo de sua teoria poética como um termo não excessivamente marcado. (Brandão, 2007, p. 352-353).

O ato narrativo de Basílio emana de suas homilias quaresmais e é a partir delas que o capadócio vai ressignificar cada evento da criação, tendo por base sua engenhosa cosmovisão que, além de recontar o Gênesis, inaugura um novo modelo de abordagem da cosmogonia em questão.

A proposta de Basílio era discorrer mais livremente em sua narrativa sobre os acontecimentos do Gênesis, ou seja, recontar certos fenômenos a partir de um trato especial com as palavras, cujo propósito seria a exposição dos eventos do Gênesis a partir de uma narração robusta e com maior detalhamento, algo próprio de suas atividades de compositor⁷⁵.

No *In Hexaemeron* basiliano a habilidade retórica evidencia-se a partir da ânsia de fazer uma boa concatenação das ideias que farão parte da sua história, na exaltação que faz acerca dos assuntos que narrou e também pela rede cerrada de alegorias e metáforas que utilizou para ilustrar os seis primeiros dias do mundo. O que Basílio tenta fazer é montar um discurso narrativo célebre que fosse capaz de convencer suas audiências por meio de emoções de sua narração. Tal aspecto pode ser notado quando conta os primeiros momentos da vida de Moisés.

A opção de incluir em sua história da criação um breve relato da vida e da figura mosaica não é em vão. Isso ocorre porque, segundo Basílio, antes de mergulhar nos espetáculos da criação, era preciso saber como foi transmitida pela primeira vez na história. É esse o motivo de introduzir os primeiros momentos de Moisés em seu relato *Hexaemeral*, para demonstrar que foi através de um dos mais célebres e augustos homens da Antiguidade que ela veio à tona.

Moisés é para Basílio aquilo que Homero era para os gregos da Antiguidade, e, muito embora a transmissão de Moisés fosse enigmática, seria através da performance do *In Hexaemeron* que os eventos do Gênesis seriam mais detalhados. De fato, isso é mais um elemento que caracteriza a singularidade do Basílio contador de histórias, isto é, pela sua originalidade, pela ousadia de recontar a criação a partir de engenhosidade como compositor. Sendo assim, Basílio utiliza-se de tal artifício para cativar seu público acerca da importância de prestar atenção na história que ali será relatada, pois Moisés foi quem primeiro transmitiu essa história de maneira nobre e sublime, e só fez isso porque era alguém que mantinha uma íntima comunhão com Deus.

O que Basílio quer dizer com isso é que todo aquele que quisesse usufruir do privilégio de recontar as belezas da criação deveria primeiro reverenciar os episódios do Gênesis como algo que provinha de uma inefável sabedoria. A estratégia retórica de Basílio era muito clara e quer dizer que todos os narradores que se aproximassem de Deus da mesma forma como Moisés um dia se aproximou, conseqüentemente também desfrutariam do grande deleite de mergulhar

⁷⁵ O próprio termo *diégesis* aponta para essa noção; salientamos isso, pois a própria raiz da palavra é composta pela preposição (διά), que dependendo da função sintática poderá significar através de, por meio de, acrescida pelo verbo (ἄγω) que significa conduzir. No caso do verbo (διηγέομαι) a preposição (διά) é a parte pré-verbal da palavra, que, acrescida do verbo (ἄγω) pode significar expor detalhadamente. Logo, a compreensão filológica do termo já nos diz muito sobre o tipo de arte que estaremos por versar. Os diegetas podem ser perfeitamente compreendidos como sujeitos que fazem a *diégesis*, arte por meio da qual determinados eventos são narrados, são contados.

nos mistérios da criação. É isso que Basílio procura fazer, inculcar a noção da necessidade de obter-se inspiração divina para versar sobre a criação⁷⁶, já que tal dádiva seria reservada somente aos retos e justos de coração.

Tal ato retórico de Basílio visava a inculcar uma emoção apreensiva em seus ouvintes, e o ato de despertar em determinado público certas emoções diz respeito a uma notável habilidade retórica, isto é, de persuadir através das palavras que provocam emoções. Conforme já havíamos dito, é na *Poética* que Aristóteles esboça suas primeiras noções de como a elocução de uma história deveria ocorrer; todavia é em sua *Retórica* que maiores explicações serão feitas quanto a essa arte de construir um belo encadeamento lógico para as histórias a serem contadas por determinado locutor. Vejamos então como o filósofo estagirita versa sobre a natureza desse tipo de recurso retórico:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar os autores atuais de artes retóricas. E a ela daremos especial atenção quando falarmos das paixões (*Retórica*, 1356a).

Salientar essas questões é importante, pois quando Basílio propõe-se a discorrer sobre o Gênesis termina por utilizar artifícios retóricos que o ajudam a montar sua fala, ou seja, primeiro ele constrói um cenário propício para iniciar sua narração dos eventos da criação, e somente após criar um cenário de sublimação estimula seu público a preparar-se para a narrativa que virá. É por meio desses estímulos que cativa seu público e conta sua história.

Tal performance pode ser verificada quando ele exorta seus ouvintes a purificarem seus ouvidos para mergulhar nos profundos “mistérios” da criação. Tal posicionamento adotado por Basílio é apenas uma das muitas estratégias para inculcar em seus fiéis o desejo de ouvir a apoteótica narrativa da criação e isso poderá ser visto conforme detalharmos sua obra. Conforme dissemos em momentos anteriores, a natureza retórica presente no *In Hexaemeron* basiliano é majoritariamente marcada pelos aspectos do gênero epidítico e, segundo Aristóteles: “No gênero epidítico temos tanto o elogio como a censura” (*Retórica*, 1358b).

Este é o fio condutor que guia o discurso de Basílio, ou seja, é através desse procedimento que ele elogia o Gênesis e seu autor e, concomitantemente a isso, censura categorias de pensamento que fossem divergentes das visões de mundo da cosmogonia bíblica. Vejamos como Aristóteles fala sobre a natureza das emoções pertencentes a essa classe de retórica:

⁷⁶ Como no *Íon* de Platão, o ato de narrar uma história é fruto de uma inspiração divina.

[...] falemos da virtude e do vício, do belo e do vergonhoso; pois estes são os objetivos de quem elogia ou censura. Com efeito, sucederá que, ao mesmo tempo que falarmos destas questões, estaremos também a mostrar aqueles meios pelos quais deveremos ser considerados como pessoas de um certo carácter. Esta era a segunda prova; pois é pelos mesmos meios que poderemos inspirar confiança em nós próprios e nos outros no que respeita à virtude (*Retórica*, 1366a).

É dessas questões que trata a retórica epidítica; esse é o seu objetivo, ou seja, elogiar ou censurar algo. Basílio era sabedor disso e é através dessas estratégias e ornamentos que cativa a disposição de seus ouvintes para se atentarem para a narrativa que constrói. Dessa maneira, questões sobre o belo e o vergonhoso aparecem em sua narrativa conforme seu discurso sobre o Gênesis for ganhando forma.

Nos primeiros momentos de seu *In Hexaemeron*, Basílio refere-se ao suposto autor do Gênesis de maneira muito entusiasmada. Por conta disso, elogia a personagem mosaica e diz que ela era possuidora de uma sabedoria que veio de Deus. É dessa maneira que Basílio monta seu *In Hexaemeron*, despertando certas emoções em seu público, e é por isso que apresenta Moisés como uma figura de grande prestígio e extremamente letrada, magnânima, mansa e que fora educada nas cortes egípcias. Basílio salienta isso, pois naquela época o Egito era um dos principais centros de sapiência e erudição do mundo antigo. Apresentar isso era de grande importância, pois conferia maior singularidade tanto ao Gênesis como ao seu escritor, bem como o relato composto pelo bispo de Cesareia, demonstrando seu poder criativo.

Aquele elegante Moisés é quem tem sido nossa testemunha da parte de Deus, o qual a filha de faraó adotou quando ele ainda estava no peito, e ela o criou como rei, instituindo-lhe seus sábios professores do Egito como instrutores. O qual todavia odiou a altivez da tirania, e retornou correndo para a humilde condição de sua tribo, preferiu sofrer maus tratos com o povo de Deus que ter a sua disposição um efêmero desfrute do pecado (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 1. 18-24)⁷⁷.

Nas palavras de Basílio, Moisés era uma elegante testemunha da parte de Deus (Μωϋσῆς ἐκεῖνος ὁ μαρτυρηθεὶς ἀστεῖος εἶναι παρὰ τῷ Θεῷ). Moisés é retratado ali como uma nobre testemunha (ὁ μαρτυρηθεὶς ἀστεῖος), o próprio adjetivo (ἀστεῖος) indica-nos que ele era uma personagem cidadina, oriunda da ἄστυ. Segundo Basílio, Moisés não foi um rude qualquer, por

⁷⁷ No original: Μωϋσῆς ἐκεῖνος ὁ μαρτυρηθεὶς ἀστεῖος εἶναι παρὰ τῷ Θεῷ, ἔτι ὑπομάζιος ὢν ὃν εἰσεποιήσατο μὲν ἢ θυγάτηρ τοῦ Φαραώ, ἐξέθρεψε δὲ βασιλικῶς, τοὺς σοφοὺς τῶν Αἰγυπτίων διδασκάλους αὐτῷ τῆς παιδεύσεως ἐπιστήσασα. Ὅς τὸν ὄγκον τῆς τυραννίδος μισήσας, καὶ πρὸς τὸ ταπεινὸν τῶν ὁμοφύλων ἀναδραμῶν, εἴλετο συγκακουχεῖσθαι τῷ λαῷ τοῦ Θεοῦ, ἢ πρόσκαιρον ἔχειν ἀμαρτίας ἀπόλαυσιν.

isso considerava-o alguém digno de confiança. Vejamos como Aristóteles se refere a essa estratégia retórica de conferir confiança:

A confiança é o contrário do medo, e o que inspira confiança é o contrário do que inspira medo, de modo que a esperança é acompanhada pela representação de que as coisas que estão próximas podem salvar-nos, ao passo que as que causam temor não existem ou estão longe. Infundem, pois, confiança as desgraças que estão longe e os meios de salvação que estão perto; a possibilidade e a disponibilidade de socorros inúmeros e grandes, ou ambos ao mesmo tempo; e também o facto de não termos sido vítimas de injustiças nem o termo-las cometido; não termos competidores, em geral, nem eles disporem de poder ou, tendo poder, que sejam nossos amigos e nos tenham feito algum bem, ou nós a eles; e aqueles com quem há comunhão de interesses, mesmo que sejam mais numerosos ou mais poderosos do que nós, ou ambas as coisas (*Retórica*, 1383a).

A definição de Aristóteles é muito precisa quando versa sobre as características da confiança, principalmente quando diz que a confiança está relacionada à esperança, visto que ela própria reside na representação daquilo que está próximo de nós e que nos pode salvar. Basílio vai na mesma mão desse tipo de demonstração, pois ao apresentar a figura de Moisés descreve-o como uma elegante testemunha que era indiscutivelmente da parte de Deus (παρὰ τῷ Θεῷ).

Tal expressão, “da parte de Deus”, pode ser também traduzida como perto de Deus, pois a preposição (παρά) acompanhada de um artigo e substantivo que se encontra no caso dativo indica a ideia de um objeto que está junto de algo ou alguém, que naquela ocasião indica Moisés como sujeito que está junto de Deus.

De acordo com Basílio, Moisés não era uma personagem qualquer, não havia se conformado com tão deleitosa situação em que se encontrava; era uma pessoa boa, ou seja, que odiou a altivez da tirania (Ὀς τὸν ὄγκον τῆς τυραννίδος μισήσα) e, portanto, retornou para a humilde condição de sua tribo (καὶ πρὸς τὸ ταπεινὸν τῶν ὁμοφύλων ἀναδραμών). Esse é o núcleo da argumentação de Basílio, isto é, de que Moisés desprezou os benefícios da realeza para compartilhar da dor de seus compatriotas que viviam em servidão no Egito. Tratava-se de alguém que não ligara para tais deleites da vida na realeza, mas que, antes de tudo, buscou trilhar a senda da humildade e ajudar aqueles que estavam sofrendo com o jugo da escravidão. A argumentação de Basílio segue uma retórica cujo intento é demonstrar Moisés como uma figura nobre, piedosa e que se compadecera de seus compatriotas. Trata-se de um artifício retórico que também fora demonstrado por Aristóteles em sua obra retórica, mexer com as emoções da plateia. Vejamos, portanto, como Aristóteles versa sobre a característica da piedade:

Vamos admitir que a < piedade > consiste numa certa pena causada pela aparição de um mal destruidor e aflitivo, afectando quem não merece ser afectado, podendo também fazer-nos sofrer a nós próprios, ou a algum dos nossos, principalmente quando esse mal nos ameaça de perto. É evidente que, por força das circunstâncias, aquele que está a ponto de sentir piedade se encontra numa situação de tal ordem que há de pensar que ele próprio, ou alguém da sua proximidade, acabará por sofrer algum mal, idêntico ou muito semelhante ao que referimos na nossa definição (*Retórica*, 1385b).

Para Basílio, Moisés havia sido um príncipe que, uma vez abandonando a corte, dirigiu-se aos confins da Etiópia para dedicar-se à contemplação da natureza. Em outras palavras, tratava-se de um sábio por excelência que amava mais o ócio do que os barulhos da vida secular.

O que se percebe é que o *In Hexaemeron* de Basílio se revela como uma verdadeira obra cujo afloramento de uma expressividade retórica e a ornamentação de significados poéticos são unidos pelo capadócio a fim de conferir maior prestígio para a história que conta. De certa forma, enquadramo-lo como fruto do próprio estilo de Basílio enquanto compositor. É desse tipo de performance que sua história emana, isto é, de uma narrativa solene cujo intento é mimetizar os eventos do Gênesis. Para isso, cria uma personagem nobre, digna de confiança por estar apoiada no relato bíblico, sendo assim capaz de mexer com as emoções e ter a atenção do público.

O aspecto literário de sua obra reside nisto e no conteúdo narrativo emanado de suas homilias, ou seja, na tentativa de *literaturizar* seu discurso sobre o Gênesis, e isso, conseqüentemente, foi o que fez sua obra *Hexaemeral* tornar-se um verdadeiro modelo literário para a cristandade. Vejamos como Basílio apresenta Moisés em mais uma passagem dessa homilia:

Ele que recebera a afeição pela justiça por meio de sua própria natureza, antes mesmo de lhe ser conferido o governo do seu povo, e é mostrado que através dessa natural aversão a malvadeza ele vingou-se dos perversos a ponto de puni-los de morte. Ele que fora exilado por aqueles que tinham sido beneficiados, e, no entanto, abandonou prazerosamente os barulhos dos egípcios, e ao chegar até a Etiópia, ali longe dos demais, fez valer todo o seu tempo livre, e em todos os seus quarenta anos esteve dedicado a contemplação dos seres (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 1. 25-32)⁷⁸.

Nesta passagem vemos Basílio de Cesareia descrever Moisés como sendo um homem refinado, longânimo, reto e que trazia em sua própria natureza um amor pela justiça. De acordo com Basílio, os atributos de Moisés apontavam para uma figura ímpar, alguém que, após ser

⁷⁸No original: Ὁ τὴν πρὸς τὸ δίκαιον φιλίαν ἐξ αὐτῆς τῆς φύσεως κεκτημένος, ὅπου γε καὶ πρὶν ἐπιτραπῆναι αὐτῷ τοῦ λαοῦ τὴν ἀρχήν, φαίνεται διὰ τὸ τῆς φύσεως μισοπόνηρον μέχρι θανάτου τοὺς κακοὺς ἀμυνώμενος. Ὁ φυγαδευθεὶς παρὰ τῶν εὐεργετηθέντων, καὶ ἀσμένως μὲν τοὺς Αἰγυπτιακοὺς θορύβους ἀπολιπών, τὴν δὲ Αἰθιοπίαν καταλαβών, κάκει πᾶσαν σχολὴν ἀπὸ τῶν ἄλλων ἄγων, καὶ ἐν τεσσαράκοντα ὅλοις ἔτεσιν τῆ θεωρίᾳ τῶν ὄντων ἀποσχολάσας.

banido do Egito, buscou desenvolver a atividade da contemplação da natureza, algo que durou quarenta anos. Nessa passagem Basílio demonstra que a busca pelo saber era algo que pertencia à própria natureza do escritor do Gênesis; portanto, tratava-se de alguém que nutria amor pela sabedoria e pela contemplação da natureza.

É perceptível a forma fluida como Basílio narra a ânsia que Moisés tinha pela justiça.

Segundo o capadócio, o sábio da antiguidade havia saído das opulentas terras do Egito para encontrar a paz para os seus estudos num país mais calmo, tranquilo o suficiente para a vida contemplativa. A natureza retórica deste tipo de abordagem de Basílio tem o intento de demonstrar que foi nos confins da Etiópia, longe de tudo e todos, que Moisés encontrou tempo para dedicar-se à contemplação da natureza e refletir sobre como havia sido divinamente criada.

Em outros termos, o discurso de Basílio buscava a todo instante deixar claro que o Gênesis era fruto de uma sabedoria divina, e que, aquele que a transmitiu era um sábio que havia se desviado das intempéries da vida cidadina para dedicar-se a uma vida ascética. É nisso

que se centra a argumentação de Basílio, ou seja, que a cosmogonia do Gênesis era fruto de uma sabedoria áurea e que foi-nos transmitida pela primeira vez pelo mais ilustre dos homens, alguém que além de ter sido educado pela pompa da realeza era também muito estimado por Deus.

No entanto, Basílio não se limita a elogiar apenas a pessoa de Moisés; seu *In Hexaemeron* é uma apreciação tanto da figura mosaica quanto dos eventos da criação. Sendo assim, ao falar sobre a configuração do céu e da terra, tentará apresentá-la como fruto de um todo organizado, de maneira que ficará bastante nítida a maneira entusiasmada pela qual Basílio busca relatar os mistérios que deram origem ao *kósmos*. Para o capadócio sua história da criação não era apenas de uma “vã filosofia”, era uma transmissão sublimada de um acontecimento maravilhoso que ocorrera nos primórdios dos tempos e que era por natureza superior a toda a erudição que os sábios da Grécia tentaram exprimir.

“No princípio, Deus criou o céu e a terra.”. A admiração desse pensamento para meu relato. O que devo eu dizer primeiro? Por onde começarei minha narrativa? Menosprezarei a futilidade dos gentios? Ou proclamarei a nossa verdade? Os sábios que havia dentre os gregos elaboraram muitos tratados sobre a natureza, e nem mesmo o relato deles permaneceu estável e intacto, porque sempre o segundo derrubava o anterior (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 2.1-5) ⁷⁹.

⁷⁹ No original: «Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν.» Ἰστησί μου τὸν λόγον τὸ θαῦμα τῆς διανοίας. Τί πρῶτον εἶπω; πόθεν ἄρξομαι τῆς ἐξηγήσεως; Ἐλέγξω τῶν ἔξω τὴν ματαιότητα; ἢ ἀνυμνήσω τὴν ἡμετέραν ἀλήθειαν; Πολλὰ περὶ φύσεως ἐπραγματεύσαντο οἱ τῶν Ἑλλήνων σοφοί, καὶ οὐδὲ εἰς παρ’ αὐτοῖς λόγος ἔστηκεν ἀκίνητος καὶ ἀσάλευτος, αἰεὶ τοῦ δευτέρου τὸν πρὸ αὐτοῦ καταβάλλοντος.

Basílio estava consciente da história que estava por compor, sabia da necessidade de fazer valer sua cosmovisão frente às demais categorias de pensamento do mundo não cristão de sua época. Para o capadócio, os gregos com toda sua cosmologia tentaram exaustivamente relatar como o início do mundo acontecera; todavia, eram incapazes de se autossustentarem sem que com isso caíssem em contradição. Basílio, maravilhado com a beleza das palavras daquela cosmogonia ancestral, propõe-se a recontar como esses eventos se sucederam; todavia, seu espanto é tão notável que o faz repensar sobre qual seria a melhor maneira de detalhar como a criação acontecera.

O que se percebe é que há uma preocupação em buscar as melhores palavras para contar ao seu público uma história cuja narrativa fosse precisa o suficiente a revelar-lhes os enigmas de cada evento oriundo daquela cosmogonia ancestral tão venerada por Basílio. Sua visão cristã, associada aos seus dons argumentativos, retóricos e de escrita, é o que fará surgir uma versão.

A própria utilização de metáforas e analogias cumpre uma função especial em seu relato sobre a criação; é a partir desses artifícios que ludifica sua mensagem e promove uma melhor compressão dos eventos ali contados. Sobre a natureza desses artifícios Aristóteles dirá em sua *Poética* que: “A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (*Poética*, 1457b). Sendo assim, Basílio dirá o seguinte sobre o poder criativo divino que fez o mundo surgir:

No princípio Deus criou. Por que é uma ordem bela? Primeiramente estabeleceu o começo, para que alguns não imaginassem o mundo sem um começo. Em seguida acrescentou: criou, para que ficasse claro que a criação expressa uma parte mínima do poder do Criador. Assim como o oleiro, sempre moldando com a mesma arte uma quantidade inumerável de vasos, não esgota nem sua arte nem sua habilidade, assim também o Criador disso tudo possui capacidade de criação que não se limita neste mundo, mas transcende todos os limites, trouxe à existência as grandezas do mundo visível pelo único impulso da sua vontade (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 2.28-36)⁸⁰.

As comparações que faz para ilustrar como Deus criou o universo são exemplos de sua destreza, habilidade de narrador. Na alegoria do capadócio, assim como um oleiro (Ὡς γὰρ ὁ κεραμεὺς) não esgotava sua arte ao produzir uma miríade de outros vasos, também o criador de tudo (οὕτω καὶ ὁ τοῦ παντὸς τούτου δημιουργὸς), ao dar forma ao mundo, não havia esgotado

⁸⁰ No original: Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεός. Τί καλὴ ἡ τάξις; Ἀρχὴν πρῶτον ἐπέθηκεν, ἵνα μὴ ἄναρχον αὐτὸν οἰηθῶσιν τινές. Εἶτα ἐπήγαγε τό, Ἐποίησεν, ἵνα δεῖχθῆ, ὅτι ἐλάχιστον μέρος τῆς τοῦ δημιουργοῦ δυνάμεώς ἐστι τὸ ποιηθέν. Ὡς γὰρ ὁ κεραμεὺς ἀπὸ τῆς αὐτῆς τέχνης μυρία διαπλάσας σκεύη, οὔτε τὴν τέχνην οὔτε δύναμιν ἐξανάλωσεν· οὕτω καὶ ὁ τοῦ παντὸς τούτου δημιουργός, οὐχ ἐνὶ κόσμῳ σύμμετρον τὴν ποιητικὴν ἔχων δύναμιν, ἀλλ’ εἰς τὸ ἀπειροπλάσιον ὑπερβαίνουσαν, τῆ ῥοπῇ τοῦ θελήματος μόνη εἰς τὸ εἶναι παρήγαγε τὰ μεγέθη τῶν ὀρωμένων.

sua capacidade criativa, já que seu poder não estava limitado a esse mundo; era superior, passava todos os limites dessa realidade, de sorte que apenas pelo ímpeto de sua vontade havia trazido à existência as grandezas das coisas visíveis (τὰ μεγάθη τῶν ὁρωμένων).

Pois havia algo, como parece, que já existia mesmo antes deste mundo, algo que nossa mente pode ver, mas que permaneceu desconhecido pela história por causa de ser inadequado aos que estão iniciando e são infantis em seu conhecimento. Antes do nascimento do mundo havia uma condição que era conveniente aos poderes celestes, supertemporal, eterna, perene. Naquele mundo, o Criador e Artífice do universo fez criações: uma luz espiritual apropriada à bem-aventurança dos que amam o Senhor, naturezas racionais e invisíveis, e toda classe de espíritos, tão numerosos que transcendem nossa inteligência, cujos nomes não é possível descobrir⁸¹ (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 5.1-2).

A passagem supracitada narra uma possível criação do mundo angelical que o Gênesis não aborda. Aqui há mais um indicativo de sua criatividade, de seu lado inventivo, visto que, a todo instante, Basílio encontra-se perscrutando novos significados, inaugurando novas abordagens. Para Basílio, trata-se de um conhecimento ainda mais sublime que o do Gênesis, algo que o enredo do Gênesis resolveu ocultar, algo que era inadequado aos recém-iniciados nesse tipo de sabedoria profunda, uma sabedoria que nenhum sistema filosófico ou epistemológico da época poderia esclarecer, mas que o Basílio narrador tentava apresentar.

O que Basílio tenta demonstrar é que, antes de Deus criar o mundo visível, isto é, céus e Terra, havia primeiro criado um mundo espiritual invisível, uma realidade distinta do mundo material. Tal dimensão era de uma grandeza tão esplêndida e inefável que as inteligências de Basílio e de seu público não eram capazes de nomear. Para ele, o mundo natural havia sido criado posteriormente, uma extensão desse mundo invisível que serviria de escola na qual as almas dos homens deveriam ser instruídas e crescerem, ou seja, Deus havia criado um mundo para os anjos e outro para as criaturas naturais.

O que podemos dizer é que isso é mais uma amostra do aspecto fabulador de Basílio, é fruto da criatividade dele como narrador, contador de história por assim dizer. Trata-se de um claro exemplo dos novos modais que Basílio inaugurou, dos novos assuntos que resolveu abordar quando compôs sua história da criação. Ao ler sua obra *Hexaemeral* percebemos que estamos diante de uma nova forma de composição narrativa. Trata-se de uma tentativa de recontar uma velha história que tem como base o Gênesis, mas que faz surgir novos sentidos

⁸¹ No original: Ἦν γάρ τι, ὡς ἔοικεν, καὶ πρὸ τοῦ κόσμου τούτου, ὃ τῆ μὲν διανοίᾳ ἡμῶν ἐστὶ θεωρητόν, ἀνιστόρητον δὲ κατελείφθη, διὰ τὸ τοῖς εἰσαγομένοις ἔτι καὶ νηπίοις κατὰ τὴν γνῶσιν ἀνεπιτήδειον. Ἦν τις πρεσβυτέρα τῆς τοῦ κόσμου γενέσεως κατάστασις ταῖς ὑπερκοσμίοις δυνάμεσι πρέπουσα, ἢ ὑπέρχρονος, ἢ αἰωνία, ἢ αἰδίου. Δημιουργήματα δὲ ἐν αὐτῇ ὁ τῶν ὄλων κτίστης καὶ δημιουργὸς ἀπετέλεσε, φῶς νοητὸν πρέπον τῇ μακαριότητι τῶν φιλοῦντων τὸν Κύριον, τὰς λογικὰς καὶ ἀοράτους φύσεις, καὶ πᾶσαν τὴν τῶν νοητῶν διακόσμησιν, ὅσα τὴν ἡμετέραν διάνοιαν ὑπερβαίνει, ὧν οὐδὲ τὰς ὀνομασίας ἐξευρεῖν δυνατόν.

atrelados à cosmovisão desses escritores, que revisitam o tema da criação do mundo em seis dias através de uma performance cuja narrativa alcança níveis de exposição cada vez mais épicos e sublimes.

Essa nova composição, essa nova forma de relatar também é fruto de seu entendimento sobre o enredo do Gênesis. Para ele a criação do mundo era muito complexa, certos temas precisavam ser esclarecidos com grande cautela, já que fugir demais do enredo do Gênesis poderia suscitar abordagens obscuras demais. É perceptível essa maleabilidade de Basílio de inaugurar novos temas sem que com isso fugisse totalmente do núcleo principal da história bíblica que lhe servia de base.

Essa é a aporia de Basílio, criar sem divagar, recontar sem macular, inovar sem errar; em outras palavras, compor uma narração loquaz, inovadora e instrutiva sem desvirtuar o enredo que seguia. Tal paradoxo seguirá durante toda a história de Basílio; todavia, era um percurso necessário, sua criatividade era o que salvaguardaria sua cosmovisão frente a alternativas, cosmogonias, e outras visões de mundo que fossem contrárias aos seus intentos. Trata-se de uma árdua tarefa de criar uma narração cativante e inovadora para instruir seus fiéis sem que com isso caísse em descrédito por inaugurar novas formas de recontar o Gênesis.⁸²

De certo modo, torna-se claro que para Basílio a criação iniciou-se num mundo supranatural. Segundo ele havia múltiplos céus, ou seja, aqueles céus primordiais onde residiam os seres espirituais e o céu natural onde as aves e demais seres alados voavam. De acordo com o capadócio, o universo natural era apenas uma extensão de uma outra criação. Primeiro houve a criação das realidades espirituais, que, posteriormente, foi seguida pela criação do mundo material. Poderemos ver que, conforme Basílio dá continuidade à sua narração, mais elementos aparecem.

Cabe-nos dizer que, embora a história contada pelo capadócio seja pautada na cosmogonia do Gênesis, termina por dialogar com muitos autores de seu tempo, quer fossem cristãos ou não. Tal exercício é o que o auxilia a dar maior ligadura, legitimidade para a história que estava por contar. Veremos um exemplo disso quando nos servimos das palavras do escritor Paulo para fundamentar a versão da criação que estava por confeccionar:

Esses seres preenchem a substância do mundo invisível, como Paulo nos ensina quando diz: Nele foram criados todos os seres, os visíveis e os invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam autoridades, sejam potestades, sejam exércitos. Naquele momento era

⁸² Daí resulta a obra *Hexaemeral* do irmão de Basílio. Salientamos tal questão porque foi isso que fez Gregório de Níssa compor sua obra *Hexaemeral*, ou seja, recontar e esclarecer alguns pontos que Basílio seu irmão abordou quando compôs seu *In Hexaemeron*.

apropriado que este mundo também fosse incluído entre os seres, que fosse acima de tudo o lugar de instrução e formação das almas dos homens; e era então, em uma palavra, a morada adequada de todos os seres sujeitos ao nascimento e à morte. Então, descobriu-se que o mundo, os animais e as plantas eram naturalmente semelhantes a ele, e que o curso do tempo, que sempre pressiona e flui e nunca para em seu curso, também está lá. O tempo não é assim quando o passado desapareceu, enquanto o futuro ainda não existe e o presente escapa aos sentidos antes mesmo de ser conhecido (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 5. 10-24)⁸³.

É bem provável que as visões de Basílio tenham impactado significativamente a cristandade de sua época, e, muito embora suas inovações tenham encontrado certa resistência, terminaram por influenciar toda a literatura *Hexaemeral* posterior. A própria obra de John Milton é um exemplo disso, já que em *Paraíso perdido* tal autor também abordará a natureza do mundo angélico; é claro que será diferente da de Basílio, já que em seu *In Hexaemeron* o capadócio não incorreu em mais informações sobre a natureza do mundo espiritual. Todavia, tudo isso serve para mostrar-nos como a inovação do capadócio abriu novas portas, horizontes, formas de abordar a narrativa ancestral do Gênesis.

De certo modo, o que Basílio queria demonstrar era que, no princípio, o artífice do universo havia criado o mundo natural depois do mundo espiritual. Como dissemos, tal inovação de Basílio é fruto de sua celebridade enquanto narrador e escritor. O capadócio, além de ser professor de retórica, era um cristão e necessitava a todo custo imprimir sua cosmovisão, seu imaginário religioso na obra que estava por compor. Quanto a isso Basílio diz que:

“No princípio, Deus criou.”; isto é, no início do tempo. Portanto, se ele fez o mundo surgir no início, não é uma prova que seu nascimento precedeu o de todas as outras coisas que foram feitas. Ele apenas deseja nos dizer que, depois do mundo invisível e intelectual, o mundo visível, o mundo dos sentidos, começou a existir (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 5.33-37)⁸⁴.

Analisar a obra basílica é fluir por um universo ímpar da narração do Gênesis. Sua obra não é o Gênesis, é uma versão de Basílio de como o mundo foi criado. Mergulhar nas sendas da crítica literária possibilita-nos essas alternativas, ou seja, investigar a criatividade do autor, a estética do texto, e também a forma célebre como Basílio relata o surgimento do mundo em

⁸³ No original: Ταῦτα τοῦ ἀοράτου κόσμου συμπληροῖ τὴν οὐσίαν, ὡς διδάσκει ἡμᾶς ὁ Παῦλος, λέγων, Ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα, εἴτε ὀρατά, εἴτε ἀόρατα, εἴτε θρόνοι, εἴτε κυριότητες, εἴτε ἀρχαί, εἴτε ἐξουσίαι, εἴτε δυνάμεις, εἴτε ἀγγέλων στρατιαί, εἴτε ἀρχαγγέλων ἐπιστασίαι· ὅτε δὲ ἔδει λοιπὸν καὶ τὸν κόσμον τοῦτον ἐπεισαχθῆναι τοῖς οὐσί, προηγουμένως μὲν διδασκαλεῖον καὶ παιδευτήριον τῶν ἀνθρωπίνων ψυχῶν· ἔπειτα μέντοι καὶ ἀπαξιαπλῶς πάντων τῶν ἐν γενέσει καὶ φθορᾷ ἐπιτήδειον ἐνδιαίτημα. Συμφυῆς ἄρα τῷ κόσμῳ, καὶ τοῖς ἐν αὐτῷ ζῴοις τε καὶ φυτοῖς, ἢ τοῦ χρόνου διέξοδος ὑπέστη, ἐπειγομένη αἰεὶ καὶ παραρρέουσα, καὶ μηδαμοῦ παυομένη τοῦ δρόμου. Ἡ οὐχὶ τοιοῦτος ὁ χρόνος, οὐδὲ τὸ μὲν παρελθὸν ἠφανίσθη, τὸ δὲ μέλλον οὐπω πάρεστι, τὸ δὲ παρὸν πρὶν γνωσθῆναι διαδιδράσκει τὴν αἴσθησιν;

⁸⁴ No original: Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν· τούτέστιν, ἐν ἀρχῇ ταύτῃ τῇ κατὰ χρόνον. Οὐ γὰρ δὴ κατὰ πρεσβυγένειαν πάντων τῶν γενομένων προέχειν αὐτὸν μαρτυρῶν λέγει ἐν ἀρχῇ γεγονέναι, ἀλλὰ μετὰ τὰ ἀόρατα καὶ νοούμενα τῶν ὀρατῶν τούτων καὶ αἰσθήσει ληπτῶν τὴν ἀρχὴν τῆς ὑπάρξεως διηγείται.

seu *In Hexaemeron*. Salientamos isso, pois, para o capadócio, a criação apresenta-se como uma verdadeira obra de arte, como se essa fosse fruto de uma beleza poética espantosa; em sua obra *Hexaemeral* a criação espelha a majestade da beleza de seu artífice.

O que se pode perceber é que, no *In Hexaemeron* basiliano, a criação é um produto artesanal do ilimitado poder divino; segundo a performance de Basílio narrador do Gênesis, toda a criação reflete os atributos de seu projetista. Nesse sentido, assim como um artista exhibe seu potencial criativo através de suas obras de arte, o Deus criador do universo havia demonstrado uma pequena parcela de seu poder ao imprimir no universo uma harmonia, interação entre partes diferentes que formavam um todo, belo, simpático e coerente. Vejamos como o capadócio expressa isso na seguinte passagem:

Visto que entre as artes, algumas são chamadas de criativas, outras práticas e outras ainda teóricas. O fim das artes teóricas é a atividade intelectual; o das artes práticas é o próprio movimento do corpo, depois do qual nada mais existe ou permanece perceptível ao olho; na verdade não há fim para a dança e a arte do aulos, porque sua ação termina em si mesma. Nas artes criativas, no entanto, mesmo quando sua atividade cessa, a obra permanece. Assim, na arquitetura, na construção, na arte da metalurgia e na arte da tecelagem, e em muitas outras do tipo: mesmo na ausência do artesão, elas manifestam claramente em si mesmas as virtudes operativas, e é assim possível admirar na obra o arquiteto, o ferreiro e o tecelão. A fim de mostrar que o mundo é uma obra de arte industriosa que é apresentada a todos para sua observação, para que através dela se possa reconhecer a sabedoria do seu Criador, o sábio Moisés não usou outra palavra senão esta: No princípio, “Deus criou”. Ele não disse “produziu” ou “fundou”, mas “criou” (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 7.1-17)⁸⁵.

A passagem supracitada é clara em mostrar-nos que, nessa primeira homilia do *In Hexaemeron* assim como nas artes criativas (ποιητικῶν τεχνῶν)⁸⁶, o produto de criação do artífice reflete a inteligência do engenho de seu arquiteto. Para o capadócio, a criação era uma obra de arte que apontava para a maestria divina; logo, necessitava ser contemplada como um projeto possuidor de uma estética cujo propósito seria o de exaltar as virtudes de seu criador, pois foi nela onde Deus esquadrinhou as mais belas estruturas de uma matéria disforme.

⁸⁵ No original: Ἐπειδὴ δὲ καὶ τῶν τεχνῶν αἱ μὲν ποιητικαὶ λέγονται, αἱ δὲ πρακτικαὶ, αἱ δὲ θεωρητικαί· καὶ τῶν μὲν θεωρητικῶν τέλος ἐστὶν ἡ κατὰ νοῦν ἐνέργεια· τῶν δὲ πρακτικῶν, αὐτὴ ἡ τοῦ σώματος κίνησις, ἧς παυσαμένης οὐδὲν ὑπέστη οὐδὲ παρέμεινε τοῖς ὀρθῶσιν· ὀρχήσεως γὰρ καὶ αὐλητικῆς τέλος οὐδὲν, ἀλλ’ αὐτὴ εἰς ἑαυτὴν ἢ ἐνέργεια καταλήγει· ἐπὶ δὲ τῶν ποιητικῶν τεχνῶν, καὶ παυσαμένων τῆς ἐνεργείας, προκείμενόν ἐστι τὸ ἔργον· ὡς οἰκοδομικῆς καὶ τεκτονικῆς καὶ χαλκευτικῆς καὶ ὑφαντικῆς, καὶ ὅσαι τοιαῦται, αἱ, κὰν μὴ παρῆ ὁ τεχνίτης, ἰκανῶς ἐν ἑαυταῖς τοὺς τεχνικοὺς λόγους ἐμφαίνουσι, καὶ ἔξεστί σοι θαυμάσαι τὸν οἰκοδόμον ἀπὸ τοῦ ἔργου, καὶ τὸν χαλκέα καὶ τὸν ὑφάντην. Ἴνα οὖν δειχθῆ ὅτι ὁ κόσμος τεχνικόν ἐστι κατασκευάσμα, προκείμενον πᾶσιν εἰς θεωρίαν, ὥστε δι’ αὐτοῦ τὴν τοῦ ποιήσαντος αὐτὸν σοφίαν ἐπιγινώσκεισθαι, οὐκ ἄλλη τινὶ φωνῇ ἐχρήσατο ὁ σοφὸς Μωϋσῆς περὶ αὐτοῦ, ἀλλ’ εἶπεν, Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν· οὐχὶ ἐνήργησεν, οὐδὲ ὑπέστησεν, ἀλλὰ Ἐποίησεν.

⁸⁶ Arte poética, para Basílio, a criação é um trabalho de arte, tem em si mesma uma natureza que aponta para a engenhosidade de um artífice, daquele que pensa meticulosamente cada aspecto de sua produção. Sua função é externar a assinatura, a beleza da criatividade de seu artesão.

A forma como Basílio conduz sua mensagem *Hexaemeral* visa a externar ao seu público que tal criação apesar de ser engenhosa constituía-se apenas como uma pequena demonstração de seu ilimitado poder criativo. O que Basílio tenta expor é que na criação os objetos criados atendiam aos propósitos do projetista; como um artesão modela a matéria bruta segundo a sua vontade, do mesmo modo o criador do universo, excelso e majestoso, havia imprimido seus atributos em cada objeto presente no mundo das coisas visíveis, a harmonia do todo era uma marca de sua assinatura. Em outras palavras, pode-se dizer que, para Basílio, a criação possuía um padrão estético cuja forma testemunhava a opulente sabedoria divina.

A performance do arcebispo Basílio tenta exprimir em sua história *Hexaemeral* como o processo de criação havia sido realizado, e essa riqueza de detalhes é o que marca sua singularidade. A proposta de seu *In Hexaemeron* é detalhar, tornar clara a enigmática mensagem do Gênesis; essa é a forma como Basílio reconta a cosmogonia bíblica que tanto admirava. Ao realizar tão ousado empreendimento, o capadócio termina por imprimir novos tons, texturas e gama de cores para aquilo que considerava ser uma das mais belas obras de arte que o gênero humano um dia observara, ou seja, a criação do mundo em seis dias; em outras palavras, um *In Hexaemeron*.

O que se pode entender é que Basílio apresenta a criação como sendo produto do altivo comando divino; logo, sendo a matéria submissa aos desígnios de uma mente engenhosa, estava à mercê dos intentos de seu artesão e, portanto, não era coeterna com ele. Sendo assim, a matéria em seus mais diferentes estados fora criada a partir dos intentos de Deus, e, uma vez ganhando as propriedades estipulados por Deus, foi apresentada como um reflexo de sua boa aventura. Quanto a isso o arcebispo capadócio dirá que:

E como muitos daqueles que imaginaram que o mundo existiu com Deus desde a eternidade não admitem que seja obra Sua, mas que ele veio à existência espontaneamente como uma sombra de seu poder; eles reconhecem que Deus é a causa do mundo, mas uma causa involuntária, assim como o corpo é da sombra do corpo e o brilho do esplendor; o profeta, para corrigir esse erro, expressou-se com essa exatidão nas palavras, dizendo: No princípio, Deus criou. Ele não foi apenas a causa da existência do mundo, mas em sua bondade ele criou o que é útil, em sua sabedoria o que é belo, em seu poder o que é muito grandioso. De fato, ele quase se mostrou a vocês como um artesão que penetra a substância dos seres, no ato de harmonizar as partes individuais entre si e dar ao universo homogeneidade, acordo interno e harmonia perfeita (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 7.17-30)⁸⁷.

⁸⁷ No original: Καὶ καθότι πολλοὶ τῶν φαντασθέντων συνυπάρχειν ἐξ αἰδίου τῷ Θεῷ τὸν κόσμον, οὐχὶ γεγενῆσθαι παρ' αὐτοῦ συνεχώρησαν, ἀλλ' οἰοῦναι ἀποσκίασμα τῆς δυνάμεως αὐτοῦ ὄντα αὐτομάτως παρυποστῆναι· καὶ αἴτιον μὲν αὐτοῦ ὁμολογοῦσι τὸν Θεόν, αἴτιον δὲ ἀποραιρέτως, ὡς τῆς σκιάς τὸ σῶμα, καὶ τῆς λαμπηδόνης τὸ

O aspecto literário da obra basílica não emana apenas da narração, mas sim da criatividade de Basílio em recontar os episódios do Gênesis de maneira mais detalhada e de uma beleza poética que é fruto do seu trabalho caprichoso, que somente obras literárias como seu *In Hexaemeron* poderiam produzir. Essa etapa da obra basílica revela-se como uma verdadeira arte verbal; nela a criatividade do capadócio enquanto compositor cumpre a sua função, ou seja, a de expressar eloquentemente novos entendimentos sobre um mito ancestral que considerava belo e sublime.

O que se percebe é que, ainda que fosse do seu interesse seguir o enredo do Gênesis, o que Basílio terminou por fazer foi recontar uma velha história da criação a partir de seu estilo dinâmico e erudito. Portanto, ao preencher os espaços vazios do Gênesis o capadócio termina por criar novas formas de se reportar àquele relato cosmogônico. Tais abordagens não eram feitas de maneira avulsa, foram construídas a partir de um padrão narrativo eloquente cuja proposta era apresentar a criação como sinônimo de uma orquestração onde o próprio Deus era criador dos novos temas e regente de uma suntuosa sinfonia cósmica. No próximo tópico abordaremos essas questões mais detalhadamente; todavia, concluamos nossas análises dessa primeira homilia com a seguinte passagem:

“No princípio, Deus criou o céu e a terra.” A partir desses dois extremos ele evocou toda a existência, enquanto concedeu ao céu o privilégio de senioridade, expressou para a terra um segundo lugar na existência (Basílio, *In Hexaemeron*, I, 7.30-34)⁸⁸.

O excerto citado resume bem a mensagem de Basílio nessa primeira etapa de sua obra *Hexaemeral*, isto é, de que a criação do mundo havia sido planejada pelo criador e que Deus, ao criar a natureza dos céus, de maneira muito sábia havia lhe conferido o privilégio de senioridade. A Terra também havia sido ornamentada; no entanto, tal aspecto só será revelado na segunda homilia de seu *In Hexaemeron*.

O que se pode perceber é que essa primeira parte da obra de Basílio foi composta de maneira a exaltar Moisés e narrar os gloriosos momentos da criação do universo celeste. Trata-se, portanto de uma tentativa ousada de recontar os primórdios do mundo com uma riqueza de significados que era própria da expressividade de Basílio, escritor da Antiguidade. Sua obra é

ἀπαντάζον· τὴν οὖν τοιαύτην ἀπάτην ἐπανορθούμενος ὁ προφήτης, τῇ ἀκριβείᾳ ταύτῃ τῶν ῥημάτων ἐχρήσατο εἰπών, Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεός. Οὐχὶ αὐτὸ τοῦτο τὴν αἰτίαν τοῦ εἶναι παρέσχεν, ἀλλ' ἐποίησεν ὡς ἀγαθὸς τὸ χρήσιμον, ὡς σοφὸς, τὸ κάλλιστον, ὡς δυνατὸς, τὸ μέγιστον. Μόνον γὰρ οὐχὶ τεχνίτην σοὶ ἔδειξεν ἐμβεβηκότα τῇ οὐσίᾳ τῶν ὄλων, καὶ τὰ καθ' ἕκαστον μέρη πρὸς ἄλληλα συναρμόζοντα, καὶ τὸ πᾶν ὁμόλογον ἑαυτῷ καὶ σύμφωνον καὶ ἑναρμονίως ἔχον ἀποτελοῦντα.

⁸⁸ No original: Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν. Ἐκ δύο τῶν ἄκρων τοῦ παντὸς τὴν ὑπαρξίν παρηνίξατο, τῷ μὲν οὐρανῷ τὰ πρεσβεῖα τῆς γενέσεως ἀποδοῦς, τὴν δὲ γῆν δευτερεύειν φάμενος τῇ ὑπάρξει.

um icônico retrato de como os seis dias da criação poderiam ser revisitados e recontados a partir de uma linguagem verbal sofisticada que era fruto da engenhosidade do Basílio escritor.

4.3. Do caos à ordem: a disformidade inicial da Terra e o ornamento da divina providência na segunda homilia do *In Hexaemeron*

Uma vez apresentado o proêmio da obra basílica, devemos esboçar as principais características literárias da segunda homilia do *In Hexaemeron* e os artifícios que traz consigo. É nessa homilia que se encontra um dos mais belos momentos da criação. Ali Basílio expande os limites de sua oratória e por meio de uma beleza poética relata o processo de organização de uma Terra que sai do caos para a ordem. O título dessa homilia é *A Terra era invisível e disforme*⁸⁹. Nela Basílio se ocupará da explicação do processo de formação da Terra. Por conta disso, tentará explicar o motivo do Gênesis apresentá-la como invisível e disforme. Nesse sentido, ele tentará explicar o que seria esse aspecto invisível e de disformidade da Terra, quais seriam os motivos que a fizeram encontrar-se daquela forma.

O cenário da história da criação desenvolve-se em um ambiente caótico no qual a Terra estava deformada, vazia de vida e de toda forma de beleza. Nas palavras de Basílio tratava-se de uma feiura deformadíssima. Como bom orador e escritor de ficção, ridiculariza a feiura da Terra elevando-a até a sua máxima potência.

O que faz é utilizar-se de uma narrativa mítica para montar sua obra *Hexaemeral*, seu *In Hexaemeron* termina por comportar-se como uma extensão do Gênesis, onde a história da criação é reapresentada por Basílio a partir de uma abordagem cristã dos eventos da cosmogonia bíblica. Somos adeptos do entendimento de que o mito desfruta de uma capacidade ímpar de expressar sublimes categorias de pensamento; as narrativas míticas podem ser revisitadas e recontadas e é através dessa ação que muitas obras literárias como a de Basílio surgiram.

Na Antiguidade greco-romana a literatura mítica era o principal meio através do qual o homem era educado. Isso perduraria até o tempo de Basílio, pois, conforme veremos, esse tipo de literatura buscava preparar o homem para entender seu local no *kósmos* e compreender o sentido da vida. Com o Gênesis isso também ocorrerá, e é esse o foco de Basílio com sua obra *Hexaemeral*, ou seja, narrar o mito do Gênesis para que dele pudesse extrair os mais nobres aprendizados. Sendo assim, vejamos mais uma explicação que nos auxiliará a entender a função do mito na Antiguidade.

O mito serve sempre de instância normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal. Não tem caráter

⁸⁹ No original: ΟΜΙΑΙΑ Β'. Περὶ τοῦ ἀόρατος ἦν ἡ γῆ καὶ ἀκατασκευάστος

meramente fictício, embora originalmente seja, sem dúvida alguma, o sedimento de acontecimentos históricos que alcançaram a imortalidade através de uma longa tradição e da interpretação enaltecedora da fantasia criadora da posteridade (Jaeger, 1995, p. 67).

Conforme pudemos ver o mito não possui um caráter de natureza meramente fictícia, e muito embora esteja originalmente ligado a isso não pode ser resumido somente a este aspecto. Os mitos são frutos das tradições e das interpretações que as gerações posteriores fazem sobre aquilo que receberam. Talvez residam aí as causas de suas metamorfoses, pois, à medida que um orador os transmite para a posteridade termina por modificá-lo segundo a natureza de seu discurso. É desse processo de mudança que emana a criatividade da obra basílica, ou seja, quando narra o mito ancestral através de suas próprias palavras.

Assim, as homilias que estudamos, muito embora tentem preservar a estrutura nuclear dos temas sobre os quais propõem-se a versar, terminam incorporando novos entendimentos, novas interpretações daquilo que estão por contar e, portanto, apresentam uma nova versão história da criação. Durante sua narração, Basílio preza tanto pela clareza dos assuntos que narra como também pela solenidade do estilo de seu discurso. O que se pode perceber é que tais atributos são indispensáveis para a emissão da mensagem que Basílio propunha-se a transmitir, ou seja, para passar confiança e credibilidade enquanto compositor.

Nesse sentido, o ato narrativo de seu *In Hexaemeron* está alicerçado em três bases. A primeira está relacionada ao discurso de Basílio, nela encontra-se a função do emissor, que, nesse caso, seria o capadócio. A segunda diz respeito ao conteúdo do Gênesis, é nele que se encontram os episódios a serem narrados, de sorte que cada um deles diz respeito aos seis dias da criação. Por fim, temos a última base, ou seja, a do público receptor, principal agente responsável pelo acolhimento da mensagem *Hexaemeral* emitida.

É a partir dessa tríade que o foco narrativo de Basílio se consolida. Em sua obra *Hexaemeral* o que prevalece é estruturação lógica e bem orquestrada do conteúdo que pretendia narrar, ou seja, a ordem de seu discurso, de sua capacidade de recontar criativamente os eventos do Gênesis. Dessa maneira, fica bastante evidente que, se sua mensagem não fosse clara, Basílio não poderia lograr êxito ao discorrer sobre os seis dias da criação; para alcançar tal objetivo, o capadócio constrói sua história a partir de etapas, episódios por meio dos quais aborda cada evento da criação.

Entender essas questões é importante para nossos estudos, pois, segundo Aristóteles, uma enunciação que não é clara não cumpre seu propósito imanente; se um orador, escritor ou compositor não expuser a sua mensagem com clareza sua função encontra-se comprometida. Daí advém a necessidade de aclarar o que se tenta demonstrar. Uma vez compreendido isso não

ficará difícil percebermos que o *In Hexaemeron* basiliano possuía um ofício, que, naquela ocasião, estava intimamente relacionado à arte de discorrer claramente sobre o Gênesis. Sobre a necessidade da clareza da enunciação Aristóteles dirá o seguinte:

[...] a virtude suprema da expressão enunciativa é a clareza. Sinal disso é que se o discurso não comunicar algo com clareza, não perfará a sua função própria. E ele nem deve ser rasteiro, nem acima do seu valor, mas sim adequado (*Retórica*, 1404b).

Segundo o estagirita, a clareza consistia na maior virtude do ato enunciativo. Basílio estava ciente disso e é por isso que tenta explicar com a maior riqueza de detalhes o que significava cada uma das palavras do Gênesis. Essa era a função de seu discurso, ou seja, transmitir da maneira mais clara possível como o mundo surgiu, e é isso que tentará fazer enquanto orador e também escritor que evangelizava.

Uma estratégia bastante pertinente para os que se propõem a esclarecer determinado assunto era a de recorrer ao uso de metáforas e símiles; no entanto, o uso de tais artifícios dependeria da engenhosidade do orador. Se fosse um bom conhecedor das estratégias retóricas que enrobusteceriam seu discurso, conseqüentemente, saberia empregá-las da melhor maneira possível. Basílio não se esquivou do uso dessas estratégias, já que, como orador, era conhecedor da necessidade delas, e, portanto, utilizou-as para melhorar sua história da criação.

Em linhas gerais, o que se pode dizer é que o emprego de uma linguagem metafórica por parte de Basílio servia para ilustrar sua mensagem sobre o Gênesis. Não é difícil perceber que ao comentar os episódios da criação o capadócio usava essa figura de linguagem para trazer um tom mais cativante para sua fala. Salientamos tal questão pois entendemos que Basílio precisava envolver sua audiência; portanto, precisava evitar certa monotonia durante seu discurso.

O que se percebe é que o percurso a ser trilhado não era simples, a sua mensagem não deveria ser apenas clara, mas acima de tudo elegante, e é por conta disso que prezará pela beleza de seu discurso. Em outras palavras, o que se pode dizer é que a mensagem de sua obra *Hexaemeral* deveria ser solene, pois, segundo Basílio, seu discurso transmitia excelsas verdades acerca da criação do mundo. Todas essas características são pistas que nos fazem entender que ao ler a obra de Basílio não estamos diante de uma cópia do Gênesis, mas sim de uma outra obra literária que estava a serviço de uma literatura “maior”.

É nisso que reside a principal diferença entre a obra de Basílio e as demais obras *Hexaemerais* de seu tempo, na inauguração de uma nova forma de lidar com a cosmogonia do Gênesis. Em seu *In Hexaemeron* Basílio é mais que um narrador que não se exime de exclamar as maravilhas bíblicas que estava por contar. Talvez seja este o motivo que o fez iniciar sua

segunda homilia chamando a atenção para a profundidade de significados que havia encontrado quando pronunciou seu primeiro discurso. Sendo assim, vejamos como Basílio se expressará acerca disso:

De manhã, nós nos ocupamos com a explicação de umas poucas palavras, e descobrimos tanta profundidade de significado escondida nelas, a ponto de nos desesperarmos completamente com as seguintes. Pois se os átrios dos Santos são assim, e os propileus do Santuário são tão veneráveis e sublimes, que deslumbram com excesso de beleza os olhos de nossa inteligência, qual será o Santo dos Santos? E quem terá ousadia suficiente para entrar no Santuário dos Santos? Ou quem examinará os mistérios? Pois a sua contemplação também é inacessível, é difícil explicar com exatidão a palavra apreendida pela mente (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 1.1-5)⁹⁰.

É dessa forma que Basílio inicia sua segunda homilia, ou seja, declarando a profundidade de significados que existe por traz da cosmogonia bíblica. Aqui Basílio utiliza-se de um elemento metafórico para referir-se aos primeiros momentos do Gênesis; portanto, apresenta-os como átrios dos santos (τὰ προαύλια τῶν ἁγίων). Para Basílio, os momentos iniciais do Gênesis são apenas um pequeno vislumbre das maravilhas que serão contadas; trata-se apenas de pátio do templo, uma espécie de porta que antecede o santuário. Por isso os propileus do templo (τὰ προπύλαια τοῦ ναοῦ), naquela ocasião, seriam considerados por ele como veneráveis e sublimes (σεμνὰ καὶ ὑπέρογκα).

A segunda homilia de seu *In Hexaemeron* começa com o emprego de metáforas que, naquele instante do discurso de Basílio, serviam para ilustrar a admiração que o capadócio tinha em relação ao Gênesis. Suas palavras deixam muito claro que tanto ele como seus ouvintes estavam diante de uma história excelsa, já que, segundo ele, a cosmogonia do Gênesis possuía um exagero de beleza que deslumbraria os olhos das suas inteligências (τῇ ὑπερβολῇ τοῦ κάλλους τοὺς ὀφθαλμοὺς τῆς διανοίας ἡμῶν περιαστρέπτοντα). Daí a necessidade de seus ouvintes se purificarem para apreciarem os augustos espetáculos do Gênesis.

A forma como Basílio se expressa reflete bem suas habilidades de orador, mas igualmente de literato. A passagem que trouxemos é um exemplo disso. Nela podemos ver que a própria metáfora “olhos da nossa inteligência” diz respeito à capacidade reflexiva do gênero humano, que, através de seu pensamento, pode refletir sobre temas de grande complexidade como é o caso do Gênesis. A argumentação de Basílio é clara, os mistérios do Gênesis só

⁹⁰ No original: Μικροῖς ἔωθεν ἐνδιατρίψαντες ῥήμασι, τοσοῦτον ἀποκεκρυμμένον τὸ βάθος τῆς διανοίας εὗρομεν, ὥστε τῶν ἐφεξῆς παντελῶς ἀπογνῶναι. Εἰ γὰρ τὰ προαύλια τῶν ἁγίων τοιαῦτα, καὶ τὰ προπύλαια τοῦ ναοῦ οὕτω σεμνὰ καὶ ὑπέρογκα, τῇ ὑπερβολῇ τοῦ κάλλους τοὺς ὀφθαλμοὺς τῆς διανοίας ἡμῶν περιαστρέπτοντα, ποταπὰ τὰ ἅγια τῶν ἁγίων; καὶ τίς ἰκανὸς κατατολμῆσαι τῶν δύτων; ἢ τίς ἐπόψεται τὰ ἀπόρρητα; Ἀπρόσιτος μὲν γὰρ αὐτῶν καὶ ἡ θεά, δυσερμήνευτος δὲ παντελῶς τῶν νοηθέντων ὁ λόγος

poderiam ser contemplados mediante um exercício de purificação. Se a mente humana não estivesse preparada para a hercúlea tarefa de purificar-se, então não poderia contemplar a beleza daquele relato cosmogônico.

O espanto de Basílio é notório, e por conta disso pergunta quem teria a ousadia de avançar em direção ao santo dos santos (καὶ τίς ἱκανὸς κατατολμῆσαι τῶν δύτων;). Em outras palavras, está perguntando quem seria ousado o suficiente para aproximar-se da irradiante mensagem do Gênesis. A metáfora empregada para referir-se ao Gênesis está ornada de um simbolismo muito forte. Para o capadócio a história de Moisés é como um santuário de revelações majestosas e sublimes.

O santo dos santos é compreendido aqui como sendo os maravilhosos eventos da criação do céu e da Terra, e é por conta disso que pergunta quem poderia examinar tais mistérios (ἢ τίς ἐπόψεται τὰ ἀπόρρητα;). Tais indagações não são proferidas em vão; pelo contrário, elas revelam a cautela em narrar e comentar os episódios da cosmogonia do Gênesis e a necessidade de preparar-se para ouvir sua narração sobre o início de tudo.

O que se pode inferir é que, segundo Basílio, a criação é entendida como símbolo do poderio ilimitado de Deus, e que, portanto, só poderia ser contemplada se os fiéis purificassem seus ouvidos e suas almas para aprender as magnânimas lições da criação. O centro da mensagem da homilia reside na afirmação de que há um mistério desvendado por poucos nas palavras do Gênesis, já que, segundo ela, a contemplação dessas palavras seria inacessível.

Tal metáfora é utilizada por Basílio de uma forma icônica, pois, segundo o capadócio, a palavra apreendida pela mente era difícil de se explicar (δυσερμήνευτος δὲ παντελῶς τῶν νοηθέντων ὁ λόγος;). Sua narração sobre o Gênesis tinha a difícil tarefa de transmitir temas complexos; em outras palavras, seria difícil de explicar a palavra do Gênesis, e por mais que outrora fosse captada pela mente dos ouvintes, necessitava de um comentarista, um interlocutor como Basílio, que através de sua narração a esclareceria.

Para Basílio, o Gênesis provocava esse efeito espantoso em todo aquele que fosse perscrutar as sabedorias contidas nele, e disso o seu público não poderia eximir-se. Tal artifício era algo próprio de seu perfil retórico e diegético. A forma como apresenta o estado caótico em que a Terra se encontrava era devida à ausência de uma ordem divina que ainda não havia embelezado o mundo. Segundo Basílio, o universo criado só havia se tornado belo devido ao ativo comando de Deus, que conferira razão de ser para cada objeto da criação.

De certa forma, pode-se dizer que Basílio emprega uma análise estética quando versa sobre essas questões de beleza e feiura da Terra e é a partir dessa discussão sobre o estado deformado da Terra que ele narra os eventos da organização da Terra de uma maneira sublime

e poética. Para Basílio, a Terra, em seus momentos iniciais, não desfrutava de uma beleza própria, ou seja, encontrava-se deformada, em um estado tão caótico a ponto de ser tida como invisível.

Foi somente após o criador do *kósmos* dar ordem ao mundo caótico que a Terra atingiu sua completa formação. Para Basílio, foi seu prodigioso poder que a tornou bela, cheia de vida e perfumada com o odor dos seus jardins de belas flores. É nesse caminho que segue a argumentação de Basílio; é a partir disso que sua história se desenvolve. A partir dessa engenhosidade poética Basílio estabelece o tom progressivo de seu relato.

A beleza, a ordem e majestuosidade da Terra não apareceram de uma vez. Pelo contrário, havia ocorrido de uma forma gradual. O argumento de Basílio é claro, a criação segue um processo lógico e bem ordenado; ela migra do caos para a ordem, trilha pela senda de um comando divino que a faz desenvolver-se de um nível singular ao complexo, e isso é o que a faz sair de um vergonhoso momento de feiura para atingir um perfeito estado de beleza.

Essa é a síntese do pensamento de Basílio, ou seja, de que a formação da Terra está submissa a uma ordenação simpática, e tal orquestração emana da vontade de Deus, que transforma a desordem em ordem. De certa forma, o carro-chefe dessa segunda homilia é apontar para o entendimento de que tudo que existe fora previamente articulado pelo criador de tudo, ou seja, o Deus da sua fé, e é em torno desse ponto de vista que Basílio construirá os momentos subsequentes de seu relato sobre a formação da terra.

A forma como Basílio conta os seis dias da criação é bastante singular, tudo é fruto de uma estrutura lógica. As palavras escolhidas por ele para expressar esse emolduramento *kósmico* são cirúrgicas e nada passa despercebido de suas análises. De certa forma enxergamo-la como fruto, expressão viva de seu pensamento; trata-se da própria visão orquestrada que Basílio possuía acerca do *kósmos*. Para ele, cada elemento da criação tinha uma função específica, propósitos divinos que estavam intimamente relacionados aos intentos do criador, e é nisso que reside a literariedade da obra de Basílio, isto é, na forma como compõe uma nova versão para narrar, recontar a criação do mundo.

Para Basílio de Cesareia, o criador do mundo não havia abandonado sua criação. Após criá-la, deu-lhe uma forma e beleza especial; logo, fora o criador quem adornou uma terra que era invisível e disforme. Era como se tudo fosse fruto de um ato benevolente, nada havia sido criado em vão, tudo tinha seu propósito. A criação era uma vivaz obra de arte, recheada de belas cores e de uma logicidade interna que somente uma divindade poderia delegar-lhe. Tudo que no mundo fora criado era possuidor de uma beleza natural. Se a princípio a Terra era deformada, tal estado não durou para sempre; foi mudado, embelezado pelo demiurgo.

A partir dessa homilia uma visão simpática da criação aflorará, de maneira que Basílio transforma os eventos iniciais da Terra numa linguagem épica que aponta para uma inteligência que tudo organiza e dá forma a um mundo de caos e desordem. Trata-se de um relato épico da criação, e é isso que Basílio tenta demonstrar durante suas homilias.

É importante também assinalarmos que nessa segunda homilia há intertextualidade; por exemplo, quando a lemos é bastante comum encontrarmos citações diretas e indiretas dos demais livros da bíblia, que são os Salmos, o livro do profeta Joel e o do profeta Amós.

Pensamos que todos estes livros são citados por Basílio a fim de que com isso fosse possível montar uma história respaldada por outros consagrados autores da literatura cristã de seu tempo.

Além dessas questões, nessa segunda homilia, Basílio de Cesareia impõe-se em relação às tradições maniqueístas e gnósticas que atrelavam a deformação inicial da Terra à existência de uma presença maligna que se encontrava na criação desde os primórdios dos tempos. Basílio repreende esse modo de recontar o Gênesis salientando que a ausência de forma que havia na Terra era devida ao processo gradual por meio do qual o planeta fora ornamentado.

É a partir desses embates que a obra de Basílio ganha maior fôlego, isto é, por propor uma versão do Gênesis que estivesse em consonância com sua cosmovisão. A ficcionalidade, em outras palavras, a criatividade de Basílio resulta dessa nova ressignificação do Gênesis que sua obra *Hexaemeral* havia feito. Tal fenômeno engenhoso estava intimamente ligado a uma visão orquestrada da criação que Basílio possuía, trata-se de uma obra cujo propósito é trazer uma nova abordagem do Gênesis conforme seus intentos narrativos, unindo ali seus conhecimentos retóricos, filosóficos, cristãos e poéticos.

Através desse ato de recontar o Gênesis, Basílio apresenta o processo de criação do mundo com maior riqueza de detalhes que o mito cosmogônico em questão. Tudo isso ocorria de uma forma criativa e poética e isso pode ser visto quando relata a ação do criador como sendo responsável por coroar o mundo com um brilho celeste provindo das estrelas do céu. É assim que retrata o esplendor da criação, através de uma linguagem poética e própria da sua criatividade. Vejamos como Basílio de Cesareia encadeia tal raciocínio:

Ou, em suma, o que era a disformidade da terra? E por qual razão ela era invisível? Sem qualquer dúvida, a formação completa da terra é a sua fecundidade; germes de todas as espécies; copiosas germinações de árvores frutíferas e sem frutos; jardins de belas e perfumadas flores; e todas as plantas que pouco tempo depois germinam sobre a terra por comando de Deus, adornam aquela que a gerou. Uma vez que nada disso existia ainda, e com razão, a escritura a chamou de disforme. E podemos dizer essas mesmas coisas a respeito do céu; porque ele ainda não havia sido concluído, nem recebido seu ornamento que lhe é próprio. Porque ele ainda não era iluminado pela lua nem pelo sol, nem ornado com coroas de estrelas em seu espaço. Pois essas

coisas ainda não haviam sido geradas. De modo que tu não te desviarás da verdade se disseres que o céu também era disforme (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 1.19-32)⁹¹.

Com base na passagem supracitada, vemos um modelo de criação que era perfeitamente estruturado. A Terra estava num estado de disformidade (ἀκατάσκευος), era invisível (ἀόρατος), e isso acontecia porque, conforme nos diz Basílio de Cesareia, o resultado de sua formação completa era a fecundidade (εὐθηνία). Portanto, foi assim que sua conclusão se efetivou, recebeu as copiosas germinações advindas de árvores de todos os tipos e de jardins que com suas belas flores exalavam os melhores odores. Tudo isso, conforme a ótica de Basílio, havia sido germinado pouco tempo depois do comando do Deus de sua fé.

A passagem que citamos é muito clara em apresentar-nos um Basílio de Cesareia que enxerga na criação uma espécie de laboratório onde Deus ornamentava o universo. A criação para Basílio era como uma verdadeira obra de arte, nela o artífice do *kósmos* trabalhou embelezando-a, enformando-a. O que se pode perceber é que a história da criação que Basílio transmite é de certo modo teleológica, possui um início, meio e fim. Toda a criação era fruto da sabedoria divina que tudo ordenou.

Tal tipo de observação merece ser refletida por nós, pois, conforme pudemos observar em seu *In Hexaemeron*, a desordem também assolava a estrutura dos céus, e, segundo Basílio, tal fenômeno tinha um motivo que fazia o céu estar daquele jeito, ou seja, porque ele ainda não tinha sido concluído (ὅτι οὐκ ἐξείργαστο οὐπω οὐδὲ αὐτός) e também por não ter recebido seu ornamento próprio (οὐδὲ τὸν οἰκεῖον ἀπειλήφει κόσμον). O que se pode constatar é que, segundo a obra *Hexaemeral* basiliiana, a criação fazia parte desse engenhoso processo no qual tudo era ornamentado em conformidade com a sabedoria divina, sem ela nada poderia funcionar, e é isso que Basílio defenderá.

É perceptível que, segundo o capadócio, o motivo que fazia com que o céu estivesse nessa situação de incompletude devia-se às seguintes razões: por conta de ainda não ser iluminado pela lua nem pelo sol (ἄτε μήπω σελήνη μήτε ἡλίῳ περιλαμπόμενος), e também porque não era ornado com coroas de estrelas em seu espaço (μηδὲ τοῖς χοροῖς τῶν ἄστρον

⁹¹ No original: Ἡ ὅλως, τί τὸ ἀκατάσκευον τῆς γῆς; καὶ διὰ ποίαν αἰτίαν ἀόρατος ἦν; Ἔστι μὲν οὖν τελεία κατασκευὴ γῆς ἢ ἀπ' αὐτῆς εὐθηνία· φυτῶν παντοδαπῶν βλαστήσεις· δένδρων ὑψηλοτάτων προβολαὶ καρπίμων τε καὶ ἀκάρπων· ἀνθῶν εὐχρῶναι καὶ εὐωδία· καὶ ὅσα μικρὸν ὕστερον μέλλει τῷ προστάγματι τοῦ Θεοῦ ἐπανατείλαντα τῇ γῆ τὴν γεννησαμένην κατακοσμεῖν. Ὡν ἐπειδὴ οὐδὲν οὐπω ἦν, ἀκατάσκευον αὐτὴν εἰκότως ὁ λόγος ὠνόμασε. Τὰ αὐτὰ δὲ ταῦτα κἂν περὶ οὐρανοῦ εἴπομεν· ὅτι οὐκ ἐξείργαστο οὐπω οὐδὲ αὐτός, οὐδὲ τὸν οἰκεῖον ἀπειλήφει κόσμον, ἄτε μήπω σελήνη μήτε ἡλίῳ περιλαμπόμενος, μηδὲ τοῖς χοροῖς τῶν ἄστρον κατεστεμμένος. Οὐπω γὰρ ταῦτα ἐγεγόνει. Ὡστε οὐχ ἁμαρτήσεις τῆς ἀληθείας, κἂν τὸν οὐρανὸν ἀκατάσκευον εἴτης.

κατεστεμμένος). A metáfora que Basílio emprega para comparar as estrelas do espaço com coroas responsáveis por orná-lo reforça o lado poético de Basílio e do significativo conhecimento de retórica que o capadócio possuía, construindo um discurso solene e com uma exuberante riqueza de significados. Mais adiante, Basílio explora outros motivos que faziam a Terra ser descrita como invisível:

Ou porque o homem ainda não era o seu espectador, ou porque estava submersa, inundada pela água, e não podia ser claramente vista. Pois as águas ainda não estavam reunidas em seus próprios conjuntos, as mesmas que mais tarde Deus reuniu e chamou de mares. O que é uma coisa invisível? Por um lado, o que não se pode contemplar com os olhos da carne, como a nossa mente; por outro, é aquilo que, por ser visível por natureza, esconde de volta um corpo que lhe sobrepõe, como o ferro que está na profundidade. Conforme isso, acreditamos que a terra é algo invisível como é manifesto, e que ela está escondida pela água. Contudo, porque a luz ainda não existia, não havia nada de admirável, permanecendo na escuridão, porque o ar por cima dela era privado de luz, é dita invisível pela Escritura também por isso (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 1.36-45)⁹².

De acordo com a leitura do excerto supracitado, a Terra estava invisível e disforme por alguns motivos que ainda não abordamos, um deles estando intimamente relacionado à inexistência do gênero humano. Como não havia pessoas para contemplá-la, então não poderia ser vista, ou melhor, estava invisível. Basílio é pedagógico em sua ilustração; para o capadócio, invisível seria tudo aquilo que não poderia ser visto com os olhos da carne, como a nossa mente (ὡς ὁ νοῦς ὁ ἡμέτερος), ou também um objeto que se encontra sobreposto por outro, como um ferro que se encontra nas profundezas (ὡς ὁ ἐν τῷ βυθῷ σίδηρος).

A exposição é muito detalhista, a Terra encontrava-se invisível por conta de muitos fatores, ou seja, por estar escondida pelas águas (καλυπτομένην ὑπὸ τοῦ ὕδατος), por conta de a luz ainda não existir (μήπω τοῦ φωτός γενηθέντος), por causa do ar que pairava sobre ela estar privado de luz (διὰ τὸ ἀφώτιστον εἶναι τὸν ὑπὲρ αὐτῆς), tais eram os fatores que a faziam ser invisível. Essa riqueza de informações é uma assinatura do estilo erudito de Basílio, que, naquela ocasião, propunha-se a aclarar ao seu público a maneira teatral como a criação do mundo ganhou forma.

⁹² No original: ἢ ὅτι οὐπω ἦν αὐτῆς ὁ θεατῆς ἄνθρωπος, ἢ ὅτι ὑποβρύχιος οὖσα ἐκ τοῦ ἐπιπολάζοντος τῆ ἐπιφανείᾳ ὕδατος οὐκ ἠδύνατο καθορᾶσθαι. Οὐπω γὰρ ἦν συναχθέντα τὰ ὕδατα εἰς τὰ οἰκεῖα συστήματα, ἅπερ ὕστερον ὁ Θεὸς συναγαγὼν προσηγόρευσε θαλάσσας. Ἄορατον οὖν τί ἐστι; Τὸ μὲν, ὃ μὴ πέφυκεν ὀφθαλμοῖς σαρκὸς καθορᾶσθαι, ὡς ὁ νοῦς ὁ ἡμέτερος· τὸ δὲ, ὃ τῆ φύσει ὄρατὸν ὑπάρχον, διὰ τὴν ἐπιπρόσθεσιν τοῦ ἐπικειμένου αὐτῷ σώματος ἀποκρύπτεται, ὡς ὁ ἐν τῷ βυθῷ σίδηρος. Καθ' ὃ σημαίνονμενον νῦν ἄορατον ἡγούμεθα προσειρησθαι τὴν γῆν καλυπτομένην ὑπὸ τοῦ ὕδατος. Ἐπειτα μέντοι, καὶ μήπω τοῦ φωτός γενηθέντος, οὐδὲν ἦν θαυμαστὸν τὴν ἐν σκότῳ κειμένην, διὰ τὸ ἀφώτιστον εἶναι τὸν ὑπὲρ αὐτῆς ἀέρα, ἄορατον καὶ κατὰ τοῦτο παρὰ τῆς Γραφῆς προσειρησθαι.

O emprego de símiles, as comparações que utiliza, constituem-se como verdadeiros indícios da sua habilidade de narrador, ilustrador do Gênesis. Sua fala possui uma natureza propedêutica, isto é, de instruir seus ouvintes a entenderem da melhor maneira possível o conteúdo do Gênesis. Os seis dias da criação apresentam-se como uma verdadeira performance do sublime poderio de Deus; são fruto de um processo engenhoso e neles a divindade lidou com sua obra do mesmo modo como um artesão dá forma àquilo que pretende criar.

O que se pode perceber é que a capacidade de narrar, discorrer sobre passagens obscuras da narrativa bíblica foi o que fez Basílio destacar-se como autor de sua época; a forma criativa como ilustra questões que no Gênesis serve para fazer-nos pensar sobre a sua inventividade de criar modais narrativos sobre o texto. A ficcionalidade reside na sua nova forma de apresentação deste livro bíblico, nas palavras que empregou para discorrer sobre temas de grande complexidade da narrativa mítico-religiosa que estava por contar. Embora seja essa a saída encontrada por Basílio para explicar temas obscuros que o Gênesis possuía, ele não o desmerece por isso.

O que tenta demonstrar é que os episódios sublimes do Gênesis precisavam ser contados, explicados a partir de uma performance criteriosa, e é isso que se propõe a fazer. Trata-se de uma perspicácia singular do capadócio, ou seja, de montar um relato do Gênesis segundo seus métodos de elocução e de seu estilo literário. Sua habilidosa forma de recontar os episódios do Gênesis só fora possível devido à sua versatilidade de intelectual e escritor da época para trazer novas roupagens; era uma responsabilidade grande que Basílio assumira como literato.

Em sua obra *Hexaemeral* podem-se perceber nitidamente marcas da originalidade do capadócio enquanto autor. A maneira harmônica como compreende os fenômenos da criação é uma marca indelével de seu estilo de compositor. Cada vez que abordou os temas da criação, toda e qualquer análise que fugisse dos parâmetros abordados por Basílio, ou seja, que fosse contra a sua leitura cristã, era encarada como superficial, desprovida de qualquer critério de legitimidade. O que está em jogo é a versão de Basílio sobre o Gênesis, e não o Gênesis em si.

Conforme salientamos em outros momentos, o que em certa medida move Basílio é a necessidade de também fazer uma apologia ao mito ancestral do Gênesis de acordo com suas categorias de abordagem. Sendo assim, todos que negassem essa visão orquestrada e simpática da criação deveriam ser combatidos. Para Basílio, aqueles que enxergavam qualquer natureza do mal presente nas Escrituras tinham intentos espúrios, ou seja, queriam distorcer o significado das escrituras e a beleza da criação.

Logo, o relato que melhor explicava o Gênesis provinha de sua obra *Hexaemeral*, pois ela não se desviava do enredo bíblico e nem deixava de apresentar uma visão solene e

harmoniosa da criação. A compreensão de Basílio é a que deveria prevalecer, sua visão de como havia ocorrido a criação era a que deveria vigorar. Sendo assim, vejamos como o capadócio continua suas explicações sobre a natureza invisível e disforme da terra:

Mas os falsificadores da verdade, que não instruem a sua mente para seguir a Escritura, mas distorcem a sua própria intenção quanto ao significado das Escrituras, dizem isso por meio destas palavras para dar a entender o que é a matéria. Pois ela, diz-se, é por natureza invisível e disforme, que ela não tinha qualidade por sua própria condição, porque estava distante de cada forma e aparência, a que o artífice deu forma quando a concebeu por sua própria sabedoria, também a conduziu à ordem, e desse modo, através dela deu existência às coisas visíveis. Se então ela não está criada, primeiro ela é semelhante em honra a Deus e digna das mesmas prerrogativas de ancianidade. Que seria mais impiedoso que isso, o que não tem qualidade, forma, extremamente disforme, feiura atípica (pois faço uso dessas mesmas palavras para eles) ser digno da mesma honra do sábio, poderoso, belíssimo artífice e criador do Universo? (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 2. 5-10)⁹³

A passagem supracitada mostra-nos que Basílio emprega uma antonomásia para referir-se aos indivíduos que não aceitavam aquela cosmogonia em questão, por isso os chama de “os detratores da verdade” (οἱ παραχαράκται τῆς ἀληθείας). Esse é um bom exemplo que nos mostra como sua oratória funcionava e era igualmente presente em seus escritos; ela, por sua vez, tinha a função apologética de auxiliá-lo na defesa da sua fé.

Estamos certos de que ao dissertar sobre estes temas, Basílio terminava por elevar o nível da mensagem de sua obra *Hexaemeral*. Os temas que o próprio elege como “obscuros” tinham a serventia de proporcionar-lhe um pano de fundo para expor sua versão da narrativa mítica em questão. Tais assuntos eram explorados no intuito de passar cada vez mais ao seu público a imagem de um profundo conhecedor dos temas da criação.

Basílio narra a criação de maneira muito entusiasmada. Posteriormente há de demonstrar como tal processo foi concebido pelo artífice de tudo. Portanto, apresenta em sua narração o entendimento de que Deus criou o mundo de um nada absoluto, tudo que existia era fruto de uma projeção bem articulada de um sistema bem elaborado, cada objeto existente na criação havia sido maquinado pela mente sapientíssima de Deus.

Basílio evangeliza e deixa esta missão para a posteridade por meio de sua literatura; traz novas abordagens para explicar o processo de criação do céu e da terra, e, uma vez que o Gênesis

⁹³ No original: Ἄλλ' οἱ παραχαράκται τῆς ἀληθείας, οἱ οὐχὶ τῇ Γραφῇ τὸν ἑαυτῶν νοῦν ἀκολουθεῖν ἐκδιδάσκοντες, ἀλλὰ πρὸς τὸ οἰκεῖον βούλημα τὴν διάνοιαν τῶν Γραφῶν διαστρέφοντες, τὴν ὕλην φασὶ διὰ τῶν λέξεων τούτων παραδηλοῦσθαι. Αὕτη γάρ, φησὶ, καὶ ἀόρατος τῇ φύσει καὶ ἀκατασκευάστος, ἄποιος οὐσα τῷ ἑαυτῆς λόγῳ, καὶ παντὸς εἶδους καὶ σχήματος κεχωρισμένη, ἦν παραλαβὸν ὁ τεχνίτης τῇ ἑαυτοῦ σοφίᾳ ἐμόρφωσε, καὶ εἰς τάξιν ἤγαγε, καὶ οὕτω δι' αὐτῆς οὐσίωσε τὰ ὁρώμενα. Εἰ μὲν οὖν ἀγέννητος αὕτη, πρῶτον μὲν ὁμότιμος τῷ Θεῷ, τῶν αὐτῶν πρεσβειῶν ἀξιουμένη. Οὐ τί ἂν γένοιτο ἀσεβέστερον, τὴν ἄποιον, τὴν ἀνειδεον, τὴν ἐσχάτην ἀμορφίαν, τὸ ἀδιατύπωτον αἴσχος (τοῖς γὰρ αὐτῶν ἐκείνων προσρήμασι κέχρημαι) τῆς αὐτῆς προεδρίας ἀξιουῦσθαι τῷ σοφῷ καὶ δυνατῷ καὶ παγκάλῳ δημιουργῷ καὶ κτίστη τῶν ὄλων;

não esclarecia totalmente como fora esse processo, Basílio tenta então ilustrá-lo criativamente, e com isso faz com que sua mensagem ecoe em outros tempos, em escritores que elaboraram obras influenciadas por seu *In Hexaemeron*.

Mas Deus, antes de algo que é visível agora ter sido gerado, pensou, e trouxe para existência as coisas que não existiam, e ao mesmo tempo escolheu qual tipo de natureza o mundo deveria ser, e por meio da sua forma conduziu a matéria que lhe era adaptada. E ao céu impôs um limite que por natureza lhe era necessário; e à forma da terra forneceu-lhe a essência que lhe era própria e devida. Fogo, água e ar modelou como queria, e ele lhes trouxe uma essência como a razão de cada um desses que surgiram exigia. Ele uniu todo o mundo que não era homogêneo a uma comunhão e harmonia por meio de uma lei inquebrável de amizade; de tal modo que as coisas que aparentavam separadas e distantes das demais foram unificadas por meio de uma harmonia (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 2.47-58)⁹⁴.

O que se pode perceber é que o que Basílio faz é tentar desenvolver ainda mais questões não especificadas pelo Gênesis. A descrição detalhada dele é fruto de sua inventividade de escritor, e não necessariamente do Gênesis, já que o mito é usado apenas como um enredo, isto é, como possuidor dos episódios acerca dos quais discorrerá mais detalhadamente.

Como já havíamos dito, o *In Hexaemeron* basiliano não é o Gênesis, é um desenvolvimento, uma versão recontada do mito em questão. Tal artifício é próprio da versatilidade de Basílio, da sua capacidade de orquestrar novos entendimentos, de formular novas palavras, sistematizar exemplos, empregar metáforas e analogias, recursos que desde a *Poética* de Aristóteles eram associados a textos literários, para contar a sua versão sobre os eventos bíblicos da criação.

A forma como o capadócio concebe a criação é fruto de sua narração, do estilo épico adotado por Basílio. A concatenação das ideias, a forma como dá ligadura para os episódios por ele narrados são frutos da sua performance artística, isto é, da tessitura que deu para cada evento que se propôs a desvendar. Tudo que expôs fora pensado, orquestrado de maneira a constituir um todo, ou seja, um relato completo de como a criação se sucedera; em outras palavras, tudo é fruto da forma como confeccionou sua obra *Hexaemeral*.

O que se percebe é que não há literatura *Hexaemeral* sem as versões desses narradores; a diferença entre o enredo do Gênesis e as histórias contadas por Basílio diz respeito às suposições que faz, à ficção que desenvolve sobre esse modelo de criação orquestrado. Por exemplo, em nenhum momento a narrativa bíblica aborda como ou se ocorreu modelação de

⁹⁴ No original: 'Ο δὲ Θεὸς, πρὶν τι τῶν νῦν ὀρωμένων γενέσθαι, εἰς νοῦν βαλόμενος καὶ ὀρμήσας ἀγαγεῖν εἰς γένεσιν τὰ μὴ ὄντα, ὁμοῦ τε ἐνόησεν ὁποῖόν τινα χρὴ τὸν κόσμον εἶναι, καὶ τῷ εἶδει αὐτοῦ τὴν ἀρμόζουσαν ὕλην συναπεγέννησε. Καὶ οὐρανῷ μὲν ἀφόρισε τὴν οὐρανῷ πρέπουσαν φύσιν· τῷ δὲ τῆς γῆς σχήματι τὴν οἰκείαν αὐτῇ καὶ ὀφειλομένην οὐσίαν ὑπέβαλε. Πῦρ δὲ καὶ ὕδωρ καὶ ἀέρα διεσχημάτισεν τε ὡς ἐβούλετο, καὶ εἰς οὐσίαν ἤγαγεν ὡς ὁ ἐκάστου λόγος τῶν γινομένων ἀπῆτει. Ὅλον δὲ τὸν κόσμον ἀνομοιομερῆ τυγχάνοντα ἀρρήκτω τινὶ φιλίας θεσμῷ εἰς μίαν κοινωνίαν καὶ ἀρμονίαν συνέδησεν·

formas da água, do ar. O Gênesis não discorre sobre a natureza desses entes criados, nem sobre que tipo de elemento os unia. Todavia, Basílio aborda tais temas e é nisso que reside sua veia literária.

Para o capadócio o Deus de sua fé havia delimitado a natureza necessária para a existência do céu, da terra e de todos os entes criados. Para Basílio, o Deus criador de tudo havia modelado fogo (πῦρ), água (ὑδωρ) e ar (ἀέρα) do modo como queria (ὡς ἐβούλετο). A narração de Basílio expunha para sua audiência um entendimento mais amplo, de que na criação todo o universo havia sido planejado e executado de uma maneira ímpar. Segundo as próprias palavras de Basílio, o Deus criador havia unido todo o mundo através de uma comunhão universal, isto é, por meio de uma lei inquebrável de amizade responsável por tudo ordenar. Sua forma de reelaborar a narrativa bíblica confere originalidade à sua escrita, que se tornará modelar.

Ao ler-se as passagens dessa obra *Hexaemeral* estamos diante de uma nova narrativa, ou seja, da versão de Basílio. Ele é quem fala sobre a confecção das formas, essências dos seres da Terra, quem compõe essa história. Muito embora haja um pano de fundo que possibilite novas abordagens, será o capadócio quem trará a incorporação desses novos elementos, seu *In Hexaemeron* é que apresentará essas novas possibilidades:

Deus fez o céu e a terra; não a metade de cada um, o céu inteiro e a terra inteira, porque a mesma essência foi juntada à forma. Pois ele não é um inventor de formas, mas criador da mesma natureza dos seres (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 3. 1-4)⁹⁵.

Para Basílio o Gênesis traz uma abordagem simples da criação, objetiva. Há muitas questões que aquela narrativa mítica não abordava; todavia, será a partir de obras como a sua que a continuação dessa história se sucederá. De certa forma, entendemos que faz parte da própria forma de desenvolvimento do imaginário de um povo; mitos, tradições orais, todas passam pelo crivo da transformação. O desenvolvimento da literatura reside no âmbito da cultura, trata-se de questões que estão intimamente conectadas, de sorte que, conforme tradições são consolidadas, mitos, histórias, lendas e as demais artes também ganham novas versões.

Pensamos que a obra de Basílio faça parte de um processo natural de evolução do mito, cada história recontada por autores como o capadócio diz mais respeito ao universo simbólico em que estava inserida do que à realidade originária do mito ancestral. Suas obras consagram-se como uma espécie de arte verbal por conta dessa capacidade natural de recontar, trazer novas

⁹⁵ No original: Ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν· οὐκ ἐξ ἡμισείας ἐκάτερον, ἀλλ' ὅλον οὐρανὸν καὶ ὅλην γῆν, αὐτὴν τὴν οὐσίαν τῷ εἶδει συνειλημμένην. Οὐχὶ γὰρ σχημάτων ἐστὶν εὐρέτης, ἀλλ' αὐτῆς τῆς φύσεως τῶν ὄντων δημιουργός.

roupagens para uma antiga história cuja nova versão emana de cada linha presente nesses textos *Hexaemerais*.

Essa é uma das principais características desse tipo de literatura, fazer com que uma antiga história seja revisada e recomposta com base na engenhosidade literária desses autores. Pensamos que tal investidura só se tornou possível devido à própria natureza fluida da literatura; ela é uma espécie de laboratório do escritor, nela os autores experimentam novas misturas, cores que somadas ao padrão estético de cada um desses escritores constituem-se como verdadeiros artefatos de uma arte verbal repleta de novos tons e riqueza de detalhes.

Então, analisar os aspectos da literatura *Hexaemeral* basiliiana é uma oportunidade ímpar que se tem para investigar como a narrativa mítico-religiosa foi sendo transformada ao longo do tempo. Como havíamos mencionado anteriormente, a literatura *Hexaemeral* não é o Gênesis, é uma versão cristã da cosmogonia em questão. Cada autor que confecciona sua história da criação poderia até pautar-se nos concisos episódios da Bíblia; todavia, o que terminaram por produzir foram novas abordagens, narrativas acerca das lacunas que o mito ancestral comportava. Tais obras são um verdadeiro ato de recontar a criação. Sendo assim, vejamos mais uma passagem que ilustrará essas questões:

Mas voltemos ao início. E a terra era invisível e disforme. “É dito”, no princípio Deus fez o céu e a terra; “Ela” a “escritura” se manteve completamente em silêncio: água, ar, fogo, as propriedades dessas coisas estavam ausentes; todas elas como complemento do mundo se juntaram com toda clareza; mas a história a omitiu, treinando a nossa mente em direção a uma habilidade, permitindo-nos concluir que as coisas que restavam eram de uma pequena disformidade (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 3. 12-19)⁹⁶.

A passagem supracitada exemplifica bem como acontecia esse processo de recontar, abordar de outro modo os temas da criação. Nela vemos claramente Basílio suscitar novos relatos acerca dos silêncios das Escrituras sobre temas ainda não abordados. É a partir desses espaços que Basílio compõe sua obra, sua criatividade; a literariedade da obra basiliiana deriva dessa capacidade ímpar de criar obras cuja apresentação consagra-se como verdadeiro artefato de arte verbal. Tudo isso está intimamente relacionado à sua capacidade de performar novas versões do Gênesis, trazer novos temas para a história que estava por contar.

Todavia, é importante ressaltar que, segundo Basílio, tais omissões eram benéficas, pois isso era o que possibilitaria discorrer sobre sua história, uma providência divina que lhe

⁹⁶ No original: Πρὸς δὲ τὸ ἐξ ἀρχῆς ἐπανίωμεν. Ἡ δὲ γῆ ἦν ἀόρατος καὶ ἀκατασκεύαστος. Εἰπὼν, Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν· πολλὰ ἀπεσιώπησεν, ὕδωρ, ἀέρα, πῦρ, τὰ ἐκ τούτων ἀπογεννώμενα πάθη· ἅ πάντα μὲν ὡς συμπληρωτικά τοῦ κόσμου συνυπέστη τῷ παντὶ δηλονότι· παρέλιπε δὲ ἡ ἱστορία, τὸν ἡμέτερον νοῦν γυμνάζουσα πρὸς ἐντρέχειαν, ἐξ ὀλίγων ἀφορμῶν παρεχομένη ἐπιλογίζεσθαι τὰ λειπόμενα.

possibilitaria desenvolver as habilidades de sua “mente”, isto é, sua criatividade de narrador e escritor. A licença poética de Basílio para recontar os mistérios da criação foi o que o consagrou como um dos mais célebres autores *Hexaemerais*. A partir dessa tentativa ousada de trazer novas abordagens para o desenvolvimento daquela narrativa mítica foi que uma gama de textos passou a surgir na Antiguidade.

Nosso entendimento é de que a narração de Basílio não servia apenas como uma forma de expressar sua cosmovisão cristã, ela é mais que isso; foi a oportunidade que abraçou para consagrar-se como escritor *Hexaemeral*. Ou seja, uma vez percebendo os espaços abertos que existiam naquela cosmogonia, resolve preenchê-los a sua maneira, inaugurando então a sua própria forma de contar o Gênesis. Reforçamos: foi a partir da confecção dessa obra que um novo modelo cristão de abordar os seis dias da criação popularizou-se.

Dizemos isso pois, de todos os seus textos, suas poéticas homilias sobre os Salmos, sua vasta produção epistolar e demais obras de teologia dogmática, como fora seu tratado sobre o *Espírito Santo* (374), foi o seu *In Hexaemeron* que provavelmente alcançou o posto de modelo literário mais popular a ser seguido pelos demais autores cristãos da Antiguidade. É bem provável que a literatura *Hexaemeral* tenha herdado seu nome a partir da publicação da obra basiliana. Após inaugurar seu *In Hexaemeron* a maioria dos textos da Antiguidade até a Modernidade sobre a criação do mundo não de ser associados ao nome da obra de Basílio, e, por isso, serão convencionalmente chamados de textos *Hexaemerais*.

Conjecturamos essa possibilidade por conta de entendermos que, provavelmente, foi a partir da publicação da obra de Basílio que tal tradição literária tenha se popularizado no seio dos diversos cristianismos que existiram no mundo antigo. Recontar a criação do mundo tendo por base o Gênesis é fruto da ousadia de Basílio em compor um relato que parte de uma cosmogonia ancestral no intuito de expor a criação do mundo a partir de uma ótica cristã cuja tessitura narrativa possui uma riqueza de detalhes cujo propósito é predicar o surgimento de um mundo harmônico a partir do poderio de um Deus trino.

Isso posto, convém-nos dizer que, após ter contado como Deus havia trazido ordem ao planeta deformado, Basílio conclui essa parte de sua exposição frisando mais uma vez os motivos que no princípio faziam-na estar num estado invisível e disforme. A forma como apresenta o aparecimento dos objetos da criação é bastante teatral, é como se todos os objetos da criação estivessem escondidos, e que, a partir do comando de Deus, passavam a ganhar maior transparência conforme os solenes propósitos do criador se concretizavam.

Através dessa apresentação Deus trouxe visibilidade ao seu megaprojeto. Sendo assim, conforme as luzes do intelecto divino criavam e davam forma harmônica aos entes que por ele

foram planejados, os elementos da Terra passavam a ganhar uma ordenação que fazia com que a Terra saísse de um estado de anonimato para uma situação de fertilidade e notória visibilidade.

Entretanto, nessa época nem havia um ar como cobertura da terra. Pois a natureza do ar é pouco densa e transparente, e recebe todas as formas das coisas visíveis, e as envia às visões dos que a olham. Portanto resta-nos pensar que uma água passava por cima da terra, pois a substância úmida ainda não havia sido separada para própria porção. E, de acordo com isso, a terra não era apenas invisível, mas também disforme. Pois mesmo ainda agora a terra possui um obstáculo contra sua fertilidade, o seu excesso de umidade. Essa é, portanto, a razão da sua invisibilidade e da sua deformidade! (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 3. 24- 32)⁹⁷

Ao revisitar as palavras do Gênesis, Basílio reconstrói uma história da criação cuja riqueza de significados perpassa o conciso relato do Gênesis. Sua forma detalhada de expor compassivamente cada evento da criação resulta de um trabalho refinado de escrita, da exposição sistematizada dos episódios pensados. Essa é a maneira como sua obra foi confeccionada, religando cada evento do Gênesis de maneira a compor uma narrativa completa, isto é, que fizesse parte de um todo, com início, meio e fim. É essa uma das mais célebres capacidades da literatura, desvendar o mundo para outros homens através de uma arte verbal de sentido múltívoco que é fruto da singularidade ficcional, imaginativa de cada escritor.

Assim, ao mimetizar os eventos do Gênesis, Basílio cria uma performance capaz de encenar cada evento da criação a partir de uma ficcionalidade própria de seu engenho como literato, compositor de literatura. Ao desvendar os mistérios da criação através de suas habilidades de escritor, contador de histórias, termina por recontar o mito ancestral através de uma abordagem solene, capaz de despertar em seu público um espanto, uma profunda admiração por cada ato criativo de Deus.

Para o capadócio a criação era fruto de uma ornamentação e de uma simpatia universal conferida pela própria divindade criadora para cada ser criado. Ao olhar desse modo para a criação, incrementa uma nova rede de significados que se aflorará cada vez mais durante sua própria história da criação. Nada passa despercebido a Basílio; todo o universo, céus e Terra, todos eram frutos de uma simpatia universal que unia os entes criados a partir de elos de comunhão entre as partes.

Essa riqueza de informações o Gênesis não possui, é fruto de sua inventividade de artista, compositor de literatura; essa é a natureza da literariedade de sua obra. Trata-se de um

⁹⁷ No original: Οὐ μὴν οὐδὲ ἀήρ προκάλυμμα ἦν τότε τῆς γῆς. Ἀραιὰ γὰρ καὶ διαφανὴς τοῦ ἀέρος ἡ φύσις, πάντα τὰ εἶδη τῶν ὀρατῶν δεχομένη, καὶ ταῖς τῶν ὀρώντων ὄψεσι παραπέμπουσα. Λειπόμενον τοίνυν ἐστὶ νοεῖν ἡμᾶς ὕδωρ ἐπιπολάζειν τῇ ἐπιφανείᾳ τῆς γῆς, οὐπω πρὸς τὴν οἰκείαν λήξιν τῆς ὑγρᾶς οὐσίας ἀποκριθείσης. Ἐκ δὲ τούτου οὐ μόνον ἀόρατος ἦν ἡ γῆ, ἀλλὰ καὶ ἀκατασκεύαστος. Ἡ γὰρ τοῦ ὑγροῦ πλεονεξία ἐτι καὶ νῦν ἐμπόδιόν ἐστι πρὸς καρπογονίαν τῇ γῆ. Ἡ οὖν αὐτὴ αἰτία, καὶ τοῦ μὴ ὀρᾶσθαι, καὶ τοῦ ἀκατασκεύαστον εἶναι·

texto que expande os significados daquela cosmogonia ancestral que há muito tempo havia sido criada. Sua obra *Hexaemeral* é parte de um processo natural de evolução desse mito tão importante, tanto para judeus, como também para os diferentes cristianismos da época.

O ofício desse tipo de literatura é revisitar o Gênesis e contar ao seu modo e estilo literário a beleza interna que aquela cosmogonia ancestral possuía; logo, tais obras valiam-se da ousada capacidade de detalhar cada episódio da criação. É desse processo inventivo que nasce toda a capacidade performática desses autores; de certa forma, ela emana da criatividade desses escritores, e com o capadócio isso não será diferente. Sendo assim, concluíamos a partir de uma última passagem que ilustrará bem esse aspecto criativo de sua história:

“E disse Deus, que haja luz”. A primeira palavra de Deus criou a natureza da luz, a escuridão desapareceu, dissolveu sua vergonha, embelezou o mundo, e conferiu a tudo uma visão alegre de abundante elegância. Pois o céu que até esse momento estava encoberto pela escuridão apareceu. E a beleza que vinha dele era tão grande que ainda agora nossos olhos lhes atestam. O ar foi iluminado com um brilho vivo, ou melhor, a luz que tinha estava completamente incorporada em si mesmo e espalhava sua claridade rapidamente por todas as partes até as suas fronteiras. Alcançou o próprio éter e o céu; todas as partes do mundo em toda sua extensão, o norte e o sul, o leste e o oeste, numa rápida reviravolta do tempo os iluminou (Basílio, *In Hexaemeron*, II, 7. 1- 22)⁹⁸.

Neste último excerto fica evidente o perfil criativo da narração de Basílio. A luz da criação provinha da voz de Deus; uma vez que sua voz proferira o comando de trazer ao mundo uma luz primordial, iluminou os céus e a terra, tal luz não advinha do brilho solar, e sim de um brilho divino que até o sol e demais astros ornamentou. Uma vez emanando de um plano divino, a luz trouxe beleza aos céus, uma elegância para a criação, dissipando as trevas que nela jaziam sua vergonha desapareceu e um novo brilho trouxe carisma para todo o mundo.

Ao detalhar questões sobre as quais o Gênesis não discorre, Basílio expõe-nos traços de sua criatividade, toda sua capacidade de narrar os primeiros momentos do mundo, de como a natureza funcionava desde seu estado de caos até a completa organização, o que é fruto da originalidade de Basílio como escritor. A forma como detalha os motivos por meio dos quais a

⁹⁸No original: Καὶ εἶπεν ὁ Θεὸς, γενηθήτω φῶς. Πρῶτη φωνὴ Θεοῦ φωτὸς φύσιν ἐδημιούργησε, τὸ σκότος ἠφάνισε, τὴν κατήφειαν διέλυσε, τὸν κόσμον ἐφαίδρυνε, πᾶσιν ἀθρόως χαρίεσσαν ὄσιν καὶ ἠδεῖαν ἐπήγαγεν. Οὐρανός τε γὰρ ἐξεφάνη κεκαλυμμένος τέως τῷ σκότῳ, καὶ τὸ ἀπ' αὐτοῦ κάλλος τοσοῦτον, ὅσον ἔτι καὶ νῦν ὀφθαλμοὶ μαρτυροῦσι. Περιελάμπεται δὲ ἅηρ, μᾶλλον δὲ ἐγκεκραμένον ἑαυτῷ ὅλον διόλου εἶχε τὸ φῶς, ὀξείας τὰς διαδόσεις τῆς αὐγῆς ἐπὶ τὰ ὄρια ἑαυτοῦ πανταχοῦ παραπέμπων. Ἄνω μὲν γὰρ μέχρι πρὸς αὐτὸν αἰθέρα καὶ οὐρανὸν ἔφθανεν· ἐν δὲ τῷ πλάτει πάντα τὰ μέρη τοῦ κόσμου, βόρειά τε καὶ νότια καὶ τὰ ἑῶα καὶ τὰ ἐσπέρια, ἐν ὀξείᾳ καιροῦ ῥοπῇ κατεφώτιζε.

Terra era disforme é um bom exemplo de sua capacidade enquanto contador de história, narrador dos episódios do Gênesis.

O que se pode dizer é que a função da segunda homilia é criar um pano de fundo que lhe possibilitasse desenvolver sua narração sobre a criação através de uma visão simpática e bela, ou seja, como se o universo tivesse sido projetado por uma sabedoria áurea e sublime. Sua notável habilidade de escritor dá-nos pistas de um Basílio mimético, que, através de criterioso modelo de arte verbal *Hexaemeral* foi capaz de ressignificar os seis dias da criação.

Logo, após estabelecer os fundamentos que sustentaram esse tipo de cosmovisão, montará as demais homilias de seu *In Hexaemeron* de maneira a expressar cada vez mais a destreza literária que havia por trás da sua criação. Sua narração é a síntese de uma visão pessoal do Gênesis, acrescida de aspectos bíblicos e de todos os saberes acumulados pelo escritor ao longo de sua jornada formativa e evangelizadora. O que se pode dizer é que, em seu sentido molecular, a obra basílica constitui-se como um engenhoso artifício de emulação de um mundo sublime, que somente a escrita literária é capaz de representar.

Sua obra nasce com o intuito de encenar como os eventos do Gênesis tinham acontecido. Fazer isso não era tarefa fácil, escrever sua história *Hexaemeral* demandava-lhe antes de tudo atentar para o roteiro daquela cosmogonia que tanto apreciava. Sua notável habilidade com as palavras, sua expressividade retórica e compromisso com o ato de narrar os eventos do Gênesis renderam-lhe uma obra que é um verdadeiro clássico da literatura cristã que inspirou muitíssimas gerações ao longo do tempo.

Em síntese, o que se pode dizer é que seu relato visa a contar uma história capaz de instigar a imaginação de seus ouvintes em prol de uma reflexão de um mundo sublime de fazê-los compreender que todo universo era fruto de um arrojamento fantástico que impressionava toda aquela que mergulhasse com profundidade no extraordinário mistério da criação. É assim que sua obra *Hexaemeral* vai ganhando forma, ou seja, através de uma abordagem que verá a todo instante o poderoso comando de Deus dando forma, ordem e razão de ser para cada elemento existente no *kósmos*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de nosso trabalho, e o processo do estudo que nos permitiu versar sobre Basílio escritor deu-se da seguinte forma: no primeiro momento, delimitamos os problemas, hipótese e objetivos da pesquisa. Após isso, falamos da vida e formação de Basílio escritor, ou seja, falando de sua atividade literária como forma de legitimação para um escritor cristão. Posteriormente buscamos versar sobre o seu perfil literário e a natureza de seus escritos.

Num segundo momento falamos da literatura *Hexaemeral* e da gênese da tradição. Abordar esse tema foi o que nos possibilitou entender a natureza desse tipo de obra que versa sobre os seis dias da criação, entender as circunstâncias históricas em que nasceu e como sua arte de interpretar e criar novas obras a partir de uma cosmogonia ancestral permitiu que obras como a de Basílio pudessem revisitar aquela narrativa mítica a fim de recontar o processo de criação do mundo com maior riqueza de detalhes e outros expedientes próprios à sua escrita.

Nossas explicações visaram a demonstrar que foi através do fenômeno de recepção de um mito ancestral que volumosas obras *Hexaemerais* como a de Basílio surgiram. Por conseguinte, tentamos aclarar que o principal propósito desse tipo de tradição literária tinha como intuito ressignificar as palavras do Gênesis e recontar os seis dias da criação a partir da ficcionalização de cada um dos autores.

Foi a partir dessa etapa de nosso trabalho que buscamos orquestrar os argumentos necessários para explicar a origem da obra de Basílio, a natureza de seu ofício e os critérios de sua literariedade, que, segundo pudemos demonstrar, residiam no fato de constituir-se como verdadeiro exemplo de uma arte verbal de natureza imaginativa e sentido múltívoco, ou seja, como fruto da engenhosidade e da criatividade de Basílio enquanto escritor.

Uma vez exploradas essas discussões, versamos sobre o *In Hexaemeron* basiliano e seu estilo de composição. Ao estudarmos a natureza do relato de Basílio sobre a criação, deparamo-nos com um arcebispo engajado em contar com maior riqueza de detalhes como a criação havia acontecido. Sendo assim, explicamos que o processo de confecção de sua obra *Hexaemeral* efetivou-se como fruto de linguagem ornada de uma expressividade retórica e de beleza poética que são próprias do estilo de Basílio enquanto escritor.

Esboçamos isso pois, para o capadócio, embora a cosmogonia do Gênesis possuísse um relato conciso da criação, era compreendida como uma narrativa sublime e bela. Sendo assim, o que Basílio faz é preencher os espaços vazios do mito ancestral que tanto admirava e recontar

a história da criação mais detalhadamente, seguindo sempre critérios próprios de sua cosmovisão cristã, da sua erudição e das habilidades que possuía e refletiram em sua literatura.

O que notamos é que, no interior da tradição cristã, o *In Hexaemeron* basiliano inaugura um novo modelo de história a ser contada pelos cristãos. A obra é um exemplo nítido da capacidade inventiva desses autores antigos, é fruto da sua notável capacidade criativa de montar suntuosas obras para relatarem o processo de criação do mundo.

Analisar o enredo, os episódios e temas ali abordados foi o que nos possibilitou notar que a criatividade desses autores como Basílio, a beleza estética da linguagem, e inovação da história que ali é recontada são exemplos claros de originalidade.

Ao analisarmos a história do *In Hexaemeron* basiliano, percebemos quão rico era o imaginário religioso desses autores cristãos, na tentativa de ressignificar o mito ancestral do Gênesis. A estrutura de cada um dos eventos ali narrados é um retrato icônico de toda a linguagem simbólica e mítica do período em questão. Os recursos poéticos utilizados por Basílio para se referir à majestosidade da criação são um bom exemplo de sua versatilidade enquanto orador e escritor da Antiguidade.

Pensamos que o fenômeno literário comporta a função de explicar, desvendar o mundo dos homens para os próprios homens, e foi assim que essa tradição se consagrou. É disso que trata a literatura *Hexaemeral*, ou seja, do ato de dissertar sobre os mistérios do mundo, da origem do *kósmos*, do seu embelezamento, e, muito embora esteja mais próxima de um estilo prosaico, possui certa poeticidade que é própria do ânimo de Basílio em compor uma obra bela, coerente e harmoniosa, isto é, que fosse capaz de expressar da maneira mais sublime possível um *kósmos* que era interativo e simpático⁹⁹.

É assim que a literatura *Hexaemeral* se perpetuará como uma tradição que lega para a posterioridade diferentes formas de recontar e ressignificar o Gênesis, formas do imaginário religioso da época a partir de narrativas épicas sobre os seis dias da criação. Tal fenômeno de recontar histórias da criação é o principal propósito da obra basiliana.

Em síntese, o que se pode compreender é que o ato de relatar os episódios da criação é o que singulariza tal tradição literária cristã; o que autores como Basílio farão é recontar a criação do mundo a partir de uma perspectiva cristã. No fundo, o que queriam fazer era desvendar o mundo para outros grupos, e isso é o que perpetua tal tradição ao longo do tempo, isto é, não por ser um texto científico, um tratado filosófico ou de teologia sistemática.

⁹⁹ Há no *In Hexaemeron* de Basílio a tentativa de ilustrar a beleza das constelações do céu. O jogo de palavras empregado por Basílio lembra a forma como Homero retratou a imagem do mundo no escudo do guerreiro Aquiles. Isso não é motivo suficiente para atestar uma influência indiscutível de Homero sobre Basílio; todavia, é um tanto icônica a maneira como ambos os autores descrevem o *kósmos* como algo ordenado e simpático.

Conforme já mencionamos, tais obras não são documentos normativos dos dogmas da fé, mas sim verdadeiras obras da literatura cristã que expressavam um imaginário simbólico de uma cultura.

As obras *Hexaemerais* são expressões particulares do pensamento fantástico de cada um dos autores que se preocuparam em discorrer sobre a criação. A riqueza de significados que emana de seus textos é própria de suas habilidades enquanto compositores. A maneira de recontar os seis dias faz parte de um processo natural de evolução do mito que somente a fluidez da linguagem literária é capaz de produzir, trata-se de novas formas de recontar uma história da criação.

De certa forma é essa uma das funções da literatura, desvendar o mundo para os outros homens; sem ela, tais autores jamais poderiam expressar seus diferentes entendimentos sobre aquela cosmogonia ancestral e recontar os episódios do Gênesis a partir de uma linguagem fluida e versátil. Mas a literatura é igualmente o instrumento utilizado por esses autores para expressar questões de seu imaginário; tal processo sucede a partir de uma linguagem apoteótica e de uma beleza poética que revela um verdadeiro modo mítico de ser e estar no mundo.

De certa forma, o que se pode dizer é que o mito do Gênesis recebeu muitíssimas roupagens ao longo do tempo, cada autor que versava sobre a criação recontava essa história em consonância com sua cosmovisão. O próprio Basílio faz isso, resgata passagens do texto bíblico para recontar ao seu modo a criação, tendo sempre por base o roteiro de um mito ancestral cuja autoria e data exata de composição é incerta¹⁰⁰.

O que se pode dizer é que, embora essa cosmogonia ancestral fosse muito concisa, ou seja, comportasse uma brevíssima extensão, serviu de inspiração para os mais diferentes escritores da Antiguidade comporem suas obras *Hexaemerais*. Ao revisitarem os eventos concernentes aos seis dias da criação terminaram por recontar como a origem do mundo havia se sucedido. Toda essa habilidade em interpretar e comentar os mistérios da criação era fruto de um simbolismo que era próprio do imaginário religioso de seu tempo.

Através de uma imaginação aflorada e ornadas de uma beleza poética obras *Hexaemerais* como a de Basílio terminaram por desvendar um mundo supernatural para as mais

¹⁰⁰ A crítica especializada moderna não tem hesitado em informar que tanto a data de composição como a origem de sua autoria são incertas. A crítica textual, mais especificamente a teoria das quatro fontes, indica que provavelmente seja uma composição de mais de um autor, fruto das tradições Javistas, Elohistas, Deuteronomistas e Sacerdotais. Nesse sentido, Moisés, assim como Homero e demais figuras da Antiguidade, está mais para uma figura lendária do que realmente histórica.

diferentes audiências de seu tempo. A roupagem cristã que estes autores dão aos dias da criação resulta de um processo natural de evolução do mito.

No âmbito da tradição cristã é o *In Hexaemeron* de Basílio que inaugurará novas performances, formas de abordar uma história ancestral que é muito menos detalhada. A forma como vai recontar o Gênesis diz mais respeito à sua cosmovisão do que ao próprio texto bíblico; ao dizer que a criação é fruto de uma cooperação de um Deus trinitário termina por reformular o sentido originário do mito. Para Basílio Deus Pai, Deus Filho, e Espírito Santo realizam um trabalho cooperativo de organização e embelezamento do mundo; no entanto, tal narrativa perpassa o roteiro do Gênesis.

Dizer isso é importante, pois é dessa sua capacidade singular de performar novos modos de elocução e escrita sobre a criação, de ressignificar aquela cosmogonia ancestral que tanto admirava, que seu *In Hexaemeron* nasce. Sua obra *Hexaemeral* não é um tratado filosófico, não é somente um manual de teologia sistemática ou dogmática, muito menos documento normativo de fé, como é o caso dos credos e encíclicas religiosas. Sua obra é antes de tudo literatura, expressão do pensamento de um escritor cristão, que, através de uma arte verbal, compôs um texto no intuito de narrar de maneira cristã os seis dias da criação, segundo os critérios pessoais de sua cosmovisão.

Ao preencher os espaços vazios do mito ancestral Basílio termina por recontar uma velha história cuja riqueza de significados, segundo Moisés (1970, p. 43), é própria de uma arte verbal de sentidos singular e multívoco. No cristianismo a grande obra que inaugura essa tradição é o *In Hexaemeron*, é dela que resulta o homônimo que servirá de referência para as demais obras que serão produzidas tanto no Ocidente quanto no Oriente. É do diálogo com outras artes que a tradição *Hexaemeral* ganhará forma, ou seja, como uma espécie de espelho que reflete as principais questões do imaginário religioso e social daquela época e de todo o período medieval e moderno que se seguirá; algo que, para nós, é um outro sinal de seu perfil literário.

Logo, o que podemos dizer é que a complexidade das histórias da criação ganhava melhores formas à medida que escritores como Basílio mergulhavam cada vez mais nos relatos que estavam por compor. Tal processo de confecção era inventivo, fruto da criatividade. Seu sistema interno funcionava em torno da narrativa mítica; sua narração, embora fosse fruto da criatividade desses autores, dependia de um enredo que a guiasse, mas que não os impedisse de expor ao seu modo suas versões sobre os episódios do Gênesis.

Todas essas questões levam-nos a refletir sobre a natureza simbólica da linguagem literária *Hexaemeral*. Estudar sua obra permite-nos averiguar as relações entre literatura e

imaginário, ler seu *In Hexaemeron* possibilita-nos a chance de perscrutar um universo fantástico da imaginação de um escritor compromissado em partir da natureza do mundo visível para contemplar uma realidade sublime e espantosa. Nela o mundo real e o fantástico mesclam-se de maneira a produzir um novo efeito estético de leitura e narração dos episódios do Gênesis, nas páginas de sua obra o que prevalece é uma cosmovisão mística e supernatural através da qual o poderoso comando de Deus orchestra a criação.

Tais explicações sobre o fenômeno literário possibilitam-nos ter uma compreensão mais sólida do que se trata uma tradição de escritos, isto é, de como ela se legitima enquanto tradição literária. Logo, o que tentamos demonstrar foi que a literatura *Hexaemeral* de Basílio consagrou-se por pelo menos dois motivos: pelo valor estético emanado da engenhosidade de Basílio em criar novas abordagens do Gênesis, como também pelo legado de sua tradição que, naquela ocasião, inaugurou um novo ofício, ou seja, a arte de narrar, recontar os seis dias da criação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Da Interpretação**. Tradução José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Anna Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ARISTÓTELES, **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento. Imprensa nacional: Lisboa, 2005. p. 9-305.

AYRES, Lewis; GALLWITZ, Raddle. Basil of Cesarea. In: GERSON, Lloyd. **The Cambridge History of Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 2010, 2011. p. 461-470.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Epistolae**. In: MIGNE, J.-P., ed., *S. P. N. Basilii, Caesareae cappadociae archiepiscopi. Opera omnia quae exstant*, Tomo XXXII, Patrologiae cursus completus, series graeca, vol. 48, Migne, Paris, 1857. Harvard University.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Homiliae in Hexaemeron**. In: MIGNE, Jean-Paul, ed., *S. P. N. Basilii, Caesareae cappadociae archiepiscopi. Opera omnia quae exstant*, Tomo I, Patrologiae cursus completus, series graeca, v. 29, Migne, Paris, 1857. Harvard University. 12 nov. 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=OO8RAAAAYAAJ&redir_esc=y Acesso em: 15 mar. 2022.

BASÍLIO DE CESAREIA. **Homilias sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o espírito santo**. Introdução e notas de Roque Frangiotti. Tradução: Roque Frangiotti, Monjas Benedictinas. São Paulo: Paulus, 1998.

BARBOUR, Dennis H. "Gods Determinations" and the Hexameral Tradition. **Early American Literature**, v. 16, n. 3, p. 213-225, 1981.

BEECROFT, Grace. The theology of origins: an analysis of the theological implications of popular Christian beliefs on creation and a proposal for a better solution. 2017. 65f.

Dissertação – Department of Worldviews and Apologetics, Bend Christian Academy. 2017. Disponível em: <https://hiskingdom.us/wp-content/uploads/2019/08/The-Theology-of-Origins-An-Analysis.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRANDÃO, J. L. Diegese em República 392d. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, p. 351-66, jul./dez. 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf. Acesso em: 03 fev. 2025.

COELHO, Bruno Alves. **O Hexaëmeron de Santo Ambrósio (séc. IV) e o Hexaëmeron de São Boaventura:** uma comparação necessária. 2018-2019. 125f. Dissertação (Mestrado em Identidade Europeia Medieval) – Universidade de Lleida. Lérida, 2018-2019. Disponível em: <https://repositori.udl.cat/server/api/core/bitstreams/dd5b7a68-ccf8-49dc-bcd7-43b75ebbf1b5/content>. Acesso em: 29. Mar. 2025.

COLSON, Francis H. *et al.* **Philo:** in ten volumes (and two supplementary volumes). 1930.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DE BEER, Vladimir. Aspects of patristic cosmology. **Logos: a journal of Catholic thought and culture**, v. 18, n. 3, p. 81-99, 2015.

DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 43-118, set./dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/NOVO/Downloads/administrador,+12-Resenha-Alcides+Santos.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

DI BRANCO, M. *et al.* Política e religione in Atene nel IV secolo dC: il caso del sofista Proeresio. **La Parola del Passato**, v. 66, p. 31-46, 2011.

DIGESER, Elizabeth de Palma. The Late Roman Empire from the Antonines to Constantine. In: GERSON, Lloyd P. (Org.). **The Cambridge History of Philosophy**. Nova Iorque: Cambridge Press, 2010. p. 16-24.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIALON, Eugène. **Etude littéraire sur saint Basile**. Paris: Durand, 1861.

FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética:** o sistema das artes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. 1996. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAEGER, Werner. Homero como educador. In: JAEGER, Werner. **Paideia:** A formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JAEGER, Werner; MORÃO, Artur; PERES, Teresa Louro. **Cristianismo primitivo e paideia grega**. Lisboa: Edições 70, 1991.

JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Tradução de Timothy Bahti. Minneapolis: 1982.

KATSOS, Isidoros Charalampos. **The metaphysics of light in the Hexaemeral Literature: from Philo of Alexandria to Ambrose of Milan**. 2018. 144f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pembroke College, University of Cambridge. Cambridge, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/NOVO/Downloads/ICK%20Thesis.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

KOVÁCS, Péter. Kaiser Julian in Pannonien, über Pannonien. **From Polites to Magos, Studia György Németh sexagenario dedicata**, p. 169-187, 2016.

LEFTEL, Ruth. O mito do Oriente Antigo: o mito bíblico. **Revista de Estudos Orientais**, n. 1, p. 25-32, 1997.

LINHARES, Temístocles. Gêneros poéticos. **Revista Letras**, Curitiba, v. 1, p. 5-27, 1953. Disponível em: <file:///C:/Users/NOVO/Downloads/admdoi,+18638-65970-1-CE.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

MIGNE, Jean-Paul. **Patrologiae: cursus completus**. Série Grega. Paris, 1857.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.

ORDÓÑEZ-LÓPEZ, Pilar. **The misery and Splendour of translation: a classic in translation studies**. 2009. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=29bb9ddbadb28ace810f4232ef95cdee391f0487>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PLATÃO. **Íon**. Tradução de Victor Jabouille. Lisboa: Editorial Inquérito, 1988.

RADDE-GALLWITZ, Andrew. Powers and properties in Basil of Caesarea's. In: MARMODORO, Anna; VILTANIOTI, Irini-Fotini (Orgs.). **Divine powers in Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 199.

RAPP, Claudia. The elite status of Bishops in Late Antiquity in ecclesiastical, spiritual, and social contexts. **Arethusa**, v. 33, n. 3, p. 379-399, 2000.

ROBBINS, Frank Egleston. **The Hexaemeral Literature: a study of the Greek and Latin commentaries on Genesis**. Chicago: University of Chicago Press, 1912.

ROSEN, S. *Plato's Republic: a study*. Londres; New Haven: Yale University Press, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.

RUNIA, David Theunis *et al.* (Orgs.). **Sobre a criação do cosmos segundo Moisés**. Brilho, 2001.

SANDWELL, Isabella. How to teach Genesis 1.1-19: John Chrysostom and Basil of Caesarea on the creation of the world. **Journal of early Christian studies**, v. 19, n. 4, p. 539-564, 2011.

SILVA, M. A. O. **Da arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Ática, 1989.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Madri, Espanha: Gredos, 1978.

TACCA, Oscar; GOUVEIA, Margarida Coutinho. **As vozes do romance**, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TORRANO, Jaa. **Sentido de Zeus: o mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

VAN HOOFF, Lieve. Performing paideia: Greek culture as an instrument for social promotion in the fourth century AD. **The Classical Quarterly**, v. 63, n. 1, p. 387-406, 2013.

VAN HOOFF, Lieve. Libanius' life and life. In: VAN HOOFF, Lieve. **Libanius: a critical introduction**, 2014. p. 7-38. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35215054/Van_Hoof_Libanius_life_and_life_proofs-libre.pdf?1413867662=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DVan_Hoof_L_2014_Libanius_life_and_Life_I.pdf&Expires=1743212104&Signature=Ug6Jl6VCAyV23rOr3vDK3QIfwbwxz1B8CgaapdU2tCdueozHwer7eqYjugvudNp91EB5Q8-GcDUqCqX98SM14puHL6nX9-j87hgOlvBF8y~n-r-2i0LY8NzvThla5xQofa1sRy~yxj7jqtzmzhnkm~63szQDeyhzWEeu8ett203g1jrJ6a1NKK2zI1Qjx7K84aK4Aa77a7J119SAOPMC0oVQxtXxAbBkYFgbv61TiVnwd4RSg-h7z2lLyx4CmKeLbIdKHwYzOzl-ZlcP43C2UzzfVP-14wNsulZTcSexka8j1j285rbaB-43R9FFmKXJn9z5m3dIDHx8PprDD33nPrg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 28 mar. 2025.

VASCONCELOS, Miguel Cabedo e. **O lugar da literatura clássica na formação do homem cristão, no pensamento de São Basílio de Cesareia: estudo e tradução da obra *Ad adolescentes de legendis libris gentilium***. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) - Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/NOVO/Downloads/content%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/NOVO/Downloads/content%20(2).pdf). Acesso em: 28 mar. 2025.

ZAÑARTU, Sergio. El origen del universo y del hombre según Filón de Alejandría en su libro. **Teología y vida**, v. 22, n. 1, p. 31-50, 1981.